

Almanach illustrado do Jornal



O SECULO 1908

XII ANNO



Nebiolo & C.^{ia}

TURIM, MILÃO, GENOVA

Sociedade anonyma por acções

Capital 5.000:000 de liras

FUNDIÇÃO DE

CARACTERES TYPOGRAPHICOS

FABRICA DE MACHINAS

Representante

JOSÉ RAU

R. DA PADARIA, 8, 2.º

LISBOA

ALMANACH ILLUSTRADO DO JORNAL O SECULO

1908
12
ANNO



CALENDARIO PARA ESCRIPTORIO

ANNO DE 1908

ANNO DE 1909

JANEIRO		MAIO		JULHO		SETEMBRO		JANEIRO		MAIO		JULHO		SETEMBRO	
D.	5121926	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	D.	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431
2. ^a	6132027	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	2. ^a	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825
3. ^a	7142128	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	3. ^a	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926
4. ^a	8152229	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	4. ^a	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027
5. ^a	9162330	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	5. ^a	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128
6. ^a	310172431	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	6. ^a	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229
S.	4111825	29162330	29162330	29162330	29162330	29162330	29162330	S.	29162330	29162330	29162330	29162330	29162330	29162330	29162330
FEVEREIRO		JUNHO		AGOSTO		OUTUBRO		FEVEREIRO		JUNHO		AGOSTO		OUTUBRO	
D.	29162330	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	D.	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128
2. ^a	310172431	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	2. ^a	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229
3. ^a	4111825	9162330	9162330	9162330	9162330	9162330	9162330	3. ^a	9162330	9162330	9162330	9162330	9162330	9162330	9162330
4. ^a	5121926	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	4. ^a	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431
5. ^a	6132027	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	5. ^a	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825
6. ^a	7142128	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	6. ^a	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926
S.	8152229	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	S.	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027
MARÇO		JULHO		SETEMBRO		NOVEMBRO		MARÇO		JULHO		SETEMBRO		NOVEMBRO	
D.	18152229	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	D.	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926
2. ^a	29162330	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	2. ^a	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027
3. ^a	310172431	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	3. ^a	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128
4. ^a	4111825	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	4. ^a	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229
5. ^a	5121926	9162330	9162330	9162330	9162330	9162330	9162330	5. ^a	9162330	9162330	9162330	9162330	9162330	9162330	9162330
6. ^a	6132027	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	6. ^a	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431
S.	7142128	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	S.	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825
ABRIL		AGOSTO		DEZEMBRO		FEBRIL		ABRIL		AGOSTO		DEZEMBRO		FEBRIL	
D.	5121926	29162330	29162330	29162330	29162330	29162330	29162330	D.	29162330	29162330	29162330	29162330	29162330	29162330	29162330
2. ^a	6132027	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	2. ^a	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431	310172431
3. ^a	7142128	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	3. ^a	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825	4111825
4. ^a	8152229	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	4. ^a	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926	5121926
5. ^a	9162330	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	5. ^a	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027	6132027
6. ^a	310172431	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	6. ^a	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128	7142128
S.	4111825	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	S.	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229	8152229

Ilustração Portugueza

Edição semanal do jornal "O SECULO"

RUA FORMOZA—LISBOA

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias

DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Magazine semanal de litteratura, arte
e actualidades

O mais notavel que até hoje se tem publicado em Portugal,
contendo uma media de **100 gravuras** em cada numero

UMA LEITURA SEMPRE INTERESSANTE
UM DICCIONARIO DA VIDA PORTUGUEZA
UMA OBRA DE INSTRUÇÃO E RECREIO

A revista illustrada de arte,
litteratura e actualidades de maior tiragem
que tem havido em Portugal

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Portugal, colonias e Hespanha

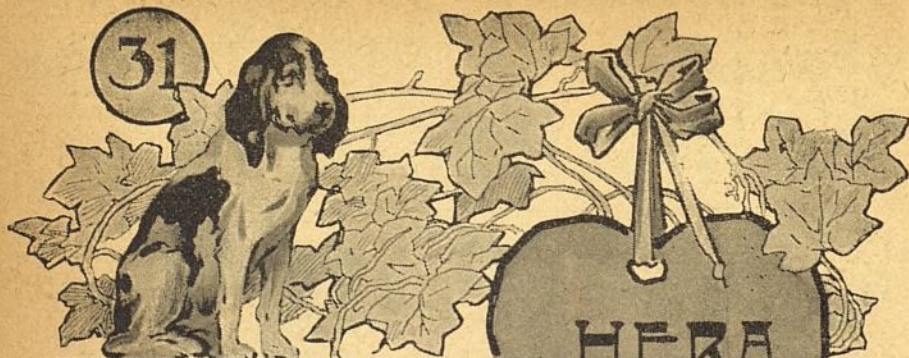
Anno, 4\$800 Semestre 2\$400 Trimestre 1\$200

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

A assignatura conjunta de O Seculo, do Supplemento Hu-
moristico d'O Seculo e da Ilustração Portugueza

Portugal, colonias e Hespanha

Anno, 8\$000 Semestre, 4\$000 Trimestre, 2\$000
Mez (em Lisboa) 700 rs.



Janeiro

- 1 Q. ☉ Circumcisão do Senhor.
- 2 Q. S. Izidoro.
- 3 S. S. Anthero.
- 4 S. S. Gregorio.
- 5 D. S. Simão Estylita.
- 6 S. ✠ Os Santos Reis Magos.
- 7 T. S. Theodoro.
- 8 Q. S. Lourenço.
- 9 Q. ☽ S. Julião.
- 10 S. S. Paulo.
- 11 S. S. Hygino.
- 12 D. S. Satyro.
- 13 S. S. S. Hylario.
- 14 T. S. Felix.
- 15 S. S. Amaro.
- 16 Q. Ss. Martyres.
- 17 S. ☽ S. Antão.
- 18 S. A Cadeira de S. Pedro.
- 19 D. S. Canuto.
- 20 S. S. Sebastião.
- 21 T. S. S. Ignéz.
- 22 Q. ✠ S. Vicente.
- 23 Q. S. Ildefonso.
- 24 S. ☽ Nossa Senhora da Paz.
- 25 S. Conversão de S. Paulo.
- 26 D. S. Polycarpo.
- 27 S. S. João Chrysostomo.
- 28 T. S. Cyrillo.
- 29 Q. S. Francisco de Salles.
- 30 Q. Santa Martinha.
- 31 S. ☽ S. Pedro Nolasco.

Hera, festões de verdura
Em apertados abraços!
Da amizade que perdura
Symbolisas ternos laços!

Passam os annos, voando
Para não voltarem mais,
Ou n'um sonho doce e brando,
Ou entre angustias e ais...

Passam tormentas, cancelras,
Passam alegres chiméras,
Mas affeições verdadeiras
São firmes—são como as heras!

PHASES DA LUA

- 1—Lua nova ás 11 horas e 32 minutos da tarde.
- 9—Quarto crescente ás 8 horas e 28 minutos da tarde.
- 17—Lua cheia ás 2 horas e 11 minutos da tarde.
- 24—Quarto minguante ás 9 horas e 49 minutos da manhã.
- 31—Lua nova ás 3 horas e 7 minutos da tarde.

Hortas e campos

Semeia-se durante o mez de janeiro mostarda em terras calidas, centeio, fava, ervilha, meimandro, alhos, batatas, grãos de bico, plantas medicinaes. plantam-se hortaliças e romeiras e dispõem-se morangos. E' conveniente metter na terra estacas de arvores que rebentam cedo, mergulhar vides e proceder á poda; limpar as colmeias, preparar as terras para a plantação do bacello, limpar os pomares, lavar as terras para as sementeiras de março e fazer o corte de madeira, de cannas e vimes.

JARDINS

Ao contrario do que acontece em quasi todos os climas da Europa, no mez de Janeiro apparecem cheias de vida as chlorophoras e salvas canarins, o jasmineiro amarello, as malvas trigueiras, a rosa de Bengala, a maclura, o pythocercio, os hybiscos, abutiões, sola-

nos eupatorias, montaneas, ericas, lantannas, geraneos dobrados, veronicas, magnolias roxas, calicantos, delicias de olfacto e as camelias.

Em plantas herbaceas as violetas e a thucillagem odorifera, nos alegretes as maravilhas ou malmequeres dobrados, as daphnes, galanthos, o veratro. As plantações feitas n'este mez exigem muito boa preparação de terra, com uma razoavel camada de estrume.

Nas zonas mais frias descarregam-se dos ramos as roseiras de collecção e outras; esta faina faz-se no outomno nas regiões temperadas. A roseira da collecção poda-se curta; a de moita toquia-se com os bardos; a amarella exige armação folgada.

Os cedros do Libano, do Atlas e do Hymalaia, as criptomerias, os abetos e podocarpus, os cyprestes, os pinheiros e outras arvores exoticas precisam adubos concentrados diluidos em agua e sobretudo copiosa applicação de sugo de montureiras deslavado em igual porção d'agua.

N'este mez limpam-se as arvores, amputando-lhes os ramos nocivos, decapando-se ou encabeçando-se aquelles a que se pretenda dar fórma de moita, e substituem-se as arvores que não vingaram na primeira plantação. Tal operação faz-se em tempo encoberto.

Paizes em que n'este mez se fazem as colleitas

Australia, Republica Argentina, Chile e Nova Zelandia.

ORIGEM DE ALGUMAS FLORES

A dahlia cresce espontaneamente nos campos do Mexico, e foi d'alli trazida para a Europa em 1789. A tulipa, de que existem numerosas especies, foi dada a conhecer a um botanico belga por um embaixador turco em 1575, e logo depois estava espalhada por toda a Europa. A peonia vein da China em 1808. O jacintho é oriundo da Asia menor, d'onde foi trazido pelos hollandezes antes de 1600. O cravo é natural da Barbaria. O amor perfeito existe selvagem nos campos da Europa. Foi uma senhora ingleza, lady Mary Fennet, quem, agradando-se immensamente d'esta flôr, em 1810, a fez d'alli em diante espalhar e cultivar em todos os jardins.

TULIPA

Imponente, grandiosa,
No seu pedunculo altiva,
E' a flôr mais magestosa
Que nos jardins se cultiva.

Ao contrario da violeta.
Que, humilde, a sombra procura
Ella ostenta-se, indiscreta,
A' luz do sol que fulgura.

Por isso traduz a ideia
De uma grandeza fulgente,
Do orgulho que se estendeia
Em pompas, magnificente.

Fevereiro

- 1 S. Santa Brigida.
- 2 D. ✠ Purificação de N. Senhora.
- 3 S. S. Braz.
- 4 T. S. André Corsino.
- 5 Q. Santa Agueda.
- 6 Q. Santa Dorothea.
- 7 S. S. Romualdo.
- 8 S. S. João da Matta.
- 9 D. Santa Appolonia.
- 10 S. Santa Escolastica.
- 11 T. S. Lazaro.
- 12 Q. Santa Eulalia.
- 13 Q. S. Gregorio.
- 14 S. S. Valentin.
- 15 S. Trasladação de Santo Antonio.
- 16 D. ☉ S. Porphyrio.
- 17 S. S. Faustino.
- 18 T. S. Theotonio.
- 19 Q. S. Conrado.
- 20 Q. S. Eleutherio.
- 21 S. S. Maximiano.
- 22 S. ☿ Santa Margarida de Cortona.
- 23 D. S. Pedro.
- 24 S. S. Pretextado.
- 25 T. S. Mathias.
- 26 Q. S. Cesario.
- 27 Q. S. Torquato.
- 28 S. S. Leandro.
- 29 S. S. Romão.

29



PHASES DA LUA

- 8—Quarto crescente ás 5 horas e 46 minutos da tarde.
16—Lua cheia ás 2 horas e 54 minutos da manhã.
22—Quarto minguante ás 6 horas e 12 minutos da tarde.



Hortas e campos

É n'este mez que se faz a sementeira de espinafres, brados, repolho, pimpinella, couve murciana, cominhos, morangos, rabanos, alface allemã, chicoria, damascos, alperces, pecagos e cyprastes; plantações de bacellos, estacas d'oliveira, romeiras e figueiras; transplantações de laranjeiras, amoreiras e cidreiras. Podam-se vinhas em terras humidas e mergulham-se vides.



JARDINS

Na segunda parte do mez de fevereiro em que quasi sempre rescendem já aromas da primavera vizinha é tempo de aformosear os jardins, ensaibrando os passeios, adubando, remexendo e guarneecendo de novo os taboleiros com plantas vivazes que hão de florescer nos seguintes mezes, desdobrando os pés velhos das phlox, amores eternos, aconitos, arthemisia, heliantos, asters, cravetas e campanulas.

Nos taboleiros melhor expostos distribuem-se as plantas de flôr precoce, como amores perfeitos, alleluias ou hepaticas dobradas, roxas ou azues, que

já n'esta epoca acompanham a florescencia da tulipa, duque de Thol, do açafraão, dos narcisos de Constantino-
pla, da fritillazin imperial, das penus-
chos, dos jacinthos, dos lyrios e ixias.
Começa-se a sementeira das plantas
tardias em dar flôr, taes como douradi-
nhas, melindres, estrellas do Egypto,
assembléas, araras, arthemizas, alfine-
tes de toucar, balsamica, acobea, cra-
vos de defunto, campainhas, esporas,
boquinhos, goivos, girasoes, mangeri-
cão, myosotes, sandades, valverdes,
amaranthos, cruz de Malta, cravos ou
cravinas e alecrim do norte.

Em cercaduras ou tapetes, semeia-se o topsyllium e a mimophyllia.

E' bom advertir que o alecrim do norte pega de estaca na primavera, mas, querendo obtel-o de sementeira, colhem-se as banas em julho, antes de abrirem, põe-se ao sol n'um copo tapa-
ção e semeia-se em fevereiro. No verão deve-se conservar a planta á sombra; transplanta-se ao fim de 2 annos, dan-
do-lhe sempre pouca agua.

Os arbustos floriferos que n'este mez de fevereiro dão flôr são os seguintes: Sidra arborea, drimis winterfil, poly-
gala myrtifolia, veronica lindlexana, acacia arbustiva, geranio zonal, aloes, medicago arborea, abutilon venosum, correa spiciosa, correa alha, raphislep-
is salicifolia, sedum holochysum, sedum dorame, echeveria metallica, centran-
thos, macrosingon, huddlelya madagas-
cariense, veronica salicifolia, temple-
tomia retusa, sarothamus baeticus, ulex europaeus, genuta canariensis, malva umbellata, anagyris faetida, etc., etc.

O alcool

O alcool não é um alimento. Não se decompõe no corpo humano para fornecer a tal ou tal órgão particulas reconstituintes, nem mesmo para alimentar o calor interno, porque, pelo contrario, baixa a temperatura do corpo. Encontra-se nos órgãos dos animaes mortos depois de haverem sido previamente alcoolisados e nos órgãos dos alcoolicos que morrem victimados pelo *delirium tremens*. Se, feita a autopsia ao cadaver d'um alcoolico, se lhe destillar o fígado ou o cerebro, encontrar-se-ha alcool puro. [Dr. Magnon, «De l'Alcoolisme»].

O alcool não dessedenta; pelo contrario secca, irrita os tecidos, subtrac-lhes a agua de que estão impregnados; d'ahi a sede ardente dos animaes alcoolisados e



Vem surgindo a primavera!
Entre verdosos festões;
Renasce o sonho, a chimera,
Nos juvenis corações.

Chegam de março fagueiro
As brisas carciosas;
Brandas ervilhas de cheiro
Aos muros trepam, mimosas.

São singelas estas flores,
Mas, na sua singeleza,
Retratam bem os primores
De subtil delicadeza.

Marco

- | | | |
|----|----|-------------------------|
| 1 | D. | S. Adrião. |
| 2 | S. | ☉ S. Simplicio. |
| 3 | T. | Entrudo. |
| 4 | Q. | Cinza. |
| 5 | Q. | S. Theophilo. |
| 6 | S. | S. Ollegario. |
| 7 | S. | S. Th. d'Aquino. |
| 8 | D. | S. João de Deus. |
| 9 | S. | Santa Francisca Romana. |
| 10 | T. | ☾ S. Militão. |
| 11 | Q. | S. Candeio. |
| 12 | Q. | S. Gregorio. |
| 13 | S. | Santa Eufrasia. |
| 14 | S. | T. S. Boaventura. |
| 15 | D. | S. Longuinhas. |
| 16 | S. | S. Cyriaco. |
| 17 | T. | ☉ S. Patricio. |
| 18 | Q. | S. Gabriel Archânjo. |
| 19 | Q. | ✠ S. José. |
| 20 | S. | S. Martinho Dumiense. |
| 21 | S. | S. Bento. |
| 22 | D. | S. Emygdio. |
| 23 | S. | S. Felix. |
| 24 | T. | ☉ S. Marcos. |
| 25 | Q. | ✠ Anunciação de N.ª S.ª |
| 26 | Q. | S. Theodoro. |
| 27 | S. | S. Roberto. |
| 28 | S. | S. Alexandre. |
| 29 | D. | S. Victorino. |
| 30 | S. | S. João Climaco. |
| 31 | T. | S. Benjamim. |

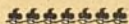
PHASES DA LUA

- 2—Lua nova ás 8 horas e 6 minutos da manhã.
- 10—Quarto crescente aos 38 minutos da tarde.
- 17—Lua cheia á 1 hora e 8 minutos da tarde.
- 24—Quarto minguante ás 4 horas e 4 minutos da manhã.



Hortas e campos

Procede-se em março á sementeira do linho, do canhamo, do milho, feijão carrapato, tomates, melancia, melão, abobora, pepino, aipo, salsa, lentilhas, malaguetas, açafrão, painço, alpista, etc., planta-se hortaliça, alamos e outros arbustos; transplantam-se vimes, enxertam-se arvores que rebentam tarde. Deve-se n'este mez escavar as vinhas, mondar os trigos e proceder á trasfega dos vinhos, mas em dia bastante claro.



JARDINS

No decurso d'este mez plantam-se todos os arbustos que se dão mal com o frio; murta, alecrim, jasmim, alfazema e outros; transplantam-se violetas, margaridas, primaveras e todas as plantas de raiz fibrosa. Semeiam-se sobre o alfobre tepido ou ao ar livre, segundo a doçura do tempo, separando-as por collecções, todas as plantas annuaes vivazes, taes como açucenas, coreopsis, collinsias, goivos, cravos, mangerona, plumas, estancadeiras, phlox de Drummond, zinnias, mangericões, rosas das Indias, hybliscos, amores perfeitos, perpetuas, petunias, boas-noites, claskias, phacelias, verbenas, celestinas, congossas. Semeiam-se onde hão de ficar, quasi sempre em cercadura, thaspi, papolas, dormideiras, silvestres, ervilhas de cheiro, cynaglosa, silenes,

esporas; e em alegrete, resedas, scholtzias de California e boas noites. Põe-se ao calor de estufas tuberculos de dhalias, datura e canna. A's plantas de areias graniticas ou terra preta gandraresa, camelias, rodhorendos, azaleas, epacris, gnidias, dioneas, andromedas e ericas, quer em taboleiro quer em vaso; depois de bem picado o chão deita-se uma camada de terra nova misturada com estercor puro de cavallo que tenha de 2 a 3 annos de curtido. Os arbustos transplantados no anno anterior, taes como silindras, lilazes, loniceras, etc., podam-se muito curtos para darem flôr por muito tempo. No clima de Lisboa dão flôr entre outros os seguintes: salva generæ-flora, cestrum parqui, datura sanguinea, syphocampylus bicolor, nenecio ghiesbreghtii, Stayia salicifolia, oupatorium, omphriiaefolium, montagnea bipinnatifida, viburnum tinus, viburnum suspensum, achinophyllus digitatum, ancuba japonica, caphae strigulosa, euphaea jurullensis, tuchsia, arborescens, keria japonica, coronilla glaucagenista canariense, chorizema, ilicifolium, ulev europæux, sarothamnus baetiens templetonia retusa, barberis, guimpellu, mahonia aquifolium, mahonia fascicularis, mahonia bealu, berberis darwini, holbaellia latifolia, medianthus major, acacias arbustivas varias, polygalia myrtifolia, arenaria welwitschii, arenaria pungens, arenaria cinerea, eupatorie lharacias, phlomis ferruginea, borrago officinalis, jasinum grandiflorum, erica mediterranea, erica arborea, chrysanthemum grandiflorum, anthyllis barba-jovis, medicabo arboreo e muitas outras.



Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

Alto Egypto e Indias Orientaes.

dos ebrios depois de terem abusado das bebidas alcoolicas; d'ahi as inflamações chronicas da larynge e do estomago habituaes nos alcoolicos.

O alcool é um man excitante, porque, quando se bebe além de uma certa dóse, entorpece o cerebro e produz a tristeza e a irritabilidade. [Ad. Coste — «Alcoolismo ou Epargno»].



ROSA

Abril

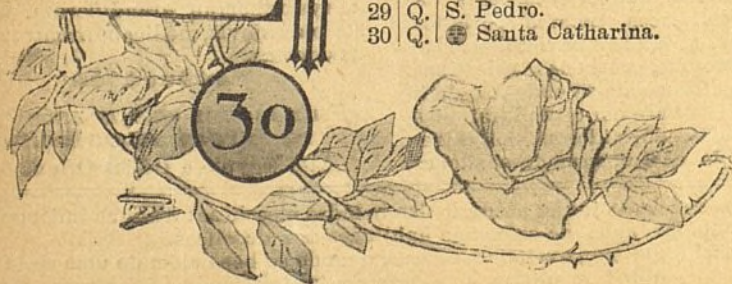
Rosa d'abril! Como és bella!
Como és gentil, graciosã,
Tua corolla singela,
Velludinea e perfumosa!

Mas, se leve a aragem passa,
Tu no chão caes desfolhada,
E o teu mimo, a tua graça,
Tornam-se pó, cinza e nada.

E's em tudo, pois, a imagem
Da femini formosura,
Que atráe qual grata miragem,
Mas que rapida fulgura.

- 1 Q. ☉ S. Macar'io.
- 2 Q. S. Francisco de Paula.
- 3 S. S. Pancrácio.
- 4 S. S. Izidoro.
- 5 D. S. Vicente Ferrer.
- 6 S. S. Marcellino.
- 7 T. S. S. Epiphanio.
- 8 Q. S. Amancio.
- 9 Q. ☾ Traslado de S. Monica.
- 10 S. S. Ezequiel.
- 11 S. S. Leão.
- 12 D. Ramos.
- 13 S. S. Hermenegildo.
- 14 T. S. Tiburcio.
- 15 Q. ☉ Santa Bazilisa.
- 16 Q. ✕ Endoenças.
- 17 S. ✕ Paixão.
- 18 S. ✕ Gualdino.
- 19 D. ✕ Paschoa.
- 20 S. Santa Ignez.
- 21 T. S. Anselmo.
- 22 Q. ☾ Santa Senhorinha.
- 23 Q. S. Jorge.
- 24 S. S. Fiel de Sigmaringa.
- 25 S. S. Marcos.
- 26 D. Paschoella.
- 27 S. S. Tertuliano.
- 28 T. S. Vital.
- 29 Q. S. Pedro.
- 30 Q. ☉ Santa Catharina.

30



PHASES DA LUA

- 1—Lua nova á 1 hora e 24 minutos da manhã.
- 9—Quarto crescente ás 3 horas e 52 minutos da manhã.
- 15—Lua cheia ás 9 horas e 52 minutos da tarde.
- 22—Quarto minguante ás 3 horas e 51 minutos da tarde.
- 30—Lua nova ás 6 horas e 3 minutos da tarde.



Hortas e campos

Continua-se em abril semeando melões e melancias só até ao quarto crescente, pevides de cabaca, milho, feijão, pepino, alface, azedas, aipo, bredos e alcaparras; planta-se amoreiras e arvores que não abroham, enxerta-se de escudo. E' n'este mez que se faz a tosquia do gado lanigero e se cretam as colmeias, vigiando-lhes os bichos.



JARDINS

N'este mez mettem-se na terra tuberculos, renovam-se as sementeiras de cravos e de flôres annuaes, como o resedá, as perpetuas, o caracoleiro, bon-dias e boas-noites; sacham-se e regam-se as já dispostas. A partir de meados do mez mudam-se para a terra as plantas e estacas conservadas durante o inverno, como geraneo, verbenas, fuchsias, cupheas, lantanas, heliotropios, begonias, datutas, caladios e angelinas. Para que as flôres adquiram a maior belleza, deve-se sachar a planta-mãe antes do desabrochar completo d'ellas. N'este mez florescem, além das plantas de terra d'urze, azaleas rudromedas, dioneas, guideas, rhododendros, camelias, etc.; as diclytras, o lyrio con-

valle, muitas e variadas rainuncledeas, como acemonas, bellas-rosas, rainunculos, borboletas, dionysias, tulipas, violetas, amores-perfeitos, silenes, primaveras, margaridas, varias plantas bobosas e as rosas. E' preciso cuidar das roseiras precoces, tirando-lhes o pioho por meio de fumigações de tabaco e seringagens de sabão amarello. Se o pó branco lhes acommette as folhas, applica-se a ambos os lados d'estas a agua salgada, repetidas vezes. As flôres de tulipa requerem toldo de lona contra a chuva e o sol. O jacintho deve estar ao abrigo de muro exposto ao sol. Deve-se ter a tulipa em sitio arejado. No clima de Lisboa dão flôr n'este mez, entre outros, os seguintes arbustos floriferos: cistus albidus, berderis, guimpellu, berberis dealdata, cistus populifolios, lavaterru arbore, pelargonium, adoratissimum, ouculatum, tomentosum, glotinosum, tropaeolum majus; chorizema ilicifolium, templetonia retuza, coronill emerus, glauca, valentina, elianthus punicens, phaca daetica, genista canariensis, cytissus laburnum, melianthus majores, acacia [varios arbustos], keria jonica, rhodolypos kerrioides, spiracea lanceolata, arenaria macrophylla, pungens; pungens var, major, piniifolio, ronyana, welwitsen, berlengensis, cinerea plantanginer, latifolia, statice occidentalis, salvia gerner afflora, oficalinalis, adhatoda vasica, datura sanguinea, calceolaria pavoni, antirrhinum majus, lycium afrum, serophularia sambucifolea, rhyncossternum jasmincides e vinca me vibormimtinus e outras.



Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

Baixo Egypto, Chypre, Syria, Asia Menor, Persia e Cuba.

Como se deve tossir

Ha individuos atacados de tosse chronica que só sabem tossir em surdina, o que aliás é muito louvavel; outros, pelo contrario, parece experimentarem um certo prazer em tossir com violencia e grande pigarreira, o que revela pouca consideração para com as outras pessoas, e se torna pernicioso para elles proprios, pois que inflammam e dilaceram os pulmões.



Maio

- 1 S. S. Filippe.
- 2 S. S. Athanasio.
- 3 D. Invenção de Santa Cruz.
- 4 S. Santa Monica.
- 5 T. S. Pio V.
- 6 Q. S. João.
- 7 Q. S. Estanislau.
- 8 S. Ap. de S. Miguel Archanjo.
- 9 S. S. Gregorio.
- 10 D. S. Antonio.
- 11 S. S. Anastacio.
- 12 T. Santa Joanna.
- 13 Q. Nossa Senhora dos Martyres.
- 14 Q. S. Bonifacio.
- 15 S. S. Indaleto.
- 16 S. S. Simão.
- 17 D. S. Possidonio.
- 18 S. S. Venancio.
- 19 T. S. Ivo.
- 20 Q. S. Bernardino.
- 21 Q. S. Manços.
- 22 S. S. Santa Rita de Cassia.
- 23 S. S. Bazilio.
- 24 D. Trasladação de S. Domingos.
- 25 S. Santa Maria Magdalena.
- 26 T. S. Filippe Nery.
- 27 Q. S. João, P. M.
- 28 Q. S. Ascensão do Senhor.
- 29 S. S. Maximo.
- 30 S. S. Felix, P. e M.
- 31 D. Santa Petronilla.

Na corrente crystalina,
Onde o cysne vae vogando,
Narciso todo se inclina,
O seu rosto contemplando.

E, de si enamorado,
Não attende Ecco infeliz,
Que, em suspirar maguado,
Seu profundo amor lhe diz.

NARCISO

De ser fatuo e presumido
Quiz punil-o a divindade:
N'esta flôr foi convertido,
Symb'lo eterno da valdade...

PHASES DA LUA

- 8 — Quarto crescente ás 3 horas e 4 minutos da tarde.
 15 — Lua cheia ás 5 horas e 30 minutos da manhã.
 22 — Quarto minguante ás 5 horas e 36 minutos da manhã.
 30 — Lua nova ás 9 horas e 23 minutos da manhã.



Hortas e campos

Ainda em maio se podem semear melões e melancias; semeia-se pimpinella, beringella, feijão [em terras humidas], azedas, salsa, coentro, milho, melões de cheiro; planta-se hortaliças, segurelha, hortelã, tomateiros, malaguetas, cy prestes e sobreiros; monda-se os trigos, limpam-se as vinhas do pulgão, apanha-se os linhos maduros, capa-se os pepinos, as vinhas, os melões e as melancias; enxerta-se arvores de espinho, etc. É tempo de atestar os vinhos e proceder á tosquia das ovelhas.



JARDINS

Maio é o mez das flôres por excellencia. É tempo de expôr ao ar livre as plantas guardadas em invernáculos e de fazer variadas sementeiras sem esquecer as dos cravos, que se devem transplantar em setembro. Este mez é o mais proprio para semear rainunculos; faz-se seccar debaixo do alpendre bosta de boi, que depois se reduz a pó fino e se passa por siranda. No fim do verão, quando as folhas da plantasinha seccam deixa-se perder toda a humidade ao conteúdo do vaso até poder pasalo depois ao crivo.

As unhas virgens compõem-se de dois lobos pequenos e alguns filamentos imperceptíveis: replantam-se uma a uma á distancia de 5 a 6 centímetros

entre ellas, em grandes terrinas cheias de pó da bosta antiga, misturada por metade com terra franca pulverisada. As terrinas passam o inverno em invernáculo e devem ser arejadas e levemente humedecidas sempre que for possível. As unhas estão boas para plantar na primavera a maior parte d'ellas florescem em maio e as menos vigorosas no outomno. Na segunda quinzena d'este mez e primeira do seguinte enxertam-se de borbulha as roseiras. A's que dão flôr catam-se os bichos e dão-se fumigações de tabaco e seringagem de agua salgada nas folhas, se são atacadas pelo bolôr branco. As flôres murchas arrancam-se, se não se destinam a semente.

É necessario apanhar as bichas cadelas que se introduzem nos canudos dos caniços dos cravos, sacudindo aquelles. Para apanhar as lesmas e os caracoes que atacam os botões das dhalias, convem dispôr em torno dos pés, folhas de couve untadas com manteiga rauçosa. Florescem no clima de Lisboa durante este mez, entre outros, os seguintes arbustos floriferos: Roseiras, verbenas, azaleas, geranios, pelargonios, abuteloës, wigandia caracasona, tropedum majus, spirea ulsnifolia, dicylra forma, calicanthus ocellentallis, crataeanus pyracantha, indihofera australis, colutea arborescens, philadelphus grandiflorus, fuchia, arborescens, diplopappus linarlefolis, buddleya globosa, cabaça scandens, eupatorium emphalia-eiolium, dextrias cabra, diorvilla rosea, jasminum floridum, equilegia olympica, dichrosa, delphinium-ornamentum, paonias varias, cerasus lusitanica.



Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

Argelia, Asia Central, Japão, Texas e Florida.

O seu prazer doentio custa-lhes mais caro do que pensam. Os pulmões, com effeito, são formados por um tecido delicado e esponjoso, que ás vezes se irrita e obstrue por accumulção de mucosidades. Seria pois conveniente fazer treinos com respeito ao modo de tossir, para que elle fosse o mais suave possível. É isso muito menos difficil do que se poderá julgar á primeira vista, pois se consegue com um pouco de perseverança. Sigam o nosso conselho: façam a experiencia e verão que se hão de dar bem.

Junho

- 1 S. S. Firmo.
- 2 T. S. Marcellino.
- 3 Q. Santa Paula.
- 4 Q. S. Quirino.
- 5 S. S. Marciano.
- 6 S. S. Norberto.
- 7 D. S. Roberto.
- 8 S. S. Severino.
- 9 T. S. Melania.
- 10 Q. Santa Margarida.
- 11 Q. S. Barnabé.
- 12 S. S. Onofre.
- 13 S. S. Santo Antonio de Lisboa.
- 14 D. S. Bazilio.
- 15 S. S. Vito.
- 16 T. S. Aureliano.
- 17 Q. S. Manoel.
- 18 Q. S. Corpus Christi.
- 19 S. S. Gervasio e S. Protacio.
- 20 S. S. Silverio.
- 21 D. S. Luiz Gonzaga.
- 22 S. S. Paulino.
- 23 T. S. João, S. M.
- 24 Q. S. João Baptista.
- 25 Q. S. Guilherme.
- 26 S. S. Coração de Jesus.
- 27 S. S. Ladislau.
- 28 D. S. S. Leão III.
- 29 S. S. Pedro e S. Paulo.
- 30 T. S. Marçal.

E's a flor mais desejada
Da solismadora donzella,
Que em ti lê, alvorogada,
Uma esperança casta e bella.

Contemplam-te em doce enleio
Lindos olhos tentadores,
Pois não ha formoso seio
A que não fales d'amores.

Amores que insuflam na alma
A esperança rissonha e pura
De colher a doce palma
De immensa, inflada ventura.

30

CRAVO

PHASES DA LUA

- 6 — Quarto crescente ás 10 horas e 43 minutos da tarde.
- 13 — Lua cheia á 1 hora e 13 minutos da tarde.
- 20 — Quarto minguante ás 9 horas da tarde.
- 28 — Lua nova ás 10 h. e 59 minutos da manhã.



Hortas e campos

E' chegado o tempo de semear couves, borragem, beldroegas, espinafres e favas de regadio, semear nas terras serodias; enxertar de escudo as arvores de casca grossa, sachar os milhos, ceifar o feno, recolher os alhos, cebolas, favas e todos os legumes que estiverem seccos, as plantas medicinaes, as fructas; enrestar os alhos para guardar, tirar cêra dos cortiços, castrar os carneiros, tosquiar as ovelhas e cuidar no terraço das eiras.



JARDINS

Deve-se sempre cuidar dos craveiros, em junho, eliminando-lhes os peioros botões para apurar os melhores e obter as flôres mais perfeitas. Em todo este mez é tempo proprio para fazer alporques de craveiro. E' preciso notar que, quando os botões do cravo apparecerem demasiadamente cheios, dando a entender que ao abrir rebenstará o calice, é conveniente praticar ligeiras incisões longitudinaes nos pontos de junção que dividem o calice, a fim de evitar que a flôr se estrague. N'este mez levantam-se da terra as cebolas dos lyrios brancos e amarelos, martagões, tigridias de corola mosqueada, gladiolas ou estoques lyrios da Pensylvania, etc., bem como das tulipas, deixam-se enxugar bem da humi-

dade expondo-as por alguns dias ao ar antes de as recolher. As cebolas de jacinthos e tulipas desenterram-se mal que as folhas principiam a amarellecer; as unhas das rainunculaceas só quando a folha seccar inteiramente. E' tempo de começar a dar maior desenvolvimento á plantação de flôres nas diversas caixas. A disposição é livre, ao gosto do amator; entretanto, indicaremos que é de bom effeito plantar junto das roseiras de pé alto, pelargonias e petunias, a fim de encobrirem a nudez d'aquelles depois de darem flôr. Recordaremos que não só n'este mez, mas em todo o verão, convem refrescar as folhas das plantas para as lavar da poeira. Já desde o mez anterior se impõe a necessidade de passar as plantas de terra preta gandraza (camelias e outras) para o logar mais sombrio e humido que fôr possível. Ao contrario do que muita gente suppõe, a camelia requer adubos, sendo preferiveis os pós d'ossos misturados com a terra, a limpeza do pombal, ou o summo da montureira diluido em egual quantidade d'agua, deixando primeiro fermentar a mistura. Os adubos devem ser empregados na época em que o arbusto começa a deitar as guias e sempre em dia sombrio. Por ultimo deve-se renovar a sementeira de zínias e boas-noites no sitio em que hão de ficar, fazendo-lhes boa cama de terriço e não lhes faltando com a agua necessaria, para que a planta não seque.



Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

França meridional, Hespanha, Portugal, Italia, Grecia, Turquia, California, Oregon, Luisiania, Mississippi, Alabama, Georgia, Carolina, Tenassece, Virginia, Kentucky, Kansas, Arkansas, Utah, Colorado e Missouri.

Viver para os outros está na propria alma da mulher. Ella vive para os outros até nas suas horas do egoismo. — *Caroline de Barreau.*

Julho

- 1 Q. S. Theodorico.
- 2 Q. Visitação de Nossa Senhora.
- 3 S. S. Jacintho.
- 4 S. Santa Isabel.
- 5 D. S. A thanasio.
- 6 S. S. Domingos.
- 7 T. Santa Pulcheria.
- 8 Q. S. Procopio.
- 9 Q. S. Cyrillo.
- 10 S. S. Januario.
- 11 S. S. Sabino.
- 12 D. S. João Gualberto.
- 13 S. S. Anacleto.
- 14 T. S. Boaventura.
- 15 Q. S. Henrique.
- 16 Q. Nossa Senhora do Carmo.
- 17 S. S. Aleixo.
- 18 S. Santa Marinha.
- 19 D. Santa Justa e Rufina.
- 20 S. S. Santa Margarida.
- 21 T. S. Praxedes.
- 22 Q. Santa Maria Magdalena.
- 23 Q. S. Apolinario.
- 24 S. Santa Christina.
- 25 S. S. Thiago.
- 26 D. S. Symphronio.
- 27 S. S. Pantaleão,
- 28 T. S. Innocencio.
- 29 Q. Santa Martha.
- 30 Q. S. Rufino.
- 31 S. S. Ignacio de Loyola.

31

Noites de lua nas eiras,
Noites de v'rão, noites quentes
Em que garbosas cefelras
Saltam cántigas dolentes!

Nos campos—em pilha os fardos
Do trigo de loura côr—
Só vicejam alguns cardos
E uma ou outra agreste flôr.

E as campanulas silvestres,
A indiscreção semelhando,
Pelas campinas agrestes
Vão ao vento badalando,

CAMPAZANULA

PHASES DA LUA

- 6 — Quarto crescente ás 3 horas e 57 minutos da manhã.
- 12 — Lua cheia ás 10 horas da noite.
- 20 — Quarto minguante á 1 hora e 43 minutos da tarde.
- 28 — Lua nova ás 10 horas e 44 minutos da manhã.



Hortas e campos

Semeam-se em julho bredos, mostarda e espinafres; recolher cevada, cebola de regadio, amendoas, avellãs e sementes maduras de hortaliças. Começar a ceifa, amassar as ramas ás cenouras, regar os pomares, limpá-los de folhas seccas, arrancar a grama, regar os primeiros tomateiros e meloaes que não são de varzea, preparar e arejar os celeiros para recolher as novidades, queimar as raizes prejudiciaes e recolher os trigos que estiverem promptos.



JARDINS

Despejam-se em julho, nos jardins, quasi de todo os invernáculos e estufas de sol, onde apenas permanecem gloximias, archimeneas e tydias, algumas begonias, fetos, licopodios coleds e maranthas, e as reproducções, feitas no mez antecedente, de plantas succulentas e cactus.

A vegetação dos pandanus, das cycas, das palmeiras, fetos arboreos, caladios e alocasias, crontons e antrurium, bem como de muitas begonias, dá-se bem com o ar livre no periodo de maior calor. Nas caixas ao ar livre vegetam delphinios ou esporeiras, hebianthos, dhalias, pelargonias, fuschsias, petunias, lobelias, amarantnos, tricolor e roxo, o cravo e muitas outras.

Para realçar-lhes a belleza, pela potente vegetação da sua folhagem, recommendam-se as ancubas, as cannas, as gaves, as fourcrayas, os mesenbryanthemos, sedum e semper-vivum, as yucas, os pharminum, os cactus, as echeverias e os aloes.

Nos grandes jardins não ha plantas que mais recommendadas devam ser no nosso clima para massiços do que os bambus, e como vegetaes ornamentaes em exposição abrigada a bananeira; e se não em plena terra, pelo menos em grandes vasos que se possam recolher, a heliconia, vegetal tropical.

No nosso clima é quasi indispensavel enterrar logo, a datar da segunda quinzena de julho, as cebolas de jacinthos e tulipas, apenas enxutas e libertadas dos bolbilhos. Fóra da terra o calor excessivo da nossa estação calmosa obriga-as a puxar; e portanto esgotam-se com manifesto prejuizo da florescencia futura. N'este mez não teem descanso as regas e refrescos á folhagem de todas as plantas.

Continua-se com o alporque dos craiveiros e colhem-se sementes de alecrim do norte e outras. Supprimem-se ás plantas annuaes todos os ramos de flores murchas, excepto os destinados a dar semente. Rega-se com profusão petunias e pelargonios. Encostam-se as vergastas, os estoques, trabalho que já no mez anterior não deve ter esquecido.



Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

França, Inglaterra (sul), Allemanha, Suissa, Austria-Hungria, Principados danubianos, Russia (sul), Nebraska, Minnesota, Wisconsin, Iowa, Illinois, Indiana, Michigan, Ohio, New-York, Nova Inglaterra e Alto Canadá.

Dois n'um

- Estás sempre abrindo a bocca! dizia a seu marido uma esposa despeitada.
- Então que queres? respondeu-lhe elle. Marido e mulher não fazem mais do que um, e quando eu estou só, minha querida amiga, acabo quasi sempre por me enfadar.



JUNQUILHO

Agosto

- 1 S. S. Pedro Adv.^a
- 2 D. Nossa Senhora dos Anjos.
- 3 S. Invenção de Santo Estevão.
- 4 T. S. Domingos.
- 5 Q. Nossa Senhora das Neves.
- 6 S. Transfiguração do Senhor.
- 7 S. S. Caetano.
- 8 S. S. Cyríaco.
- 9 D. S. Romão.
- 10 S. S. Lourenço.
- 11 T. S. Tiburcio.
- 12 Q. Santa Clara.
- 13 Q. S. Hypolito.
- 14 S. S. Eusebio.
- 15 S. S. Assumpção de Nossa Senhora.
- 16 D. S. Roque.
- 17 S. S. Mamede.
- 18 T. Santa Clara.
- 19 Q. S. Luiz.
- 20 Q. S. Bernardo.
- 21 S. S. Anastácio.
- 22 S. S. Thimotheo.
- 23 D. S. Liberato.
- 24 S. S. Bartholomeu.
- 25 T. S. Luiz, Rei de França.
- 26 Q. S. Zeferino.
- 27 Q. S. Rufo.
- 28 S. S. Agostinho.
- 29 S. D. de S. João B.
- 30 D. S. Roza de Lima.
- 31 S. S. Raymundo N.

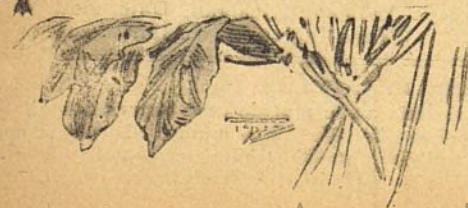
31



Dizem que tu és a esp'rança,
Quando o pobre coração
Chora, em pranto que não cessa.
Amarga desillusão.

Que és o desejo vehemente
Quando a alma, entristecida,
Sengra, dorida e silente,
Nos duros trilhos da vida.

Sendo assim, coube-te em sorte
O feliz, ditoso ensejo
De tornar o fraco em forte.
Dando-lhe a esp'rança e o desejo!



PHASES DA LUA

- 4 — Quarto crescente ás 8 horas e 18 minutos da manhã.
- 11 — Lua cheia ás 8 horas e 4 minutos da manhã.
- 19 — Quarto minguante ás 7 horas e 17 minutos da manhã.
- 26 — Lua nova ás 8 horas e 52 minutos da tarde.

Hortas e campos

E' costume n'este mez semente-se tre-moço, rabano, cenoura, arruda, rosmaninhos, cebola para semente, nabò, nabica em terras de regadio, cevada e aveia; planta-se couve tardia, apanha-se macella, recolhe-se o resto das searas, limpa-se a cevada, para melhor a conservar, recolhe-se amendoas, avelãs, arranca-se as ervas nocivas, vigia-se as colmeias, estruma-se as terras e prepara-se as vasilhas.

JARDINS

As roseiras em agosto não devem ser descuidadas de tratamento, merecendo especial cuidado as que pertencem á tribu das bifloras ou de duas estações e as perpetuas ou de todo o anno, taes como a rosa avellã ou de toucar, a rosa Bouganville amarella desmaiada e sobretudo a rosa de Bengala. Todos estes arbustos de floração constante exigem poda moderada dos ramos accessorios e eliminação d'uma parte dos botões, e, mais do que todas, as variedades de cor escura (a cor de canella é a mais rara) das rosas de Bengala, cuja floração será sempre muito pobre na primavera, se não se lhes eliminar anteriormente uma parte dos botões. N'este mez procede-se á segunda sementeira da resedá, em vaso para a ornamentação das habitações durante o inverno proximo. Do

mesmo modo se semeiam as cinerarias, primaveras, etc., que ostentarão o seu esplendor em começo do inverno. Semeiam-se no chão, em sitio onde quasi não chegue o sol, goivos, borboletas, cravos, mimulos varios, verbenas, campanulas, cacalas ou boquinhos de coelho, polemonias, saudades, phlox Leopoldt; e da mesma sorte, mas para ao depois passar para vasos cujo torrão será mettido na terra em maio do anno seguinte, calceolaria, clarkia, pulchella, campanilha ou anemona pul-atilla fralada, cénothera de Drummond e ipomopsis elegante. Estas plantas, depois de passadas para vasos, devem hibernar fóra da acção do temporal. Continua-se com a plantação das plantações annuaes ou perennes, que esperam no alfofre a vez de ser mudadas. Plantam-se ainda crysanthemos, secias balsaminas e baldroegas de flor grande para florescer em setembro e outubro. Não cessa a rega e refresca das folhas das plantas, e a applicação de adubo liquido aos massiços dispostos em terreno elevado, quer com relva, quer com estancadeira esmaltada de margaridas. Esses massiços são formados de salvas, phlox, petunias, geranios, heliotropos, velludos, ou moncos de perú, verbenas e amarantios (papagaios ou araras). Passado o dia 15 do mez de agosto, espeta-se em alfofre toda a casta de estacas, escolhendo para esse fim o canto do jardim de terra mais leve, melhor exposto, adicionando-lhe uma porção de terriço. Lembraremos para esta reproducção entre muitas mais as seguintes plantas: achyranthus verschaaffelti, antemias, ageratum, cupheia, calceolaria lenhosa amarella, hydranjas, jasmineiros, colens, datura arborea, garaneos (collecção) guaphalium lanatum, (o *gnaphalio lanatum* que recommendamos para cercaduras, Ferdinandia eminens, heliotropo, fuchsia, etc.

A HYGIENE E A MEDICINA

A hygiene é a arte de conservar a saude; a medicina a arte de a restabelecer quando perdida, ou mais ou menos gravemente comprometida.

Ayuntamiento de Madrid



HORTENSIA

Setembro

- 1 T. S. Egydio.
- 2 Q. S. Estevão.
- 3 Q. Santa Eufemia.
- 4 S. Santa Rosa de Viterbo.
- 5 S. S. Antonio.
- 6 D. Santa Libania.
- 7 S. S. João, M.
- 8 T. Natividade de Nossa Senhora.
- 9 Q. S. Sergio.
- 10 Q. S. Nicolau Tolentino
- 11 S. Santa Theodora.
- 12 S. Santa Anta.
- 13 D. S. Filippe, M.
- 14 S. Exaltação de Santa Cruz.
- 15 T. S. Nicomedes.
- 16 Q. S. Cornelio.
- 17 Q. Chagas de S. F.
- 18 S. S. Thomaz de Villa Nova.
- 19 S. S. Januario.
- 20 D. S. Eustaquio.
- 21 S. S. Matheus.
- 22 T. S. Mauricio.
- 23 Q. S. Lino.
- 24 Q. S. Geraldo.
- 25 S. S. Firmino.
- 26 S. S. Cypriano, M.
- 27 D. S. Cosme e Damião.
- 28 S. S. Wenceslau.
- 29 T. S. Miguel Archanjo.
- 30 Q. S. Jeronymo.

Nos jardins, engalanados
De rosas, cravos e lyrios,
Tem aspectos contristados
Os pensativos martyrios.

Na rôxa cor, a saudade
Traduz a melancholia,
A camelia, a suavidade
Da um sonho todo poesia.

E as hortensias, côr de rosa,
Desabrochadas em flôres,
São a indiferença maldosa
Com que se tratam amores...



30



PHASES DA LUA

- 2 — Quarto crescente á 1 hora e 24 minutos da tarde.
 9 — Lua cheia ás 9 horas e 38 minutos da tarde.
 18 — Quarto minguante aos 56 minutos da manhã.
 26 — Lua nova ás 6 horas da manhã.



Hortas e campos

E' este o mez preferido para semear favas, nas primeiras aguas, trigos nos altos, cevada e centeio em terras quentes, nabos, tremoços, dormideiras, linhos, orégãos, canhamo, arruda e trevo; plantar cidreiras, limoeiros e arvores de espinho, enxertar as mesmas, etc. Apanha-se nozes, amendoas, avelãs; recolhe-se a mostarda, o milho, os legumes, faz-se a cresta das colmeias, passam-se as uvas, procede-se á vindima e por fim lavram-se as terras.



JARDINS

E' no mez de setembro em que as dhalias adquirem o seu maior esplendor, especialmente desde que veem as as aguas do equinoxio ontomnal.

As dhalias chamadas anãs não precisam de amparo, mas as de pé alto necessitam que as suas hastes sejam atadas a espeques bem firmes, sem o que não resistirão aos temporaes frequentes n'estes periodos. E' preciso tirar to-

dos os dias as flôres murchas e as dhalias, devendo cuidar d'ellas, fecundando-as artificialmente mediante o cruzamento das variedades.

As plantas de collecção bolbiferas podem começar a ser enterradas a datar do fim d'este mez e principio do seguinte.

Todas as plantas annuaes ou perennes destinadas a dar flôr nos mezes de abril, maio e junho do anno seguinte, para alcançarem toda a perfeição, devem ser semeadas n'esta epoca: farellos de borboleta, bellas-rosas, agostis pulcella, coreopsis elegante, collinsia, gilia tricolor, perpetua, goivos rajados, linho de flôr roxa e branca, lobelias, rinus, mimulus speciosus, nemophila, papoilas dobradas e esporas no sitio em que se hão de crear, alegrias ou malmequeres dobradas, veronica de Syria, etc.

As estacas plantadas no mez anterior regam-se e sacham-se convenientemente, e algumas d'ellas que já tenham deitado raiz, taes como as verbaenas, anthemis e geranios, vão-se passando para vasos, em cada um dos quaes, para poupar tempo e espaço, se podem acomodar tres ou quatro pés.



Paizes em que n'este mez se fazem as colleitas

Escocia, Suecia, Noruega e Russia (norte).

Jogar com pau de dois bicos

Ahi pelo anno de 1842, quando a politica do nosso paiz se achava ainda em plena effervescencia, com a lucta entre cartistas e setembristas, appareceu uma quadra, que por esse tempo esteve em voga, e cujo auctor anonymo teve a habilidade de fazer bicolar, conforme se liam os versos inteiros ou se partiam pelo meio. E' a seguinte:

Desprézo muito
 Quem é cartista
 Sempre heide ser
 Um setembrista

a Junta do Porto,
 sempre estimei,
 a favor do throno,
 nunca serei.

E' realmente o que se chama jogar com pau de dois bicos.

GIESTA

Nas verdejantes colinas,
Por entre a relva modesta
Matisada de boninas,
Cresce, ao acaso, a giesta.

Fel-a rustica a natura,
Sem vaidade ou pretensões;
E' dos campos; não figura
Nos jardins ou nos salões.

Mas dizem que significa
A hygiene, a limpeza,
Que a opulencia significa
E dos pobres é riqueza...

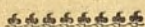
Outubro

- 1 Q. ☽ S. Verissimo.
- 2 S. Os Anjos da Guarda.
- 3 S. S. Candido.
- 4 D. S. Francisco d'Assis.
- 5 S. S. Placido.
- 6 T. S. Bruno.
- 7 Q. S. Marcos.
- 8 Q. S. Brigida.
- 9 S. ☽ S. Dionysio.
- 10 S. S. Francisco de Borja.
- 11 D. S. Firmino.
- 12 S. S. Cypriano.
- 13 T. S. Eduardo.
- 14 Q. S. Calixto.
- 15 Q. Santa Thereza de Jesus.
- 16 S. S. Martin'ano.
- 17 S. ☽ Santa Hedwiges.
- 18 D. S. Lucas Evangelista.
- 19 S. S. Pedro d'Alcantara.
- 20 T. Santa Iria.
- 21 Q. As onze mil Virgens.
- 22 Q. Santa Maria Salomé.
- 23 S. S. Romão, S. J. B.
- 24 S. ☼ S. Fortunato.
- 25 D. S. Chrispim.
- 26 S. S. Evaristo.
- 27 T. S. Elezbão.
- 28 Q. S. Simão e Judas.
- 29 Q. S. Feliciano.
- 30 S. S. Serapião.
- 31 S. ☾ S. Quintino.

31

PHASES DA LUA

- 1 — Quarto crescente ás 8 horas e 45 minutos da tarde.
- 9 — Lua cheia á 1 hora e 9 minutos da tarde.
- 17 — Quarto minguante ás 5 horas e 40 minutos da tarde.
- 24 — Lua nova ás 3 horas e 2 minutos da tarde.
- 31 — Quarto crescente ás 7 horas e 28 minutos da manhã.



Hortas e campos

Semeia-se em outubro trigo, cevada, rabano, rabanetes, nabos, cenouras, chicharos, grão de bico, tremçoço, favas, salsa, coentro, alpo, pimpinella, cebolas e ervilhas; plantam-se avelleiras, nogueiras, amendoeiras e cidreiras; recolhe-se o mel e a cera, apanham-se castanhas, abre-se covas para arvores de sombra, e lavra-se o resto das terras. São magnificos os taralhões e os laberços n'este mez.



JARDINS

N'este mez continúa a fazer-se a plantação das plantas bolbiferas. E' mesmo este o tempo preferivel no nosso clima para a sua plantação geral e especial-

mente de anemonas, rainunculos, açafraão, iris, ichcias, jacinthos, junquinhos, tulipas, as dylitras e as aurículas, conhecidas por orelhas d'urso. O bolbo d'esta ultima, que apodrece facilmente levando agua de mais, deve ficar mais enterrado, e exposto a todo o sol até dar flôr, occasião em que se retira para a sombra, para que aquelle não descore, convido egualmente não molhar as folhas da planta.

Terminam-se durante este mez as sementeiras que não foi possivel executar no antecedente; e recolhem-se dos sitios mais expostos a geada tuberculos de dhalias, socas de cannas e daturas, boas-noites e caladio. Alporcam-se e dispõem-se craveiros; plantam-se roseiras, apara-se murta, e mudam-se para vasos estacas enraizadas de plantas que precisem de ser recolhidas para abrigadoiro. Nas caixas de jardins começa n'este mez a ostentar o erhyssanthemo ou despedida de verão, que no mez seguinte offerrece a maior belleza, precisamente quando a geada acabou com todas as outras flôres.



Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

E-cocia, Suecia, Noruega e Russia (norte)

AS CASCAS DOS OVOS

As cascas dos ovos são em geral consideradas como coisa inutil e, por isso mesmo, quasi toda a gente as deita fóra. Pois é um erro. As propriedades calcareas das cascas dos ovos tornam-nas de extrema necessidade e utilidade, quer na alimentação das aves, quer na dos porcos ou das vitellas. Nas galinhas excitallhes a postura; aos pintainhos robustece-os notavelmente.

O melhor meio de utilizar as cascas dos ovos é fazel-as secar no forno de um fogão, reduzil-as a pó com um rolo ou n'um almofariz, e depois juntar esse pó á alimentação das galinhas (a farelada). A postura augmenta n'ellas consideravelmente e o choco é raro.

Que as galinhas, em especial, carecem e procuram instantemente a cal, é um facto de todos observado, pois a cada passo se encontram a esburacar a caliza das paredes. Julgam muitos, erradamente, que ellas procuram tal alimentação para esmoer os alimentos, mas o caso é muito differente. A galinha busca instinctivamente a cal, que lhe serve principalmente para a formação da casca do ovo. Se a privarmos d'este elemento, observaremos que a ave deixará de pôr.



Quando o lobo aos povoados
Desce, fero e carniceiro,
Tremem, ao vê-o, assustados,
Desde o pastor ao cordeiro.

Uma estranha phantasia
Deu tal nome a esta flôr,
Que lembra a fera bravía
Que em torno espalha o terror.

E', pois, logico, em verdade
Dizer-se, como é geral,
Que ella exprime a crueldade
Entre o reino vegetal.

Novembro

- 1 D. ✠ Todos os Santos.
- 2 S. Dia te finados.
- 3 T. S. Malaquias.
- 4 Q. S. Carlos Borromeu.
- 5 Q. S. Zacharias.
- 6 S. S. Leonardo.
- 7 S. S. Florencio.
- 8 D. ☿ S. Severiano.
- 9 S. Os Santos da ordem de S. Dom.
- 10 T. S. André Avelino.
- 11 Q. S. Martinho, B.
- 12 Q. S. Martinho, P.
- 13 S. S. Eugenio.
- 14 S. Trasl. de S. Paulo.
- 15 D. Santa Gertrudes.
- 16 S. ☿ S. Gonçalo.
- 17 T. S. Gregorio.
- 18 Q. S. Romão.
- 19 Q. Santa Izabel.
- 20 S. S. Felix de Valois.
- 21 S. Apresentação de Nossa Senhora.
- 22 D. Santa Cecilia.
- 23 S. ☿ S. Clemente.
- 24 T. S. Chrysogono.
- 25 Q. S. Catharina.
- 26 Q. S. Pedro Alexandrino.
- 27 S. S. Santa Margarida de Saboya.
- 28 S. S. Gregorio.
- 29 D. ☿ S. Saturnino.
- 30 S. S. André.

PHASES DA LUA

- 8 — Lua cheia ás 6 horas e 58 minutos da tarde.
- 16 — Quarto minguante ás 8 horas e 25 minutos da manhã.
- 23 — Lua nova aos 47 minutos da manhã.
- 29 — Quarto crescente ás 10 horas da tarde.



Hortas e campos

Faz-se n'este mez a sementeira deerva doce, acelga, couves, alfaces, repolhos, espinafres, ervilha anã, brocolos e favas; plantação de carvalhos, castanheiros, oliveiras, couve, alfáce, chicória, repolho, hortelã e segurelha. No minguante cortam-se as madeiras que estiverem sazonadas, assim como cannas e vimes, e prepara-se a salgadeira para as sardinhas.



JARDINS

Em algumas localidades do paiz é tempo de enterrar plantas bolbosas e plantar roseiras, devendo-se tratar do açafraão, das jarras, serpentaria, corôa imperial, gladiolos, ou estoques, que se dão bem com a terra muito macia e rica de adubos. Para tornar a sua vegetação mais vigorosa, applica-se-lhe adubo liquido e muito terriço de boa qualidade. Os cyclamens, ou maçãs de porco, plantam-se em vasos, para, forçando-as em calor moderado, darem flôr todo o inverno. Plantados na terra ao ar livre, florescem com notavel belleza nos mezes de setembro, outubro e novembro.

E' este o mez mais proprio entre nós para podar roseiras enxertadas, tosquiar alto as fracas de pé, arrancar e

dividir as toças do phlox e de todas as plantas vivazes, e desenterrar os ultimos tuberculos de dhalias.

Amadores muito entendidos remocam tambem n'esta epoca a terra das suas camelias, pela fórma que n'outro logar dissémos, para que os botões logo ao abrir cresçam em tamanho e formosura. E' tambem no principio de novembro que se procede á sementeira de roseiras.

Para esse fim, colhem-se os fructos vermelhos das roseiras no fim de outubro ou principio d'este mez, sempre antes das primeiras geadas; e deitam-se dentro de um vaso tapado para os livrar dos ratos. No fim de seis ou oito dias, abrem-se os fructos com a unha, e extrahe-se-lhes a semente. Agita-se esta sobre uma peneira para largar o pello, deitando-a em seguida em uma terrina meia de agua. A semente boa deposita-se no fundo, a má sobra, nada. Deita-se fóra esta e tira-se a boa, a que se dará tempo de enxugar.

Apenas enxuta, semeia-se em terra leve e cobre-se com 2 centimetros de areia, 2 centimetros de folhas seccas.

No meado de março, fazendo bom tempo, tira-se a camada de folhas, não tarda que as roseiras appareçam á superficie da terra. Um mez ou seis semanas depois de nascidos, transplantam-se os pés para alfobres, ficando 8 a 10 centimetros distantes uns dos outros. Regam-se e põem-se á sombra.

No anno seguinte as roseiras novas dão flôr, podendo apresentar variedades desconhecidas.



Paizes em que n'este mez se fazem as colheitas

Perú, Africa e Australia.

A situação economica da humanidade

Na opinião do sabio economista Ed. Thery, director do «Economiste Européen», as condições materiaes da existencia humana melhoraram consideravelmente nos ultimos 15 annos, pois que, tendo a população universal augmentado n'esse periodo



Dezembro

- 1 T. S. Eloy.
- 2 Q. Santa Bibiana.
- 3 Q. S. Francisco Xavier.
- 4 S. Santa Barbara.
- 5 S. S. Geraldo.
- 6 D. S. Nicolau.
- 7 S. S. Ambrosio.
- 8 T. ✠ N. S. da Conceição.
- 9 Q. Santa Leocadia.
- 10 Q. S. Melchiades.
- 11 S. S. Damazo.
- 12 S. S. Justino.
- 13 D. Santa Luzia.
- 14 S. S. Agnello.
- 15 T. ✠ S. Euzebio.
- 16 Q. Santa Adelaide.
- 17 Q. S. Lazaro.
- 18 S. Nossa Senhora do Ó.
- 19 S. Santa Fau. ta.
- 20 D. S. Domingos de Silos.
- 21 S. S. Thomé.
- 22 T. ✠ S. Honorato.
- 23 Q. Santa Victoria.
- 24 Q. S. Gregorio.
- 25 S. ✠ Natal.
- 26 S. S. Estevão.
- 27 D. S. João Evangelista.
- 28 S. Os Santos Innocentes.
- 29 T. ✠ S. Thomaz.
- 30 Q. S. Sabino.
- 31 Q. S. Silvestre.

Como as estrellas, que esmalta
O céu, em noite formosa,
As margaritas resaltam
Por entre a relva mimosa.

O seu seio, todo alvura,
E' sacrário de pureza,
Que nos fala de ternura
Com ingenua singeleza.

De uma doce suavidade,
De uma pura e alva côr,
São a flôr da ingenuidade,
São da innocência a flôr.

31

MARGARIDA



PHASES DA LUA

- 8 — Lua cheia ás 2 horas e 5 minutos da manhã.
- 15 — Quarto minguante ás 8 horas e 37 minutos da tarde.
- 22 — Lua nova ás 11 horas e 45 minutos da manhã.
- 29 — Quarto crescente ás 4 horas e 5 minutos da tarde.



Hortas e campos

E' costume antigo semear-se n'este mez pinheiros, castanheiros, azinheiros, caroço de pecego, alcachofras, espina-fres, bredo, aipo, pimpinella, couve, rabanetes, nabos e grãos: plantam-se sabugueiros, choupos e sobreiros e enxertam-se de espinho as arvores de cedro, antes que rebentem; dá-se descanço ás terras e prepara-se a salga-deira para a carne de porco, visto que se está no tempo da matança.

JARDINS

E' n'este mez que todo o cuidado do jardineiro deve sempre convergir para a poda das arvores e dos arbustos, quando as geadas não forem muito intensas. Cuida-se dos taboleiros dos jacinthos e tulipas, preservando-os das lesmas, decepam-se os pés velhos das resedás; decepam-se rente ao chão as hastes dos chrysanthemos ou despedidas de verão, que acabaram de dar flôr. Quanto ao mais, remettemos os nossos leitores para o mez de janeiro, pois são tão semelhantes as condições climatericas nos dois mezes que os trabalhos d'um são os que se podem realizar no outro.

N'este mez de dezembro devem plantar-se profusamente as campainhas brancas, as hepaticas e o açafreão.



Paizes em que n'este mez se fazem colheitas

Birmania.

em 10 por cento, a produção mundial do trigo passou de 791 a 1:148 milhões de hectolitros, ou seja mais 45 por cento; a do assucar, de 63 a 116 milhões de quintaes, ou 82 por cento; a do café, de 5.600:000 a 8.800:000 quintaes, ou 57 por cento; e a do algodão, de 26 a 40 milhões de quintaes, isto é 54 por cento.

«Por consequencia, — diz o referido sabio — tem-se trabalhado e produzido muito mais do que durante o periodo precedente e tem-se mesmo vivido melhor. Mas se te «melhor» é tudo quanto ha de mais relativo. Ha no mundo uma enorme quantidade de desgraçados que mal conseguem matar a fome, e, para me servir de uma imagem recentemente empregada n'um estudo americano, sobre o papel internacional do algodão, accrescentarei que, sendo a população do Universo calculada em 1:500 milhões de habitantes, numeros redondos, apenas 500 milhões conseguem vestir-se completamente; 750 milhões andam pessimamente vestidos e os 250 milhões restantes vivem completamente nus.

Para vestir toda a humanidade, seria necessaria uma produção annual de 42 milhões de fardos de algodão de 500 libras inglezas, ou seja 95.300:000 quintaes emquanto a totalidade do algodão produzido no mundo inteiro attinge actualmente apenas 40 milhões.

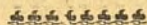


Juiz e réu

Juiz: — Não lhe disse eu, a ultima vez que se apresentou deante de mim, que não queria tornar a vê-lo?

Réu: — Disse, sim, senhor, mas por

mais que en o repetisse aos policias que me prenderam, nenhum o quiz acreditar.



Não ha melhor parente que amigo fiel e prudente.

CHRONOLOGIA

Datas chronologicas geraes

Do periodo juliano de Scaliger que comprehende todos os tempos historicos.....	6621
Da creação do mundo, segundo os calculos biblicos.....	5908
Do Diluvio Universal.....	4252
Da fundação de Carthago.....	2786
Da fundação de Roma, segundo Varão.....	2662
Da destruição de Jerusalem.....	1638
Da primeira cruzada.....	812
Da impressão do primeiro almanach.....	436

Datas chronologicas nacionaes

Da fundação da monarchia portugueza, por D. Affonso Henriques..	767
Da tomada de Lisboa aos mouros, pelo mesmo rei.....	761
Da conquista do reino do Algarve aos mouros, por D. Affonso III.....	643
Da criação da Universidade, por D. Diniz.....	618
Da aclamação do mestre de Aviz com o nome de João I.....	524
Da batalha de Aljubarrota contra D. João I de Castella, que pretendia o throno portuguez.....	524
Da descoberta da India por Vasco da Gama.....	411
Da descoberta do Brazil por Pedro Alvares Cabral.....	408
Da conquista de Ceuta por D. João I (primeira empreza maritima dos portuguezes).....	493
Da revolução de 1640.....	268
Da restauração do Brazil.....	254
Da invenção e ascensão do primeiro balão aerostatico pelo padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, no Terreiro do Paço, em Lisboa.....	200
Do grande terramoto de Lisboa.....	153
Da expulsão dos jesuitas do reino e dominios de Portugal.....	149
Da revolução liberal do Porto de 1820	88
Da aclamação de D. Pedro IV e doação da Carta Constitucional.....	82
Do desembarque do exercito libertador nas praias do Mindello (8 de julho).....	76
Da entrada em Lisboa do Marechal Duque da Terceira e da divisão do seu commando (24 de julho).....	75

Ferias

As ferias escolares são geralmente: do Anno Bom aos Reis (1 a 6 de janeiro); de sabbado gordo a quarta-feira de Cinzas (29 fev. a 4 de março); dos Ramos á Paschoela (12 a 26 de abril); todo o mez de setembro; da vespera do dia de Natal até ao fim do anno.

Dias feriados são todos os de grande gala e mais os de 24 de setembro (Anniversario da morte de D. Pedro IV) e 19 de outubro (Anniversario do fallecimento de El-Rei D. Luiz I, pae de S. M. El-Rei D. Carlos).

Benções matrimoniaes

São prohibidas desde quarta-feira de Cinzas até ao primeiro domingo depois da Paschoa (4 de março a 26 de abril) e desde o primeiro domingo do Advento até ao dia de Reis) 29 de novembro a 6 de janeiro de 1903.

Começo das Estações

Primavera.....	21 de março	Outomno
Verão.....	21 de junho	Inverno
Outomno.....	23 de setembro	Primavera
Inverno.....	22 de dezembro	Verão

E' preciso notar que, quando é verão entre nós, é inverno nas regiões meridionaes.

Dias em que são prohibidos os espectaculos publicos

Abril, 15, 16 e 17 (Trevas, Endoenças e Paixão). Setembro, 24 (Anniversario da morte de D. Pedro IV) Outubro, 19 (Anniversario da morte de El-Rei D. Luiz I). Novembro, 2 (Dia de Finados). E nos dias de luto por morte do rei, rainha ou pessoa real, patriarcha, bispo da diocese, em dias de preces publicas, etc.

Caniculares

Começam em 23 de julho e acabam em 31 de agosto.

Festas moveis

Fevereiro 16.....	Septuagesima.
Março 4.....	Cinzas.
Abril 19.....	Paschoa.
Maio 25, 26 e 27....	Rogações.
Maio 28.....	Ascensão.
Junho 7.....	Espirito Santo.
Junho 14.....	SS. Trindade.
Junho 18.....	Corpo de Deus.
Junho 26.....	SS. Coração de Jesus.
Novembro 29.....	Advento.

Temporas

Primeiras.....	11, 13 e 14 de março.
Segundas.....	10, 12 e 13 de Junho.
Terceiras.....	16, 18 e 19 de setembro.
Quartas.....	16, 18 e 19 de dezembro.

Dias de grande gala e recepção no Pago

Janeiro 1, Anno Bom. Março 21, anniversario de S. A. o Principe Real sr. D. Luiz Filippe. Abril 29, outorga da Carta Constitucional. Julho 31, juramento da Carta e annos de S. A. o sr. infante D. Affonso. Setembro 28, annos de SS. MM. El-Rei e a Rainha sr.ª D. Amelia.

Dias de pequena gala

Fevereiro 17, annos de S. A. a Infanta sr.ª D. Antonia, tia de S. M. El-rei. Abril 19, domingo de Paschoa. Maio 1, pronome de S. A. o Principe Real; 22, anniversario do casamento de SS. MM. Junho, 18, Corpo de Deus; 25, SS. Coração de Jesus. Julho 10, nome de S. M. a Rainha sr.ª D. Amelia. Setembro 8, nome de S. M. a Rainha sr.ª D. Maria Pia. Novembro 4, nome de S. M. El-Rei; 15, annos de S. A. o infante sr. D. Manuel. Dezembro 1, aclamação de El-Rei D. João IV, cognominado o «Restaurador»; 25, dia de Natal; 31, ultimo dia do anno.

Os dias uteis

No anno de 1908 ha 70 dias de descanso, incluindo os domingos, os dias santificados que occorrem em dias de semana e a terça feira de entrudo. Dias uteis: em janeiro, 24; em fevereiro, 22; em março, 24; em abril, 24; em maio, 25; em junho, 24; em julho, 27; em agosto, 25; em

setembro, 26; em outubro, 27; em novembro, 25; em dezembro, 25. Total, 295 dias uteis.

Annos bissextos a seguir

1912, 1916, 1920, 1924 e successivamente de quatro em quatro annos.

Mezes de 30 dias

Abril, junho, setembro e novembro.— Meiz de 29 dias: fevereiro.

Carnaval

Domingo magro, em 23 de fevereiro.
Domingo gordo, em 1 de março.
Terça feira de entrudo, 3 de março.

Quaresma

Começa no dia 4 de março, quarta feira de cinzas, e acaba em 19 de abril, domingo de Paschoa.

Meia quaresma em 25 de março.

São domingos em 1908

Janeiro.....	5, 12, 19, 26
Fevereiro.....	2, 9, 16, 23
Março.....	1, 8, 15, 22, 29
Abril.....	5, 12, 19, 26
Maio.....	3, 10, 17, 24, 31
Junho.....	7, 14, 21, 28
Julho.....	5, 12, 19, 26
Agosto.....	2, 9, 16, 23, 30
Setembro.....	6, 13, 20, 27
Outubro.....	4, 11, 18, 25
Novembro.....	1, 8, 15, 22, 29
Dezembro.....	6, 13, 20, 27

Começo e fim do anno

Começa em quarta feira 1.º de janeiro e termina em quinta feira 31 de dezembro.

Meio do anno

A' meia noite de 1 para 2 de junho.

Mezes de 31 dias

Janeiro, março, maio, julho, agosto, outubro e dezembro.

Nascimento da familia real

O senhor D. Carlos, rei de Portugal e dos Algarves, etc., nasceu a 28 de setembro de 1863; subiu ao throno, por morte de seu pae o senhor D. Luiz I, em 19 de outubro de 1889, foi aclamado rei em 28 de dezembro do mesmo anno. Casou em 22 de maio de 1886.

Sua Magestade a Rainha a senhora D. Maria Amelia Luiza Helena d'Orleans nasceu em 28 de setembro de 1865, filha de D. Luiz Filipe Alberto, conde de Paris.

Primeiro filho, o serenissimo senhor D. Luiz Filipe, Príncipe Real, nasceu a 21 de março de 1887.

Segundo filho, o serenissimo senhor infante D. Manuel, nasceu a 15 de novembro de 1889.

Sua Magestade a rainha, mãe d'El-Rei, a senhora D. Maria Pia de Sabya, nasceu a 16 de outubro de 1847, filha do rei da Sardenha, Victor Manuel II. Viuva de el-rei D. Luiz I, fallecido em 19 de outubro de 1889.

O serenissimo senhor infante D. Afonso Henrique, duque do Porto, irmão de El-Rei, nasceu a 31 de julho de 1865.

A serenissima senhora infanta D. Antonia, tia de El-Rei, nasceu a 17 de fevereiro de 1845.

Ancoradouros principaes do Tejo

(Limites approximados)

Navios mercantes recebendo carga e passageiros:

Entre Santa Apollonia e Terreiro do Paço.

Idem carregando ou descarregando carvão:

Entre a igreja de S. Paulo e o quartel de marinheiros.

Navios á ordem:

Entre a doca de Santo Amaro e a Torre de Belem.

Navios em quarentena:

Entre a Junqueira e a Torre de Belem.

Navios de guerra nacionaes:
Entre o Terreiro do Paço e a igreja de S. Paulo.



Tempo por que se deve usar luto

Pelas pessoas reinantes, 6 mezes; por marido ou mulher, 1 anno; por paes, filhos, avós, bisavós, netos ou bisnetos, 6 mezes; por sogras, sogros, genros, noras, irmãos ou cunhados, 4 mezes; por tios, sobrinhos, primos, co-irmãos, 2 mezes; por qualquer parente mais afastado, 15 dias.



Preços de passagens nos barcos do Tejo

De bordo dos navios ou vice-versa

Considera-se o rio dividido em 3 secções:

Oriental—Desde o enfiamto do angulo SE das obras de Santa Engracia pelo angulo SO da estação de Santa Apollonia, até ao enfiamto do angulo SE do Armazem novo da alfandega pelo angulo SO da torre S da Sé.

Occidental—Desde este ultimo enfiamto até ás da chaminé do quartel de marinheiros pela chaminé mais alta das Necessidades.

Occidental—Desde este até ao enfiamto do angulo SO da Torre de Belem pelo Torrão.

Dentro de cada secção: por passageiro 400 réis, por volume 80 réis.

De qualquer secção para a immediata: por passageiro 600 réis, por volume 120 réis.

Entre as secções extremas: por passageiro 800 réis, por volume 160.



—Mas então o senhor paga-me ou não os 50\$000 réis que me deve ha tanto tempo? Diga-me, ao menos, o dia em que me pôde dar esse dinheiro!

—Ora essa! Eu sei lá! O senhor, porventura, imagina que eu sou propheta?

Direitos de consumo em Lisboa

Carnes

Gado bovino abatido em matadouro publico de Lisboa e nas suas filiaes — peso das rezes vivas.....	100 k.	2\$730
Carne limpa, de gado bovino abatido fora da cidade, fresca, secca, salgada ou fumada.....	100 k.	6\$551
Porcos vivos.....	100 k.	4\$913
Porcos mortos, completos (excepto os intestinos).....	100 k.	5\$735
Miudezas de gado bovino, despachadas em separado das rezes correspondentes.....	100 k.	2\$184
Miudezas de gado suino.....	100 k.	2\$184
Tripas de gado bovino ou suino, frescas ou salgadas.....	100 k.	1\$092
Banhas de porco em rama.....	100 k.	3\$730
Idem derretidas.....	100 k.	3\$275
Chouriços de sangue e os chamados mouros.....	100 k.	2\$184
Farinheiras.....	100 k.	1\$092
Toda a outra carne de gado suino, fresca, secca, fumada, salgada ou por qualquer forma preparada, incluindo o toucinho.....	100 k.	7\$102

Liquidos

Alcool e aguardente simples em garrafas, frascos, botijas e vasilhas semelhantes, e alcool e aguardente preparados.....	litro	\$270
Aguardente e alcool simples em outras quaesquer vasilhas, pelo alcool puro que contiverem.....	litro	\$270
Licores e cremes.....	litro	\$180
Bebidas alcoolicas não especificadas.....	litro	\$270
Vinhos communs até 15°, vinhos engarrafados de produção nacional, e vinhos do Douro e Madeira, em quaesquer vasilhas, quando se prove a sua origem.....	100 k.	3\$392
Vinhos de 16° a 19°.....	100 k.	3\$922
Vinhos de 20° a 22°.....	100 k.	4\$452
Vinhos com 23 ou mais graus litro		\$270
Vinagre.....	100 k.	\$493
Cerveja (1).....	100 k.	4\$638
Bebidas fermentadas não especificadas.....	100 k.	3\$275

Azeite de oliveira.....	100 k.	5\$242
Oleo de mendobi.....	100 k.	5\$242
Oleo de amendoas.....	100 k.	5\$242
Oleo de purgueira e quaesquer outros applicaveis a illuminacao.....	100 k.	2\$184
Peixe em conserva d'azeite ou quaesquer oleos comestiveis	6 k.	62,4

Varios generos

Azeitonas curtidas ou por curtir.....	100 k.	\$440
Ananazes.....	100 k.	5\$460
Annonas e morangos.....	100 k.	2\$406
Melões e melancias.....	100 k.	\$223
Fructas seccas não especificadas.....	100 k.	\$440
Alfarroba e pinhão em casca.....	100 k.	\$276
Miolo de amendoa doce ou amarga.....	100 k.	6\$551
Castanha secca, figo secco e amendoa durazia.....	100 k.	1\$203
Fructas seccas não especificadas.....	100 k.	1\$968
Batatas.....	100 k.	\$164
Ovos.....	100 k.	2\$406
Manteiga.....	100 k.	3\$275
Queijos brancos, frescos ou com sal.....	100 k.	1\$638
Queijos não especificados.....	100 k.	3\$275
Carvão vegetal.....	Ad val.	8,5 %
Carvão de coque.....	Ad val.	8,5 %

Augmento de direitos pagos em Lisboa relativo a um periodo de 5 annos

1900-1901

Carnes.....	628.466\$544
Vinhos.....	1.145.346\$969
Outros generos.....	449.532\$923
Total.....	2.223.366\$536

1904-1905

Carnes.....	690.384\$038
Vinhos.....	1.182.303\$662
Outros generos.....	515.806\$890
Total.....	2.688.497\$590

(1) Por lei de 29 de julho de 1899, foi a cerveja isenta de imposto do consumo em Lisboa, mas fica sujeita ao imposto de fabricação e consumo, na razão de 20 réis por litro, estabelecido pela mesma lei, e por decreto de 14 de junho de 1901 elevado a 26,6 réis.

Direitos parochiaes das freguezias de Lisboa

Baptismos e casamentos

Sem capa 800 réis; com capa 1\$200 réis; fóra da igreja parochial 6\$400 réis.

N. B.—Estas quantias pertencem ao parochio; ao thesoureiro se dará o equivalente da metade que se dá ao parochio.

Enterros

Corpo á terra—A' mão: offerta 900 réis, acompanhamento 600 réis; de sege: offerta 1\$200 réis, acompanhamento, 800 réis.

Caixão á cova—A' mão: offerta 2\$400 réis, acompanhamento 1\$600 réis; de sege: offerta 3\$600 réis, acompanhamento 2\$400 réis.

De berlinda—Offerta 9\$600 réis, acompanhamento 6\$400 réis.

De coche com berlinda ou sem ella—Offerta 19\$200 réis, acompanhamento 2\$800 réis.

N. B.—Estas quantias pertencem aos parochos, os quaes não serão obrigados a acompanhar a pé fora dos limites das suas respectivas freguezias; ao thesoureiro se dará o equivalente da metade da quantia que se dá ao parochio pelo acompanhamento.

Encomendações cantadas

Por cada uma ao parochio 1\$800 réis, ao thesoureiro 600 réis.

N. B.—As rezadas são gratuitas.

Officio de nove lições, e missa cantada de corpo presente, ao parochio 6\$400 réis, ao thesoureiro 3\$200 réis.

Festividades

Missa cantada na igreja parochial—De instrumental, ao parochio 1\$800 réis, ao thesoureiro 600 réis; a orgão ou cantochão, ao parochio 1\$200 réis, ao thesoureiro 400 réis.

Missa cantada fóra da igreja parochial—De instrumental, ao parochio 2\$400 réis, ao thesoureiro 800 réis; a orgão ou cantochão, ao parochio 1\$800 réis, ao thesoureiro 600 réis.

Matinas e Laudes—Ao parochio 2\$400 réis, ao thesoureiro 480 réis.

Procissões fóra da igreja nos limites da freguezia—Ao parochio 1\$200 réis, ao thesoureiro 400 réis.

Procissões fóra dos limites da freguezia—Ao parochio 2\$400 réis, ao thesoureiro 800 réis.

Manhãs de Domingo de Ramos, Quinta, Sexta e Sabbado Santo, Ascensão e Can-deias—Em cada uma ao parochio 2\$400 réis, ao thesoureiro 800 réis.

Cartorio

Banhos de tres denuncias 480 réis, de uma 120 réis.

Mandados de *publicandis* 480 réis.

N. B.—Certidões de obitos de nobres e attestados de pobreza serão gratuitos.

Certidões de baptismo, casamento e obito, 240 réis.

Abrir assentos por despacho da auctoridade superior ecclesiastica 800 réis.

Buscas até 20 annos *gratis*; d'ahi para traz cada anno 60 réis.

Attestados de vida 240 réis.

N. B.—Attestados relativos a pensionistas, que recebam do Estado menos de réis 50\$000 por anno, a amas de expostos, ou a pobres, serão gratuitos.

Informação fechada sobre requerimento a interesse de parte (não pobre) 480 réis.

Informação aberta (não relativa a pobre) 240 réis.

Cada arvore de geração 800 réis.

Conhecenças ou deriscas, cada pessoa 50 réis.

Os estylos emquanto aos direitos da fabrica continuam como até agora. Os baptismos e enterros dos expostos continuam a ser gratuitos.

Contribuição de renda de casa sobre o valor locativo

Terras de 1.ª ordem

De 36\$000 a 400\$000—10 %.
De 400\$000 a 1:000\$000—13 "
Superior a 1:000\$000—15 "

Terras de 2.ª ordem

De 24\$000 a 300\$000—10 "
De 300\$000 a 600\$000—13 "
Superior a 600\$000—15 "

Terras de 3.ª e 4.ª ordem

De 12\$000 a 150\$000—10 "
Superior a 150\$000—12 "

Nas restantes terras

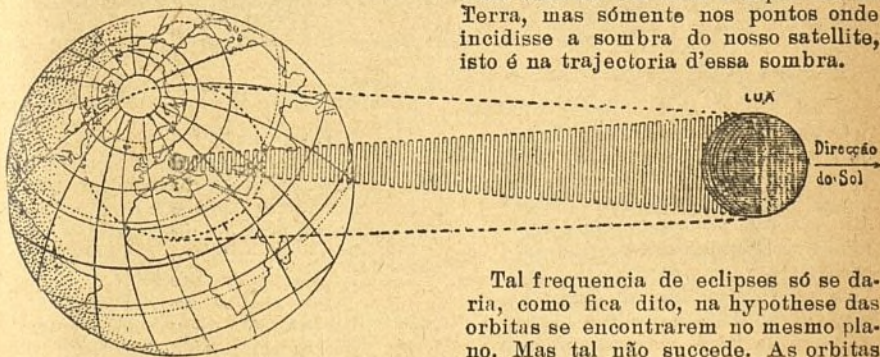
De 6\$000 a 150\$000—10 "
Superior a 150\$000—12 "

OS ECLIPSES

O movimento annual de translação da Terra em volta do Sol combinado com o da Lua em volta da Terra é a causa dos eclipses. Se es es movimentos se fizessem em orbitas existentes no mesmo plano, teriamos cada mez dois eclipses, um da lua, outro do Sol. Os eclipses da Lua dar-se-iam em todos os *plenilunios*, no momento em que a terra se interpozesse entre o Sol e a Lua. Então o nosso satellite, entrando

metro da Lua cêrca de um sétimo do da Terra, a sombra projectada era também muito menor. D'este modo não seria a Terra que entrava no cône de sombra projectado pela Lua, mas era este cône que, por assim dizer, varria a superficie da Terra seguindo uma directriz variavel segundo a declinação da Lua e do Sol.

Quer isto dizer que, na hypothese considerada, os eclipses do Sol não seriam visiveis em toda a superficie da Terra, mas sómente nos pontos onde incidisse a sombra do nosso satellite, isto é na trajectoria d'essa sombra.



no cône de sombra projectado no espaço pela Terra, deixaria de reflectir a luz do sol e ficaria na obscuridade por mais ou menos tempo consoante a distancia a que a lua estivesse no momento do eclipse.

Os eclipses do sol dar-se-iam em todos os *novilunios*. Era então a Lua que, interpondo-se entre o Sol e a Terra projectava sobre esta a sua sombra e, no local onde esta incidisse haveria eclipse do Sol, porém com uma differença que convém notar. Sendo o dia-

Tal frequencia de eclipses só se daria, como fica dito, na hypothese das orbitas se encontrarem no mesmo plano. Mas tal não succede. As orbitas cortam-se em dois pontos, segundo um certo plano, e a junção d'esses pontos denomina-se a *linha dos nós*. Quando no *plenilunio*, a lua corta essa linha, ha eclipse da lua, que será total se a coincidência fôr perfeita, parcial se a lua cortar a linha de nós antes ou depois do *plenilunio*.

O mesmo se dá com relação aos eclipses do Sol. Em todo o caso, estes só se dão na lua nova (*novilunio*) aquelles só na lua cheia (*plenilunio*).

Eclipses do sol—Haverá este anno tres eclipses do sol:

Em 3 de janeiro. Eclipse total do sol, invisível em Lisboa, mas visível em parte no Atlantico.

Começo do eclipse ás 6,30^m p. m.

Meio » » » 9,08^m » »

Fim » » » 11,40^m » »

(Tempo médio de Lisboa).

Em 28 de junho. Eclipse annular do sol, em parte visível em Lisboa, como eclipse parcial.

Começo do eclipse ás 12,52^m p. m.

Meio » » » 3,54^m » »

Fim » » » 6,53^m » »

(Tempo médio de Lisboa).

Eclipse annular do sol em 22-23 de

dezembro de 1908, invisível em Lisboa, mas visível em Lourenço Marques e em toda a Africa Austral.

Começo do eclipse ás 8,29^m p. m. de 22

Meio » » » 11,12^m » » 23

Fim » » » 1,45^m a m. » »

Eclipse da lua em 7 de dezembro de 1908, visível em Lisboa.

Entrada da lua na penumbra, ás 7,1^m p. m.

Meio do eclipse ás 9,18^m p. m.

Sahida da lua da penumbra, ás 11,35^m

p. m.

(Tempo médio de Lisboa).



O phenomeno das marés é devido á acção combinada das attracções da Lua e do Sol na superficie da Terra. E' todavia a acção da Lua que predomina, pela sua maior proximidade da Terra. Poucas horas depois da passagem da Lua pelo meridiano do lugar de observação dá-se o *preamar*. Esse numero de horas, porém, não é o mesmo em toda a parte. Varia com diversas circumstancias locais, e em especial com a configuração das costas, com a forma das enseadas, das embocaduras dos rios, etc. E phenomeno identico se dá, quer a passagem da lua pelo meridiano seja *superior*, (isto é pelo arco do meridiano que passa pelo zenith), quer seja *inferior* (isto é pelo arco que passa pelo nadir).

Ora, n'um ou n'outro caso, dá-se o *preamar* á mesma hora para um dado lugar.

E porque?

Porque, quando é Lua nova, passa o nosso satellite pelo meridiano ao meio dia; quando é lua cheia passa á meia noite, e visto que as causas são identicas, identicos serão os effectos.

Em Lisboa dá-se o *preamar* 2 horas e meia depois da passagem da lua pelo meridiano. D'ahi o rí-fão popular que, é bom notar-se, só tem lugar para o nosso Tejo e que todos conhecem: *Lua nova, Lua cheia, preamar ás duas e meia*. Dada a idade da lua seria facil por um simples calculo determinar a hora do *preamar* ou do *baixamar* no Tejo, baseando-se no facto de que o dia 1 da lua corresponde á lua nova, o dia 15 á lua cheia. A tabella que se segue evita esse calculo.

Convém igualmente observar que em cada 24 horas ha dois *preama*.

res e dois baixamares; dá-se o primeiro preamar 2 horas e meia depois da passagem da Lua pelo meridiano; dá-se o segundo não precisamente 12 horas depois, mas 12 horas e 24 minutos aproximadamente.

Basta um exemplo para mostrar o uso que se póde fazer da tabella: o 1.º

preamar do dia 5 da Lua é ás 6 e meia horas da tarde; o preamar da manhã d'esse dia foi o segundo preamar do dia 4 da lua, o qual se effectuou ás 6 horas e 6 minutos da manhã. E' conveniente não esquecer esta circumstancia para se fazer uso conveniente da tabella.

Dias de lua	PRIMEIRA MARE		Dias de lua	PRIMEIRA MARE		Dias de lua	SEGUNDA MARE		Dias de lua	SEGUNDA MARE	
	Preamar	Baixamar		Preamar	Baixamar		Preamar	Baixamar		Preamar	Baixamar
	hor. min.	hor. min.		hor. min.	hor. min.		hor. min.	hor. min.		hor. min.	hor. min.
1	3 48 t.	9 30 t.	16	3 48 m.	9 30 m.	1	3 42 m.	9 54 m.	16	3 42 t.	9 54 t.
2	4 6 t.	10 18 t.	17	4 6 m.	10 18 m.	2	4 30 m.	10 42 m.	17	4 30 t.	10 42 t.
3	4 54 t.	11 06 t.	18	4 54 m.	11 6 m.	3	5 18 m.	11 30 m.	18	5 18 t.	11 30 t.
4	5 42 t.	11 54 t.	19	5 42 m.	11 54 m.	4	6 6 m.	0 48 t.	19	6 6 t.	0 48 m.
5	6 30 t.	0 42 m.	20	6 30 m.	0 42 t.	5	6 54 m.	1 6 t.	20	6 54 t.	1 6 m.
6	7 18 t.	1 30 m.	21	7 18 m.	1 30 t.	6	7 42 m.	1 54 t.	21	7 42 t.	1 54 m.
7	8 6 t.	2 18 m.	22	8 6 m.	2 18 t.	7	8 30 m.	2 42 t.	22	8 30 t.	2 42 m.
8	8 54 t.	3 6 m.	23	8 54 m.	3 6 t.	8	9 18 m.	3 30 t.	23	9 18 t.	3 30 m.
9	9 42 t.	3 54 m.	24	9 42 m.	3 54 t.	9	10 6 m.	4 18 t.	24	10 6 t.	4 18 m.
10	10 30 t.	4 42 m.	25	10 30 m.	4 42 t.	10	10 54 m.	5 6 t.	25	10 54 t.	5 6 m.
11	11 18 t.	5 30 m.	26	11 18 m.	5 30 t.	11	11 42 m.	5 54 t.	26	11 42 t.	5 54 m.
12	0 6 m.	6 18 m.	27	0 6 t.	6 18 t.	12	0 30 t.	6 42 t.	27	0 30 m.	6 42 m.
13	0 54 m.	7 6 m.	28	0 54 t.	7 6 t.	13	1 18 t.	7 30 t.	28	1 18 m.	7 30 m.
14	1 42 m.	7 54 m.	29	1 42 t.	7 54 t.	14	2 6 t.	8 18 t.	29	2 6 m.	8 18 m.
15	2 30 m.	8 42 m.	30	2 30 t.	8 42 t.	15	2 54 t.	9 6 t.	30	2 54 m.	9 6 m.

Preço dos trens de praça em Lisboa

Por corrida, dentro da antiga circumvallação e até á estação dos caminhos de ferro em Alcantara e Jardim Zoológico, uma ou duas pessoas 400 réis; tres ou quatro pessoas, 500 réis.

Até aos limites da nova circumvallação, uma ou duas pessoas, 1\$000 réis; tres ou quatro pessoas, 1\$200.

A's horas, contadas por qualquer relógio em que igualmente se possa verificar o começo e fim do serviço, dentro da nova circumvallação: 1 hora, 600 réis; 2, 1\$200; 3, 1\$500; 4, 1\$800; 5, 2\$100; 6, 2\$400 réis, por 1 ou 2 pessoas: 1 hora, 700 réis; 2, 1\$400; 3, 1\$800; 4, 2\$200; 5, 2\$600; 6, 3\$000 por 3 ou 4 pessoas.

A contar do mez de julho de 1907 está em vigor a seguinte tabella dos preços para as carruagens munidas de taxímetro.

Algarismo 1, em branco, sobre fundo encarnado, uma a duas pessoas, de

dia, os primeiros 1:200 metros, 150 réis; cada 600 metros a mais, 50 réis.

Algarismo 2, em branco, sobre fundo azul, tres a cinco pessoas, de dia, os primeiros 1:000 metros, 150 réis; cada 500 metros a mais, 50 réis.

Algarismo 3, sobre fundo amarelo, uma a cinco pessoas, de noite, os primeiros 600 metros, 150 réis; cada 100 metros a mais, 50 réis.

Tempo de espera, cada seis minutos, 50 réis.

A tarifa de dia vigora desde o amanhecer até á uma hora da madrugada.

Bagagens: Por cada mala ou baú collocado no exterior da carruagem 100 réis.

São conduzidos gratuitamente os sacos de viagem, malinhas de mão, guarda-chuvas, espadas, bengalas, chapel-leiras e quaesquer pequenos objectos, que os viajantes possam conservar na mão ou no interior da carruagem sem a deteriorar.

Algumas verbas mais usuaes da lei do sêllo

Ações ou titulos representativos de capital de quaesquer sociedades, sem exclusão das parcerias maritimas, conforme o valor nominal:

Até 5\$000 reis.....	\$020
De mais de 5\$000 reis até 10\$000 reis.....	\$030
De mais de 10\$000 reis até 50\$000 reis.....	\$075
De mais de 50\$000 reis até 100\$000 reis.....	\$150
Cada 100\$000 reis a mais ou fracção d'esta quantia.....	\$150

Se forem de sociedades para exploração nas possessões ultramarinas, obrigadas a dar directa partilha nos seus lucros ao Estado, a taxa applicavel, nunca menos de 10 reis, será de..... 1 por mil

Aval, com relação a letras, prestado em carta ou em outro documento separado, conforme o valor garantido:

De 1\$000 reis a 10\$000 reis	\$010
De mais de 10\$000 reis a 50\$000 reis.....	\$020
De mais de 50\$000 reis a 100\$000 reis.....	\$030
De mais de 100\$000 reis a 250\$000 reis.....	\$050
Cada 250\$000 reis a mais ou fracção d'esta quantia.....	\$050
Certidões, cada meia folha..	\$100

Sendo escriptas no papel de outra certidão ou de qualquer outro acto, cada uma..... \$100

Não se comprehendem n'este artigo as certidões de citação, intimação, notificação e outras que os escriptaes e secretarios teem a exarar nos processos forenses, nem as certidões que os officiaes de diligencias teem de passar no desempenho das suas funcções, nem as certidões de avaliação de bens.

Ficam isentas as certidões de idade que os administradores de conselho ou bairro passam para as cadernetas dos menores trabalhadores em fabricas, quando filhos de paes pobres.

Ficam tambem isentas as cer-

tidões de obitos enviadas pelos parochos ao Ministerio Publico para distribuição de inventarios orphanologicos de valor não excedente a 120\$000 reis. As certidões para os inventarios de valor excedente a 120\$000 reis podem ser passadas em papel communi, mas pagarão por verba o sêllo devido conjuntamente com o dos processos.

Certificados, cada meia folha..... \$100

Sendo de registo criminal, mais..... \$100

Sendo de registo de propriedade de embarcações de portos e rios, somente..... \$100

Ficam isentos os certificados de vida, identidade, estado e residencia passados nos recibos de pensões ou subsidios, os certificados de instrução primaria elemental e os certificados feitos pelos notarios nos reconhecimentos e instrumentos em que intervierem.

Cheques á vista ou sem designação do praso do vencimento, passados, no continente do reino e ilhas adjacentes, ao portador ou em favor de pessoa certa..... \$020

Cheques passados, no continente do reino e ilhas adjacentes, com designação do praso do vencimento, ao portador ou em favor de pessoa certa, cheques ou livranças de qualquer natureza passados em praças estrangeiras para serem pagos em Portugal e vice-versa:

De 1\$000 reis a 20\$000 reis	\$020
De mais de 20\$000 reis a 100\$000 reis.....	\$100
Cada 100\$000 reis a mais ou fracção d'esta quantia.....	\$100
Diplomas de habilitações litterarias ou scientificas:	
Carta de grau pela Universidade:	
De bacharel.....	20\$000
De licenciado.....	25\$000
De doutor.....	30\$000
Carta de approvaçãom qual-	

quer curso de instrucção superior.....	20\$000	Licença para ter um ou mais cães, cada uma:	
Carta de approvação em qualquer curso de instrucção secundaria.....	2\$000	Em Lisboa e Porto.....	\$500
Carta de habilitação de pharmaceutico.....	5\$000	Nas outras cidades e capitães do districto.....	\$300
Carta de habilitação de piloto.....	2\$000	Nas demais terras.....	\$100
Carta de exame, approvação ou habilitação de dentista....	10\$000	Quando as habitações dos donos dos cães não tenham quintal, terraço ou pateo, o imposto será de vinte vezes a taxa respectiva.	
Carta de approvação de parteira.....	2\$000	Ficam isentas as licenças para cães de guarda.	
Diploma para o exercício das funções de director de estabelecimento particular de ensino secundario.....	4\$000	Licença para queimar fogos de artificio.....	\$500
Diploma para o exercício das funções de professor particular de ensino secundario..	2\$000	Licença para queimar simplesmente foguetes.....	\$200
Letras sacadas no continente do reino e ilhas adjacentes, ordens, livranças e escriptos commerciaes de qualquer natureza, nos quaes se determine pagamento ou entrega do dinheiro com clausula á ordem ou á disposição, ainda que sob a fórma de correspondencia epistolar:		Passaportes:	
Sendo á vista ou até oito dias de praso:		Passaporte a nacionaes, para fóra do reino e das possessões ultramar., via maritima:	
De 1\$000 réis a 20\$000 réis.	\$020	Até tres pessoas.....	3\$000
De mais de 20\$000 réis a 50\$000 réis.	\$050	Por cada pessoa a mais.....	1\$000
De mais de 50\$000 réis a 250\$000 réis.	\$100	Passaporte, conferido a nacionaes que pretenderem sair do reino pela fronteira terrestre, cada pessoa.....	1\$300
Cada 250\$000 réis a mais ou fracção d'esta quantia.....	\$100	Passaporte a estrangeiro para fóra do reino e das possessões ultramarinas, pela via maritima, cada pessoa.....	2\$000
Sendo á mais de oito dias de praso:		Passaporte a estrangeiro para fóra do reino pela fronteira terrestre, e para as possessões ultramarinas, por qualquer via, cada pessoa.....	1\$000
De 1\$000 réis a 20\$000 réis	\$020	Ficam isentos os passaportes conferidos a nacionaes que pretendam sair do reino para possessões portuguezas no ultramar. As crianças até sete annos não se incluem n'este artigo.	
De 20\$000 réis a 40\$000 réis	\$040	Recibos ou quitações e seus duplicados e outros quaesquer titulos ou documentos que importem desobrigação de dinheiro, valores ou qualquer objecto, exceptuadas as quitações dos vendedores, cedentes e permutantes nos contractos de compra e venda, cessão onerosa e troca:	
De 40\$000 réis a 60\$000 réis	\$060	De 1\$000 réis a 10\$000.....	\$010
De 60\$000 réis a 80\$000 réis	\$080	De mais de 10\$000 réis a 50\$000 réis	\$020
De 80\$000 réis a 100\$000 réis	\$100	De mais de 50\$000 réis a 100\$000 réis	\$030
Cada 100\$000 réis a mais ou fracção d'esta quantia.....	\$100	De mais de 100\$000 réis a 250\$000 réis	\$050
Estas taxas serão applicadas a cada via em que fôrem sacadas as letras.		Cada 250\$000 réis a mais ou fracção d'esta quantia.	\$050
Letras sacadas em praças estrangeiras quando endossadas, acceitas ou pagas no continente do reino e ilhas adjacentes, cada uma.....			
De 1\$000 réis a 20\$000 réis.	\$020		
De mais de 20\$000 réis a 100\$000 réis.....	\$100		
Cada 100\$000 réis a mais ou fracção d'esta quantia.....	\$100		

São comprehendidos n'este artigo os recibos dos juizes e de todos os outros magistrados, funcionarios e mais empregados publicos, ainda que sujeitos á contribuição industrial, e as declarações que os notarios são obrigados a fazer, nos termos do artigo 42.º da lei organica do notariado, e bem assim as declarações de venda a dinheiro, liquidado, vendido, pago ou qualquer outro equivalente, appostas em contas, facturas, titulos ou obrigações de divida.

Vales de correio e telegraphicos:

De 1\$000 réis a 10\$000 réis	4\$010
De mais de 10\$000 réis a 20\$000 réis	5\$020
De mais de 20\$000 réis a 50\$000 réis	6\$040
De mais de 50\$000 réis a 100\$000 réis	8\$060
De mais de 100\$000 réis a 500\$000 réis	10\$100

Ficam isentos os vales de correio chamados de serviço.

Contribuição predial

Emquanto não se estabelecer o systema de *quotidade*, que só poderá adoptar-se quando o cadastro ou matrizes prediaes representem uma grande egualdade relativa na designação do rendimento collectavel, adopta-se o systema de *repartição*.

E assim, a importancia da contribuição predial, a pagar por todo o paiz, é fixada annualmente pelas côrtes na *lei de meios*.

Em seguida o governo, por decreto, faz a distribuição d'essa importancia geral por districtos.

Conhecida, pois, a verba respeitante a cada districto, os governadores civis, ouvindo previamente as commissões districtaes, distribuem-na por concelhos, dando logo conhecimento aos delegados do thesouro.

Vendo os delegados do thesouro o contingente assim repartido a cada concelho

do seu districto, rectificam esses contingentes, accrescentando-lhes as annullações do anno anterior (com exclusão das annullações por semestres) e deduzem-lhes as importancias de verbas supplementares do mesmo anno anterior.

O contingente assim rectificado é o que se chama a verba principal.

Depois calculam-se sobre esta verba as competentes additionaes, pela maneira figurada no seguinte exemplo:

Verba principal (n.º 1).....	100\$000
— 8,07 p. para compensação de despesas em Lisboa, 0,72 p. c. (n.º 2).....	8\$070
— Antigos impostos districtaes (na cidade de Lisboa não ha) segundo a percentagem que pagava cada districto, e suppondo que era de 13 p. c. (n.º 3)	13\$000
Somma.....	121\$070

— 6 p. lei de 27 d'abril de 1882 sobre esta somma..... 7\$200

— Impostos municipaes ordinarios e para instrução primaria, segundo as percentagens votadas pelas camaras e suppondo que são de 30 p. c. (sobre a verba principal) 30\$000

Total, ou contingente a repartir 158\$334

E então, concluido o rendimento collectavel de cada concelho, acha-se uma percentagem, por meio da simples regra de tres.

Suppondo que o rendimento collectavel é de 1:000\$000 réis, eis a formula:

$$158:334 \propto 100 \text{ percentagem}$$

$$1:000\$000 = 15,8334,$$

que é a percentagem a communicar aos escrivães de fazenda, para fazerem a repartição individual, applicando-a ao rendimento collectavel ou cada proprietario.

Convém advertir que a isto acresce ainda o imposto complementar, que é progressivo, e o imposto de 5 p. c. e sellos de conhecimentos, additionaes estes que os escrivães liquidam depois.

N'um exame:

— Que daria o senhor a uma pessoa que tivesse tomado grande porção de arsenico?

O examinando promptamente:

— A extrema unção.

A hygiene e a medicina. — A hygiene é a arte de conservar a saude; a medicina a arte de a restabelecer quando perdida ou mais ou menos comprometida.



Ayuntamiento de Madrid

DIREITOS DE IMPORTAÇÃO

Animaes vivos

POR CABEÇA

Gado asinino, 2\$500; gado caprino, 500 réis; gado cavallar, cavallos castrados que passem da marca, 32\$500; gado cavallar não especificado, 24\$500; gado lanigero, 500 réis; gado muar, 14\$500; gado suino, 3\$600; gado vaccum, 7\$500; gado vaccum, novilhos até 3 annos, 2\$500.

Bebidas

Aguardente e alcool simples em cascos ou garrações, decalitre de alcool puro, 1\$930; aguardente e alcool simples, em garrafas, botijas e vasos semelhantes, decalitre de liquido, 2\$360; bebidas alcoolicas não especificadas, decalitre de liquido, 2\$500; bebidas não especificadas, decalitre de liquido, 1\$800; cerveja, decalitre de liquido, 810 réis; vinho em cascos, barris ou quaesquer outras vasilhas, excepto garrafas, decalitre de liquido, 3\$600; vinho en-garrafado, cada garrafa de litro, 500 réis; vinagre, decalitre de liquido, 400 réis.

Cereaes

Cereaes em grão não especificados, kilogramma, 16 réis; farinha de trigo, legislação especial; farinha de outros cereaes, kilogramma, 22 réis; milho em grão, kilogramma, 18 réis; trigo em pão, legislação especial.

Farinaceos

Alpista, painço, e quaesquer farinaceos, não especificados, kilogramma, 35 réis; amido em pó, fécules e dextrina, kilogramma, 65 réis; amido em pedra ou preparado, em pó, 120 réis; arroz, 39 réis; batatas, 7 réis; biscoito e bolacha, 120 réis; cereaes panificados, 18 réis; farinha de pau e de agua, 10 réis; farinhas para caldos e não especificadas, 100 réis; fayas, 15 réis; massas para sopa, 90 réis.

Generos coloniaes

Assucar areado pelo systema portuguez,

o superior ao typo S0 da escala hollandeza, kilogramma, 145 réis; assucar não especificado, kilogramma, 120 réis; cacau e sua casca, 35 réis; cafe com casca e des ascado, e raiz de chicoria não preparada, kilogramma, 180 réis; cafe torrado, moído e suas imitações, incluindo a raiz de chicoria preparada de qualquer forma (incluindo as taras), kilogramma, 400 réis; chá, kilogramma, reis 1\$000; chocolate, kilogramma, 200 réis; especiarias não especificadas, kilogramma, 150 réis; melago e productos assimilaveis, kilogramma, 60 réis.

Pescarias

Bacalhau em qualquer estado, kilogramma, 39 réis; marisco, kilogramma, 6 réis; peixe não especificado, fresco, sem preparo algum, ou só com o sal indispensavel á sua conservação, kilogramma, 10 réis; peixe não especificado, salgado, prensado ou fumado, kilogramma, 20 réis; sardinha fresca, salgada e prensada, kilogramma, 5 réis.

Diversas

Petroleo, kilogramma, 67 réis; azeite de oliveira (peso bruto), kilogramma, 150 réis; banha e unto, kilogramma, 200 réis; carne de vacca secca, com sal ou sem elle, kilogramma, 60 réis; carne não especificada, fresca, secca, ou por qualquer modo preparada, e toucinho, kilogramma, 200 réis; conservas alimenticias (incluindo taras), kilogramma, 200 réis; doce de qualquer qualidade (incluindo taras), kilogramma, 200 réis; hortaliças e legumes verdes, kilogramma, 2 réis; forragens, kilogramma, 5 réis; fructas frescas e seccas não especificadas, kilogramma, 5 réis; manteiga natural, kilogramma, 60 réis; margarina de Mouriens, ou qualquer outra imitação de manteiga, kilogramma, 250 réis; mel, kilogramma, 35 réis; ovos, kilogramma, 5 réis; pimentão, kilogramma, 50 réis; queijos, kilogramma, 300 réis; uvas verdes, kilogramma, 200 réis.

Juiz e réu.— Juiz: Não lhe disse eu, a ultima vez que se apresentou deante de mim, que não queria tornar a vê-lo?

Réu: Disse, sim, senhor, mas por mais que eu o repetisse aos volicias

que me prenderam, nenhum o quiz acreditar.



Os grandes criminosos são maus dramaturgos que desempenham pessimamente as suas más peças.

Casa Portuguesa

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

José Nunes dos Santos

DEPOSITO DOS CADERNOS DE CALLIGRAPHIA
DE JOSÉ NUNES DOS SANTOS

PAPELARIA—Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos precisos nas escolas.

TYPGRAPHIA—Trabalhos typographicos em todos os generos, Impressões a côres, ouro, prata e sobre setim.

PAPELARIA: Rua de S. Roque, 139 e 141

OFFICINA TYPGRAPHICA: Rua das Gaveas, 89

LISBOA

Numero telephonico 220 — Endereço telegraphic Papeltypo



Preço 1\$200

Candieiros e lanternas

DE PETROLEO

CATALOGO ILLUSTRADO GRATIS

CANDIEIROS

de meza e de suspensão, Lanternas para quintas
Lamparinas para cosinha e escadas

BOM E BARATO

COLONIAL OIL COMPANY

Avenida da Liberdade — LISBOA

e na provincia

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

*O primeiro estabelecimento do paiz
em vastidão, em luz e em sor-
timento*

PREÇOS DAS FABRICAS

Todos os dias novas remessas de pechinchas e novi-
dades para as suas vastas secções de **tudo**

GRANDES ATELIERS

*** DE ***

Modista e Alfayate

Ninguém pôde competir em preços com os
GRANDES ARMAZENS DO CHIADO em virtude de
possuirem Fabricas de Sedas, Velludos, Fitas de Seda,
Gravatas, Luvas, Malhas e Perfumarias, e de terem
o exclusivo de venda de todos os productos de mais de
500 fabricas nacionaes e estrangeiras, sendo por
isso tudo vendido aos preços das fabricas.

Brindes todos os dias

Retalhos ás sextas feiras

Santos, Cruz & Oliveira, L.da

TELEPHONE 1310

Enviam-se amostras para a provincia e executam-se encom-
endas sem ser preciso enviar as importancias, sendo estas
pagas no acto da entrega. Pedir catalogos que se en-
viam gratis.



Telegrammas urgentes (com prioridade de transmissão sobre os telegrammas particulares). — Pagam a taxa ordinaria que lhes competir pela sua categoria e mais o duplo da mesma taxa. Se o telegramma tiver operações accessorias accresce a taxa respectiva.

Telegrammas conferidos (sujeitos a re-petição integral, de estação em estação, de todo o seu contexto). — Pagam a taxa ordinaria que lhes competir pela sua categoria e mais metade da mesma taxa.

Telegrammas com certificado de recepção (para ser communicada ao expedidor a hora ou accidentes da entrega do telegramma respectivo). — Pagam a taxa ordinaria que lhes competir pela sua categoria e mais a de um telegramma ordinario de 10 palavras.

Telegramma com resposta paga. — Pagam a taxa ordinaria que lhes competir pela sua categoria, mais a mesma taxa pela resposta quando fôr indicado o numero de palavras até 30, ou a de um telegramma de 10 palavras quando não fôr indicado o numero de palavras.

Recibos de telegramma, por cada um 25 réis.

Telegrammas para fazer seguir (transmittidos successivamente ás direcções indicadas no endereço, até a sua entrega, ou para as direcções que fôrem indicadas no domicilio do destinatario). — Pagam, além da taxa ordinaria que lhes competir, a taxa para cada reexpedição.

E' limitada a 15 kil. de Lisboa, 40 do Porto e 8 de qualquer outra cidade a distancia das localidades para onde podem ser expedidos despachos suburbanos.

Copias—Extrahidas dos telegrammas a pedido dos expedidores ou destinatarios, até 400 palavras, 100 réis.

Certidões—Idem, idem, 300 réis.

Estações telegrapho-postaes em Lisboa e seus arredores

Praça do Commercio (Estação principal)—Rocio (Estação Central dos Caminhos de Ferro)—Largo do Calhariz — Palacio das Côrtes — Palacio das Necessidades — Rua da Lapa — Rua Quatro de Infantaria — Palacio da Bemposta — Rua Paschoal de Mello — Rua de Santa Martha — Largo da Graça — Rua do Caes dos Soldados — Palacio d'Ajuda — Largo de Alcantara — Alges — Belem — Bemfica — Bom Successo — Campo Grande — Campolide — Carnide — Sete Rios — Lumiar — Poço do Bispo.

Serviços telegrapho-postaes no districto do Funchal

A estação telegrapho-postal abre um quarto de hora antes do nascimento do sol e fecha ás 9 horas da noite. Em dia de Natal, 1.º do anno, Quinta-feira Santa e terça-feira de Entrudo, fecha o serviço postal á 1 hora da tarde e o telegraphico ás 5 horas. N'estes dias abre tambem as 9 horas da noite só para distribuição de telegrammas que hajam de ser expedidos pela Companhia Brazilian.

As estações electro-semaphoricas do Ilheu, Ponta Pargo e S. Lourenço abrem um quarto de hora antes do nascimento do sol e fecham um quarto de hora depois do occaso.

As estações telegrapho-postaes de Calheta, Machico, Ponta-Pargo, Ponta Sol, Porto-Moniz, Ribeira Brava, Sant'Anna, Santa Cruz e S. Vicente, durante os mezes de outubro a março, abrem ás 8 horas da manhã e fecham ao pôr do sol; e

durante os mezes de abril a setembro abrem ás 8 horas da manhã e fecham ás 7 horas da tarde, com o intervalo das 2 horas ás 3, que estão também fechadas

para todo o serviço. Em dia de Natal, 1.º do anno, Quinta-feira Santa, terça-feira de Entrudo e aos domingos, fecham todo o serviço á 1 hora da tarde.

Portes das encomendas postaes expedidas do continente do reino e ilhas adjacentes para as provincias ultramarinas portuguezas e paizes estrangeiros

PAIZES	Encomendas		PAIZES	Encomendas	
	Peso — Kilos	Réis		Peso — Kilos	Réis
Açores.....	3	\$300	Loanda.....		\$400
	4	\$250	Lourenço Marques.....		\$910
	5	\$300	Macau.....	3	\$650
Aden.....	3	1\$103	Madeira.....		\$200
	3	1\$360	Maranhão.....		\$650
Ambriz.....		\$400	Marrocos.....		1\$103
Ambrizette.....		\$400	Mexico.....		\$910
Angola.....		\$400	Moçambique.....		\$400
Argentina.....		1\$040	Mossamedes.....		\$973
Australia.....			Noruega.....	1	\$650
		\$520	Novo Redondo.....		\$400
Austria-Hungria.....		\$713	Paizes Baixos.....		\$713
Babía, Rio e Pernambuco.		\$973	Pará.....		\$973
		\$583	Paraguay.....		1\$103
Belgica.....		\$713	Pernambuco.....		\$973
Benguella.....		\$400	Perú.....		\$973
Bissau.....		\$400	Portugal.....	3	\$300
Bolama.....		\$400		3 a 4	\$250
Bolivia.....		1\$363		4 a 5	\$300
Cabinda.....		\$400			\$100
Cabo da Boa Esperança...		2\$210	Príncipe.....		\$973
Cabo Verde.....		\$400	Rio de Janeiro.....		\$843
California.....			Russia europea.....		\$910
Ceará.....			» asiatica.....		\$400
Chili.....		1\$493	S. Thiago Cabo Verde.....		\$400
França.....		\$133	S. Thomé.....		\$400
Gibraltar.....			S. Vicente Cabo Verde.....		1\$300
	1	\$520	Salvador.....		\$973
Grã-Bretanha.....	3	\$650	Suecia.....		\$883
	5	\$780	Suissa.....		
Hespanha.....		\$300	Terra Nova.....		
	1	\$650	Transvaal.....		2\$210
Hollanda e Paizes Baixos..	3	\$843	Turquula—Europa.....		\$910
	5	1\$040	Uruguay.....		1\$040
Italia.....		\$133	Venezuela.....		1\$300
	1	\$910	Zanzibar.....		
Japão.....	3	1\$430	Washington.....		
	5	1\$950			

Taxas dos telegrammas nacionaes e para paizes estrangeiros

TELEGRAMMAS	Taxa por palavra		TELEGRAMMAS	Taxa por palavra	
	Francos	Réis		Francos	Réis
Açores	6,550		Lourenço Marques	6,300	
Aden	4,325		Luxemburgo	0,290	
Allemanha	0,250		Madeira	0,835	
Algeria	0,320		Malta	0,410	
Australia	5,050		Maranhão	5,725	
Austria	0,365		Marrocos	0,325	
Bahia	5,725		Mozambique	6,300	
Baltimore	1,00		Montenegro	0,410	
Belgica	0,210		Mossamedes	13,185	
Benguella	12,085		Natal	6,250	
Bissau	5,425		Noruega	0,485	
Bolama	5,425		Nova York	1,700	
Bolivia	8,150		Paizes Baixos (Hollanda) ..	0,330	
Boston	1,70		Pará	5,725	
Bulgaria	0,45		Pernambuco	4,475	
Cabo da Boa Esperança ..	6,250		Philadelphia	1,900	
Canarias	0,775		Pittsburgo	1,900	
Ceará	5,725		Príncipe	8,595	
Ceylão	4,615		Republica Argentina	5,725	
Chili	8,150		Rio de Janeiro	5,725	
Dinamarca	0,370		Rio Grande do Sul	5,725	
Egypto	1,725		Roumania	0,410	
Falmouth	0,705		Russia europeia	0,605	
França	0,200		Santos	5,725	
Gabão	8,175		Senegal	1,590	
Galveston	0,405		Servia	0,410	
Gibraltar	0,215		S. Thiago de Cabo Verde ..	4,600	
Gran-Bretanha	0,350		S. Thomé	7,925	
Grecia	0,660		Singapura	0,20	
Grecia (Ilhas)	0,695		Suissa	0,290	
Hespanha		20	Suecia	0,405	
Hungria	0,365		Suez	0,21	
Ilhas da Mancha	0,350		S. Vicente de Cabo Verde ..	3,870	
Irlanda	0,330		Tenerife		20
Italia	0,325		Transvaal	6,450	
Japão	7,700		Tunisia	0,320	
Lisboa e succursaes		20	Turquia europeia	0,665	
Lisboa, teleg. noticiosos ..		25	Uruguay	5,725	
Lisboa, teleg. ordinarios ..		50	Zante	0,21	
Loanda	10,425		Zanzibar	0,250	

N'esta tabella o preço dos telegrammas em réis não vae indicado, por isso que, dependendo da alteração dos cambios, são indicados todas as semanas pela repartição competente.

TAXAS POSTAES

NOTA 1

Portes das correspondencias ordinaria, das cartas e caixas com valor declarado e das encomendas postaes, permutadas no continente do reino, entre o continente do reino e as ilhas adjacentes e entre as mesmas ilhas :

Cartas, cada 15 gr. ou fracção..	réis	25
Bilhetes postaes simples	»	10
» » resposta paga...	»	20
Cartões postaes	»	25
Cartões postaes de resposta paga	»	50
Jornaes, cada 15 gr. ou fracção (limite do peso 2 k.).....	»	2,5
Impressos, cada 50 gr. ou fracção (limite do peso 2 k.).....	»	5
Amostras sem valor, cada 50 gr. ou fracção (limite de peso 250 gr.).....	»	5
Manuscriptos, até 250 gr.....	»	25
» cada 50 gr. a mais das 250	»	5
Cartas com valor declarado, cada 100\$000 rs. ou fracção, além do porte da carta e do premio do registo (limite do valor 2:000\$000).....	»	250
Caixas com valor declarado, cada 100\$000 rs. ou fracção, além do porte da caixa, tem os seguintes portes: até 100 gr., 20 rs.; de 100 gr. a 500 gr., 50 rs.; de mais de 500 gr., 100 rs., e do premio do registo, (limite do peso, 1:000 gr., limite do valor, rs. 2:000\$000).....	»	250
Encomendas postaes: até 3 kilogrammas, 200 rs., de mais de 3 até 4 kilogrammas. 250 rs.; de 4 até 5 kilogrammas.....	»	300
Encomendas postaes com valor declarado, cada 100\$000 ou fracção, além do porte e do premio de registo (limite do peso 5 k., limite do valor 500\$000)	»	250
Premio de registo.....	»	50
Aviso de recepção do objecto registado.....	»	25

NOTA 2

Portes das correspondencias ordinarias e das cartas e caixas com valor declarado, expedidas do continente do reino e ilhas adjacentes para as provincias ultramarinas portuguezas :

Cartas, cada 15 gr. ou fracção..	réis	25
Bilhetes postaes, simples	»	10
» » resposta paga..	»	20
Cartões postaes.....	»	25
Cartões postaes de resposta paga	»	50
Jornaes cada 50 gr. ou fracção (limite de peso 2 k.).....	»	2,5
Impressos, cada 50 gr. ou fracção (limite de peso 2 k.).....	»	5
Amostras sem valor, cada 50 gr. ou fracção, limite de peso 250 gr.....	»	5
Manuscriptos, até 250 gr.....	»	25
» cada 50 gr. a mais das 250	»	5
Cartas com valor declarado, cada 100\$000 rs. ou fracção além do porte da carta e do premio do registo (limite do valor 2:000\$000).....	»	250
Caixas com valor declarado, cada 100\$000 rs. ou fracção, além do porte da caixa, tem os seguintes portes: até 100 gr., 20 rs.; de mais de 100 a 500 gr., 50 rs.; de mais de 500 gr., 100 rs. e do premio do registo, limite de peso 1:000 gr.....	»	250
Premio de registo.....	»	50
Aviso de recepção do objecto registado.....	»	25

NOTA 3

Portes das correspondencias ordinarias e das cartas com valor declarado, expedidas do continente e ilhas adjacentes para Hespanha, possessões e estabelecimentos hespanhoes :

Cartas cada 15 gr. ou fracção...	réis	25
Bilhetes postaes simples.....	»	10
» » resposta paga...	»	20

Cartões postaes.....	»	25
Jornaes, cada 50 gr. ou fracção (limite de pezo 2 k.).....	»	2,5
Impressos cada 50 gr. ou fracção (limite de pezo 2 k.).....	»	5
Amostras, cada 50 gr. ou fracção (limite de pezo 500 gr.).....	»	5
Manuscriptos até 250 gr.....	»	25
» cada 50 gr. a mais	»	5
Cartas com valor declarado, cada 60\$000 rs. ou 300 pesetas, além do porte e premio do registo (limite do valor 2:000\$000).....	»	410
Premio de registo.....	»	50
Aviso de recepção de correspondencia registada.....	»	25

NOTA 4

Estabelecimentos hespanhoes no golfo da Guiné (quando as correspondencias forem expedidas por via de Hespanha)

Cartas, cada 15 gr. ou fracção..	réis	50
Bilhetes postaes simples.....	»	10
» de resposta paga.....	»	20
Cartões postaes.....	»	50
Jornaes, cada 50 gr. ou fracção (limite de pezo 2 k.).....	»	5
Amostras, cada 50 gr. ou fracção (limite de peso 500 gr.).....	»	5
Manuscriptos até 500 gr.....	»	50
» cada 50 gr. a mais	»	5
das 500.....	»	50
Premio de registo.....	»	50
Aviso de recepção de correspondencia registada.....	»	25

NOTA 5

Porte das correspondencias ordinarias, expedidas de Portugal e ilhas adjacentes para todos os paizes estrangeiros, exceptuando Hespanha:

Cartas, cada 15 gr. ou fracção ..	réis	50
Bilhetes postaes simples.....	»	20
» resposta paga...	»	40
Cartões postaes.....	»	50
Jornaes e impressos, cada 50 gr. ou fracção (limite de pezo 2 k.).....	»	10
Amostras, até 100 gr.....	»	20
» cada 50 gr. ou fracção além das 100 (limite maximo do pezo 350 gr.).....	»	10
Manuscriptos, até 250 gr.....	»	50
» cada 50 gr. ou fra-		

ção, além das 250 gr. (limite maximo do pezo 2 k.).....	»	40
Premio de registo.....	»	50
Aviso de recepção de correspondencia registada.....	»	50

Notas de encomendas

- 1— Via Hespanha e Belgica.
- 2— » Hespanha e França e paquetes allemães.
- 3— » Paquetes italianos e Italia.
- 4— » Hespanha.
- 5— » Allemanha e paquetes allemães.
- 6— » Paquetes inglezes.
- 7— » » e Inglaterra.
- 8— » Hespanha, Belgica e Allemanha.
- 9— » » e Allemanha.
- 10— » » e França.
- 11— » » e paquetes francezes de Santander.
- 12— » Paquetes francezes.
- 13— » Hespanha e Gran-Bretanha.
- 14— » Paquetes portuguezes.

Encomendas postaes

Os volumes devem satisfazer as seguintes condições: Não exceder o peso de 3 k., quando não tenham indicação especial, e a dimensão maxima de 60 centímetros em qualquer das faces e o volume de 20 centímetros cubicos.

Vales do correio

Nacionais.—Valor maximo dos vales nominaveis:

500\$000 réis quando tiverem de ser pagos pelo pagador do Ministerio da Fazenda ou por qualquer dos pagadores dos districtos.

200\$000 quando tiverem de ser pagos pelos recebedores de comarca.

100\$000 quando tiverem de ser pagos pelos recebedores de concelho.

Vales ao portador ou telegraphicos

Limite 100\$000 réis, qualquer que seja a thesauraria em que tenham de ser pagos.

Despezas d'emissão pagas pelos tomadores

- a) Premio de 5\$000 a 100\$000..... 50 rs.
de mais de 100\$000 a 110\$000 1\$000
de mais de 110\$000 a 120\$000 1\$200

- e assim successivamente, accrescendo 100 réis por cada 10\$000 réis ou fracção.
- b) sello de estampilha relativo á importância da emissão.
- c) a taxa de 300 réis, além do premio e do sello para os vales telegraphicos.
- d) 3 réis por cada requisição.
- Internacionais—Valor maximo de cada vale 800 francos ou uma quantia approximada na moeda do paiz do destino:
- Premio até 10\$000 réis..... 100 réis

Cada 5\$000 réis a mais..... 50 "

Telegraphicos—Pódem ser emitidos m Portugal para serem pagos nos paizes seguintes:

Allemanha — Belgica — Dinamarca — Egypto — França e Argelia — Italia e Noruega — Paizes Baixos — Roumania — Suissa.

Estes vales estão sujeitos, além do premio relativo a um vale do correio, ás taxas correspondentes aos diversos modos de transmissão dos telegrammas.



Os limites da Africa Oriental Portuguesa

O tratado entre a Inglaterra e Portugal com respeito aos limites da fronteira anglo-portugueza na provincia de Moçambique é datado de 11 de junho de 1891. A descripção da fronteira entre o protectorado inglez do paiz das Amatongas e Lourenço Marques achase publicada no *Boletim Official* de 6 de maio de 1899, e o respectivo documento foi assignado em Lourenço Marques

em 2 d'outubro de 1897 pelos commissarios Joaquim Antonio Nunes da Silva e M. Bosman, e pelo engenheiro hydrographo Eduardo Augusto Neuparth. A fronteira segue, á excepção de ligeiros desvios, o paralelo da confluencia dos rios Pongola e Maputo até ao Oceano Indico e acha-se na latitude sul de 26°, 51', 12 decimos e 96 centesimos, conforme a sessão da commissão mixta de 4 de novembro de 1896, e comprehende 13 marcos.

BARBOSA & COSTA

MOVEIS

Exposição de mobílias em todos os estylos e de phantasia.

Completo sortimento de tapetes, carpettes,

oleados, estofos e todos os mais adornos, para decoraçào de casas.

7 a 12, Largo da Abegoaria—LISBOA

TELEPHONE 1006

FAZER UMA VISITA

À

Ménagère de Lisboa

é ficar certo de haver encontrado reunido tudo o que se precisa **de util e necessario, bom e barato.**

Para ter uma habitação confortavel, hygienica e commoda o seu proprietario **J. Lino** convida todas as boas donas de casa a visitarem a

Ménagère de Lisboa

sempre e antes de entrarem em qualquer outro **estabelecimento.**

35, Rua do Caes do Tojo, 35

(AO CONDE BARÃO)

Distante do Rocio 5 minutos e 20 réis de transporte

TELEPHONE 97



ESTUDO DA CRONOLOGIA

E A SUA APLICAÇÃO AOS
CALENDARIOS
DOS DIFFERENTES POVOS

tuidas as primeiras sociedades sentiu o homem a necessidade de contar o tempo. Os nomadas, os pastores encontraram no movimento dos corpos celestes um

relogio natural, trabalhando com rigor mathematico, e d'ahi o facto de ser a ciencia astronomica uma das primeiras, se não a primeira, que foi cultivada. Ciencia inteiramente de observação, não tardou que as suas leis fossem, a pouco e pouco, successivamente colligidas, primeiro na tradição, mais tarde na pedra ou na argila, depois nos papyrus.

Entretanto crearam-se as primeiras sociedades. Do homem sahio a familia, d'esta a tribu, da tribu a nação.

Nas tribus e nas nações os homens mais perspicazes, mais observadores, tomavam a direcção dos povos, constituíram uma casta, a casta sacerdotal, anterior á autocracia.

Eram os sacerdotes que mantinham

as tradições e conservavam os archivos. Os magos, entre os chaldeus, foram talvez os primeiros sacerdotes que nos legaram observações sobre a marcha dos astros. O movimento da lua, á força de ser observado de geração em geração, tornou-se, pela sua regularidade, uma das medidas mais preciosas

do tempo, depois do dia e da noite, medida natural que o nascimento e occaso do sol precisavam com rigor. A evolução completa da lua, atravez das constellações, mostrando phases diversas, tornou-se na unidade de tempo a que se chama o *mez lunar*.

Por elle se regula ainda hoje o calendario musulmano.

O calendario israelita é tambem, em parte,

lunar, assim como o chinês, que é antiquissimo. Mas o que é o *mez lunar*?

O *mez lunar*, ou revolução synodica da lua, é o tempo que medeia entre duas phases consecutivas, identicas, d'aquelle astro. O *mez lunar* conta-se a partir do momento de cada *lua nova*. E' proximoamente de 29 dias e meio, ou, mais exactamente, de 29 dias, 12 horas, 44

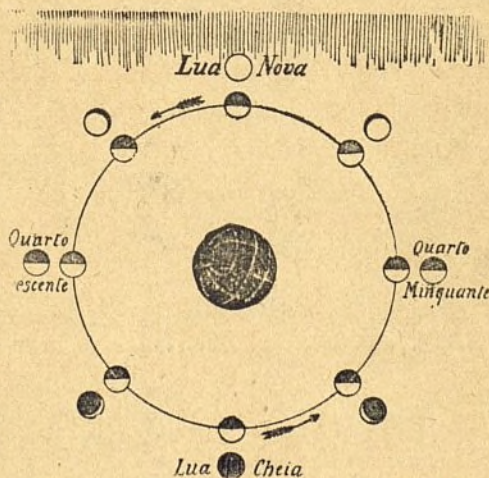


Diagramma do movimento de translação da lua em volta da Terra, e indicação das phases da lua

minutos e quasi 3 segundos. De tudo isto resulta que, apesar da regularidade dos movimentos do sol e da lua, ha uma grande difficuldade em estabelecer a sua concordancia e portanto em crear um calendario perfeito. O intervallo de duas luas novas não comprehende um numero exacto de dias, ou de fracções simples do dia. Por isso, entre os musulmanos, os mezes luna-

O anno chinéz assemelha-se muito ao dos israelitas, repetindo-se os periodos ou cyclos todos os 60 annos.

Em todos os paizes da Europa e da America, continuadores da civilisação greco-romana, é o calendario solar exclusivamente adoptado, assim como o dos antigos egypcios seguido posteriormente pelos cophtas. Este ultimo, porém, corresponde, como o dos catholi-



Diagramma do movimento de translação da terra em volta do sol e indicação das estações

res ora teem 29, ora 30 dias, e o seu computo é periodicamente rectificado.

Mais difficil ainda é harmonisar os mezes lunares com o anno solar. Entretanto os israelitas e os chinezes conseguiram approximar-se d'essa harmonia por meio de artificios mais ou menos complicados. Entre os israelitas estabeleceram-se, para esse fim, annos communs com 353, 354 ou 355 dias, isto é, 12 mezes lunares alternadamente de 29 e 30 dias, e annos embolismic's que, por egual motivo, podem ter 383, 384 ou 385 dias ou 13 mezes lunares, tambem de 29 ou 30 dias.

cos gregos, ao calendario juliano, isto é, em cada cyclo de 4 annos ha tres de 365 dias e um de 366. Os catholicos romanos e as varias religiões protestantes adoptam a correcção gregoriana, isto é, a suppressão de um anno bissexto no fim de cada seculo, de modo que o sol volta ao perigeo quasi rigorosamente no dia 1 de janeiro.

E' notavel, porém, que no calendario religioso de todos os povos catholicos ou protestantes, se adopta um calendario luni-solar, d'onde a diversidade da data da Paschoa de anno para anno, em harmonia com a decisão do concilio de Nicéa, que ordenava que o do-

to ao
odos

e da
ação
r ex-
no o
rior-
, po-
holi-

mingo de Paschoa fosse o immediato ao 15.º dia da lunação, que segue o equinocio da primavera, fixado por aquelle concilio em 21 de março. Eis a razão por que temos lua cheia durante os dias da semana santa.

Succede, porém, pelos motivos acima expostos, que o equinocio da primavera não coincide todos os annos com a data fixada pelo concilio. Entre dois annos bissextos póde anticipar-se ou atrazar-se um dia; e sempre que o 15.º dia da lunação corresponha áquella data, resultarão anomalias, como aliás se deram até á epoca da correção gregoriana. Então o equinocio da primavera já se anticipava dez dias. E' o defeito do calendario juliano, em que, com o andar dos tempos, as estações succeder-se-hiam em todos os mezes do anno. Com a correção gregoriana, porém, manteem-se: a primavera, cujo equinocio pouco se afasta do dia 21 de

março; o verão, cujo solsticio é a 21 ou 22 de junho; o equinocio do outomno a 22 de setembro; o solsticio do inverno a 21 ou 22 de dezembro.

De tudo quanto fica exposto se reconhece que é á difficuldade de imaginar um calendario racional, simples e que a todos agrade, que se deve o facto de ainda hoje, em pleno seculo xx, não ser elle uniforme em todos os povos, o que seria de incontestavel utilidade. Esse facto é devido á diversidade dos movimentos apparentes dos dois corpos celestes que mais nos interessam, o sol e a lua, movimentos que são representados por numeros incommensuraveis com a unidade absolutamente natural, o dia medio de 24 horas.

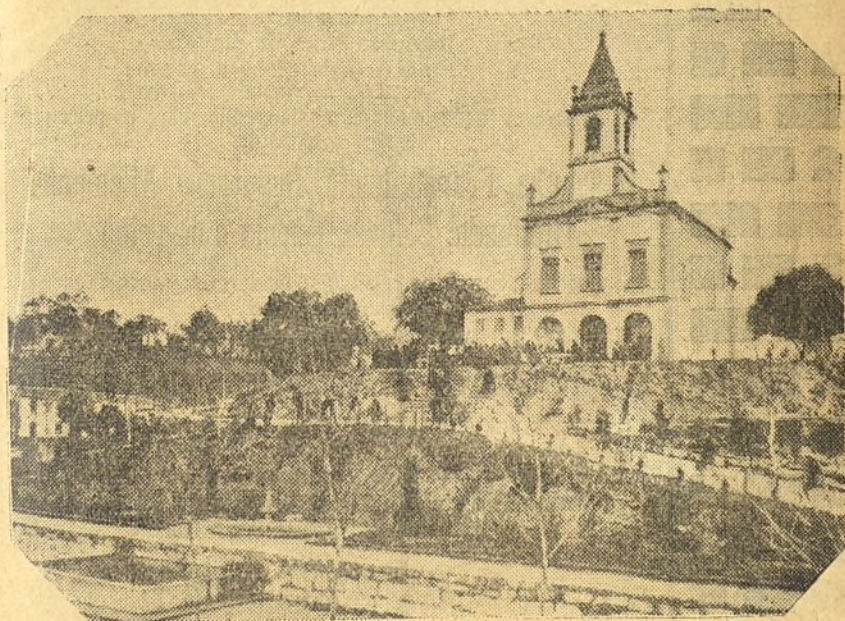
Vê-se quão difficil é o estudo da chronologia que prende com os phenomenos astronomicos cujo conjuncto constitue a complicada sciencia que recebem o nome de mechanica celeste.

HO
10

es

, isto
es de
os ro-
estan-
iana,
sex-
o que
rosa-

uario
blicos
enda-
de da
anno,
onci-
o do-



Louzada — Vista geral do Monte do Senhor dos Afflictoes

Casa Bancaria

SOB A FIRMA

Fonsecas, Santos & Vianna

LISBOA

120, Rua dos Capellistas, 122

SOCIOS: Carlos Ferreira dos Santos Silva
Joaquim Pinto da Fonseca
Francisco da Silveira Vianna

Toma e fornece saques e dá cartas de credito sobre as principaes
cidades e villas de

Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Allemanha
Hollanda, Belgica, Suecia e do reino

COMPRA E VENDE FUNDOS PUBLICOS NACIONAES
E EXTRANGEIROS
ACÇÕES E OBRIGAÇÕES DE

BANCOS E COMPANHIAS

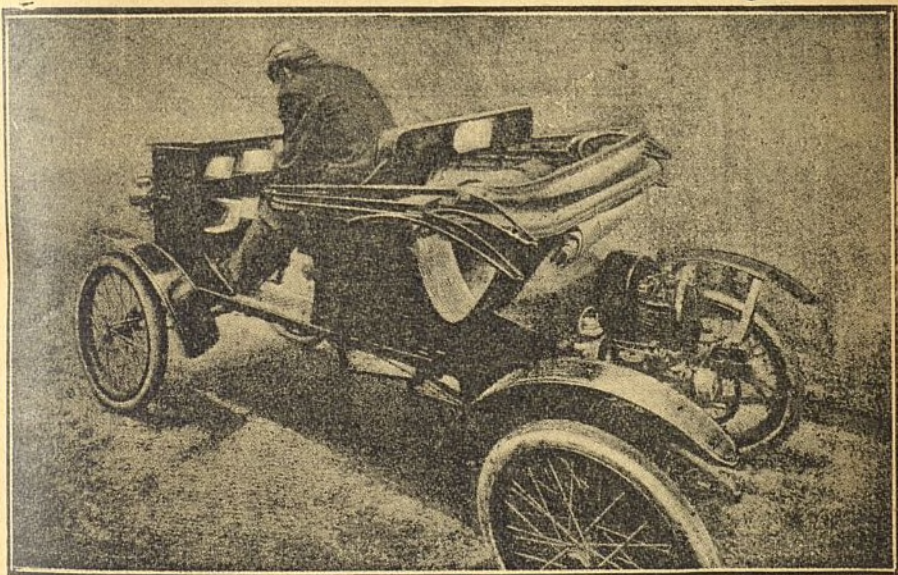
Recebe depositos em conta corrente
a juro convencional, á vista ou a prazo. Toma letras,
fornece saques, cartas de credito e ordens telegraphicas
sobre Rio de Janeiro, Santos, S. Paulo,
Campinas, Pará e Manaus

*Effectua operações de transferencias sobre
as principaes terras do reino*

OS AUTOMOVEIS POSTAES NOS ESTADOS-UNIDOS

Ha muitos annos que, nos Estados Unidos, se empregam automoveis no serviço do correio, nos districtos rurais em que ha boas estradas, e ultimamente foi resolvido generalisar este uso a todos os territorios da União em que elle seja praticavel. A principal causa do governo americano tomar esta resolução foi ter apparecido um automovel, especialmente cons-

res, e á frente diversos compartimentos para cartas, impressos ou volumes. O peso do vehiculo é de 272 kilogrammas, e, com o distribuidor e as suas malas, não excederá a 410 kilogrammas. Pode attingir a velocidade maxima de 40 kilometros á hora, mas o seu andamento normal em estradas ordinarias não deve exceder 25 a 30 kilometros. É accionado por um mo-



Um automovel postal nos Estados-Unidos

truido para o serviço rural, isento dos defeitos que a pratica r conhecera nos modelos precedentemente imaginados com o mesmo fim, e além d'isto ter-lhe o constructor fixado um preço minimo equivalente a 360\$000 réis da nossa moeda. Submettido ás mais rudes experiencias, o novo automovel tem dado excellentes resultados, assegurando o transporte de correspondencias nas estradas accidentadas da Virginia e da Maryland.

O automovel postal tem dois loga-

tor de quatro cavallos e um unico cylindro, que consome pouco mais de 3 litros e meio de gasolina em 40 kilometros; e, sendo a capacidade do reservatorio de uns 12 litros, pode percorrer 140 kilometros sem necessidade de novo aprovisionamento d'aquelle liquido.

Quando chegará até nós este progresso, que evidentemente tanto facilitaria a missão dos distribuidores rurais e contribuiria para o publico ser melhor servido?

A cremação ou incineração dos cadáveres

E' das mais antigas, e das que mais se tem debatido em todos os tempos, a questão do destino a dar aos corpos humanos, quando, apagado n'elles o alento vital, a decomposição organica principia a effectuar-se.

Sem nos occuparmos de costumes barbaros, ainda hoje em voga em paizes atrazados taes como o Thibet e o

Sião, onde os cadáveres são offerecidos como pasto ás aves de rapina, ou a Tartaria, onde ha cães especiaes que se encarregam de devoralos, nos paizes cultos tres diferentes podem ter os mortos: a cremação, o embalsamamento e a inhumação, sendo, porém, este ultimo o mais geralmente seguido. Ha ainda a immersão na agua, mas este genero de sepultura é exclusivamente reservado aos que morrem em viagem por mar.

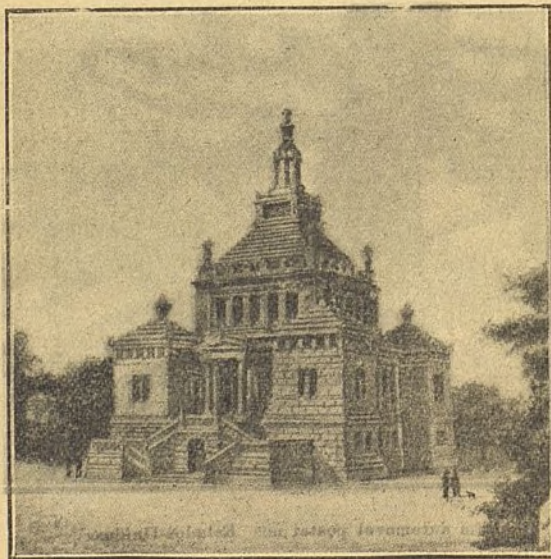
Em Portugal só se pratica, em regra, a inhumação, pois o embalsamamento—salvo casos excepcionaes em que ainda assim se não dispensa a inhumação—é exclusivo dos cadáveres de pessoas de regia estirpe. Quanto á

cremação ou incineração, está ella hoje admittida em muitos paizes, taes como a Inglaterra, a França, a Dinamarca, a Scaudinavia, a Allemanha, a Italia, a Suissa, os Estados Unidos, etc., sem que comtudo n'esses mesmos paizes tal processo de transformar os mortos em materia inerte seja o unico admittido, pois em todos elles está tambem em

uso a inhumação. Entre nós é que ainda nada se fez no sentido de estabelecer a cremação, apesar de serem obvias as suas vantagens no ponto de vista hygienico, e não poderduvidar-se de que muitas pessoas, mais desprendidas de preconceitos, lhe dariam a preferença, pela faculdade que assim teriam de guardar em suas casas e junto dos seus, co-

mo um sagrado deposito, as cinzas dos que lhes foram queridos, em vez de offerecerem os seus corpos putrefactos em banquete aos vermes dos sepulchros.

Uma commissão que em 1880 foi nomeada em Lisboa para estudar a hygiene dos cemiterios concluiu o seu relatorio propondo, entre outras providencias, a queima facultativa para os

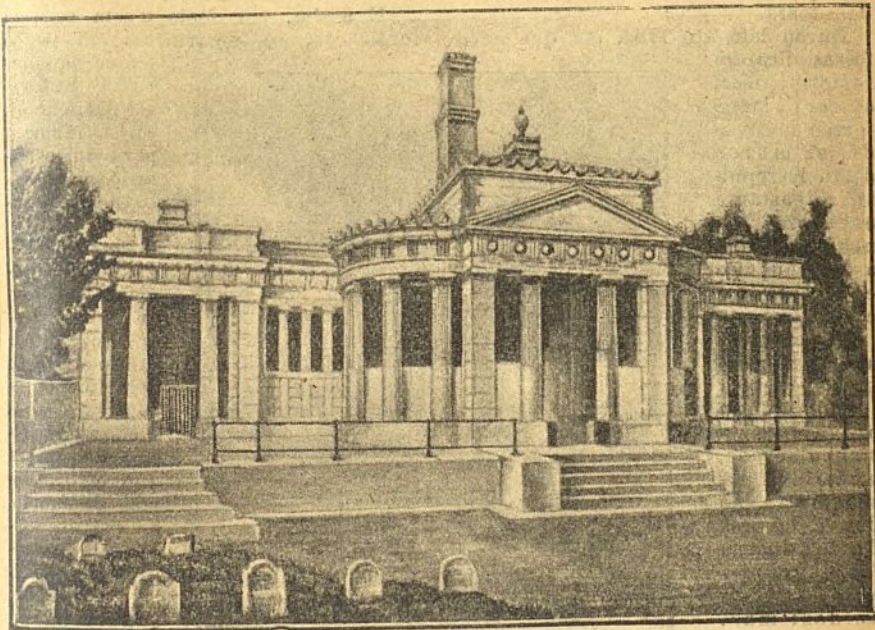


Crematorio de Stockolmo

cadaveres dos individuos que assim o determinassem por disposição de ultima vontade, sendo porém a operação precedida de exame medico-legal, conforme um regulamento que para esse fim devia ser elaborado, por modo a prevenir qualquer crime; e ainda a incineração obrigatoria de todas as ossadas que não fossem recolhidas em

A confirmar as vantagens hygienicas da cremação ha um facto recente que vamos referir.

Descobriu-se em Milão, ao proceder a umas excavações n'uns terrenos que haviam pertencido ao hospital da cidade, e que a administração municipal expropriara para edificações, uma sepultura monstro, onde cerca de oiten.



Crematorio de Milão

catacumbas, decorridos cinco annos sobre a inhumação.

Todavia, tanto estas providencias como as outras que a referida commissão propoz nunca foram levadas á pratica, apesar da incineração estar hoje, como acima dizemos, adoptada nos principaes paizes do estrangeiro, e, com osapparelhos aperfeiçoados que actualmente se usam para tal fim, de nenhum modo comprometter a salubridade publica, o que já não acontece com a inhumação.

ta mil cadaveres estavam empilhados em vastas *caves* muradas e abobadadas. Causou o facto sérias preoccupações, porque o cheiro natuscabundo que esses cadaveres exhalavam era verdadeiramente insupportavel e ameaçador para o estado sanitario da população.

Com receio de uma infecção, suspenderam-se por então os trabalhos, entulhando-se de novo as excavações feitas; e, procedendo-se a averiguações, apurou-se que fóra ali o antigo cemiterio

do hospital, onde, no decurso de seculos, se haviam sepultado os doentes que no estabelecimento morriam. Os cadaveres eram arremessados por uma abertura, que uma lage cobria, para cada um dos sete e nove compartimentos em que se dividia a cave, e ali se iam accumulando uns sobre outros, na posição em que ficavam na queda, sem que sobre elles deitassem nem cal nem terra.

Durou isto até 1783, em que as 70 fossas ficaram repletas; mas, apesar do longo tempo decorrido, os muros d'aquella sepultura, bastante espessos, tinham impedido a destruição completa dos corpos, que, por isso, estavam ainda em plena putrefacção.

Conhecida a origem do estranho achado, experimentou-se a destruição dos cadaveres deitando nas fossas grandes quantidades de acidos; mas, como o resultado fosse nullo, de novo se taparam as sepuluras, até se encontrar um processo mais seguro e efficaç.

Foi em principio de 1907 que o sr. Menozzi, professor de chimica na Escola Polytechnica de Milão, propoz, e o dr. Ulfreduzzi, director dos serviços sanitarios, executou um systema de cremação d'aquelles cadaveres, que deu os resultados que se pretendia. Introduziu-se em cada compartimento uma corrente de ar aquecido a 200 graus centigrados. Os productos gazosos eram arrastados por um poderoso aspirador

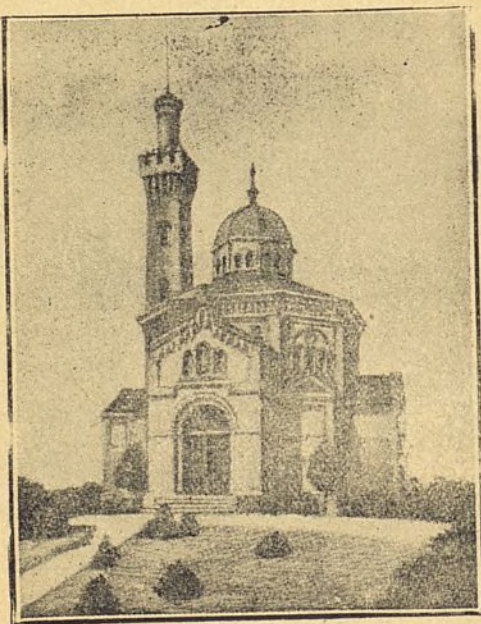
para um condensador e purificador, e conduzidos depois para um forno que lhes queimava os ultimos gazes nocivos, evolvendo-se então estes para a atmosfera em estado já absolutamente inoffensivo. Terminada esta operação, ficava em cada compartimento apenas cinza desinfecada, que era conduzida depois em carros apropriados para o cemiterio da cidade.

E assim, por meio d'esta colossal cremação, se destruíram em pouco tempo aquelles 80.000 cadaveres putre actos, cuja remoção para um cemiterio seria absolutamente impraticavel.

Tem-se allegado que a cremação, além de ser mais dispendiosa que a inhumação, não permite as investigações judiciaes que muitas vezes ha que realizar depois da morte, em pessoas suspeitas de terem sido victimas de crimes, concluindo-se que os criminosos encontrariam assim, em taes casos, um

meio de fugirem á acção da justiça.

Esta objecção, porém, desappareceria por completo desde que a lei que autorisasse a cremação determinasse que todos os cadaveres que a ella devessem ser submettidos fossem previamente autopsiados e os seus orgãos principais submettidos a uma análise que permittisse verificar a ausencia ou a presença n'elles de qualquer veneno. Ficariam assim sanados os escrúpulos dos anti-cremacimistas, no tocante á possibilidade de serem reduzidos a



Crematorio de Hamburgo

cinzas os vestígios de algum crime.

Quanto ao facto da cremação ser mais dispendiosa que a inhumação, pôde responder-se que, não se pretendendo, nem existindo em paiz nenhum, a cremação obrigatoria, sendo ella apenas facultativa, de nenhum modo violentaria as bolsas menos bem providas.

Por tres processos differentes se obtém a cremação ou incineração de cadavere: a *distillação*, em que o cadaver é mettido n'uma especie de retorta, que se aquece durante o tempo necessario para o reduzir a cinzas, havendo uma estreita abertura para dar sahida aos gazes distillados; a *combustão*, em que o corpo é sujeito directamente á chamma, que pôde ser produzida pelas hulhas mineraes, pelo coque

ou pelo gaz de iluminação; e o *ar quente*—o processo seguido em Milão no caso que acima referimos—em que o cadaver é exposto á acção do ar sobre aquecido em altos fornos.

De todos estes systemas o que melhor acceitação tem tido é o da combustão directa, pois o da distillação é caro e muito demorado, e o do ar quente, sendo o mais rapido de todos, é tambem o mais dispendioso, já pelo enorme consumo de combustivel, já pelo custo do proprio apparelho.

Nos paizes onde a cremação se acha instituida, alguns dos estabelecimentos destinados a esse fim são verdadeiramente monumentaes, constando até o de Milão uma das mais bellas construcções da cidade.

A guerra aos mosquitos

Se ha insecto importuno é, evidentemente, o mosquito. E não é só importuno, é tambem perigoso, por transmitir os germens do paludismo, das febres intermittentes.

Para a destruição dos mosquitos aconselha-se o pet oleo, lançando-se em todos os charcos, pantanos, aguas estagnadas, etc., uma gramma d'aquelle liquido por metro quadrado de superficie aquosa.

A guerra por este meio, que tanto em uso está na Italia e na America do Norte, não é propriamente contra os mosquitos, mas contra as suas larvas. Vivem estas nos charcos, e, como precisam vir á superficie para respirar, absorvem pelas suas estigmas o petroleo, que as mata. Entretanto, n'uma grande cidade a lucta contra os mosquitos é sempre custosa, pois não é facil descobrir os sitios em que vão depositar os ovos. Um caso de garrafa cheio de agua basta, muitas vezes, para infestar um bairro de tão importunos insectos; e os canos de esgoto são tambem causa de que os mosquitos se xameiem. Nos tanques e lagos dos jardins recorre-se, em geral, aos peixes vermelhos,

que são avidos das larvas dos mosquitos. Aconselha-se ainda, como excellente meio de prever os mosquitos, vasar petroleo n'um recipiente de grande superficie, como, por exemplo, o fundo de uma pipa, pois se, nas proximidades, extractarem tão importunos insectos, não tarda á que elles appareçam aos enxames, e, depois de remoinharem mais ou menos tempo por cima do petroleo, irão cahir e perecer nelle, uns após outros.

E' que o petroleo, segundo se affirma, exerce uma especie de attracção irresistivel, mas mortal, não só sobre os mosquitos, mas tambem sobre outros insectos, e em particular sobre as moscas; por tal forma que um prato cheio de petroleo subistue vantajosamente todas as armadilhas para moscas, de que se faz uso no verão.

Nada custa experimentar, pois, se assim não fôr, pouco se perde. Assim o pensou o governo de Lourenço Marques, distribuindo profusamente, n'aquella cidade, umas instrucções para a destruição pelo petroleo dos mosquitos, mormente do terrivel *anopheles*, o vehiculo do paludismo.

Sociedade Torlades



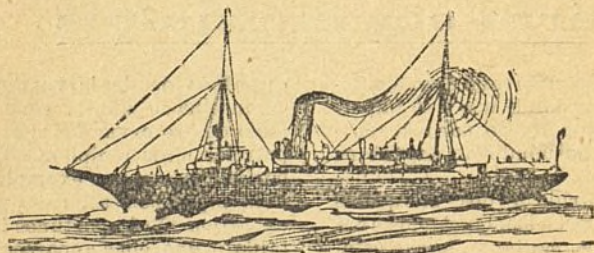
AGENTES EM PORTUGAL DA

Companhie des Messageries Maritimes

Exploradora da linha transatlantica de vapores postaes
para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Mon-
tevideu e Buenos Ayres

Linha Transatlantica

SAHIDAS DE DUAS EM DUAS SEMANAS



Cordillière 6.378 toneladas — Magellan 6.357 toneladas
Chili 6.488 toneladas — Amazone 6.357 toneladas
Atlantique 6.907 toneladas

Escriptorio da agencia em Lisboa

RUA DO OURO, 32 — LISBOA

SUB-AGENTES NO PORTO:

Carlos José da Silva & C.^a Successores

RUA FERREIRA BORGES, 14 — LISBOA

Telephone n.º 58

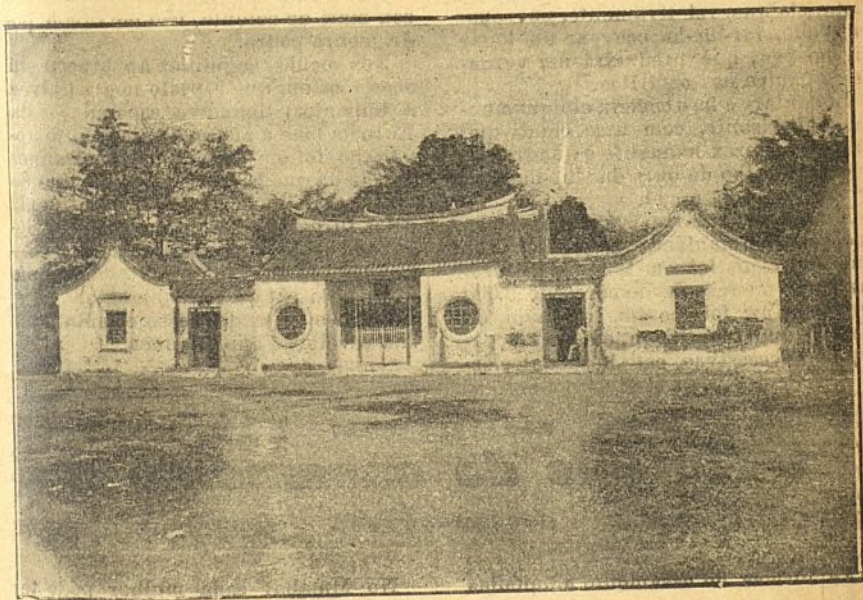
Ayuntamiento de Madrid

O pagode chinez em Dilly

Na ilha de Timor, como aliás em todo o extremo oriente, abunda a população chinesa. E, como em toda a parte onde existem filhos do Celeste Imperio, são principalmente elles que imprimem uma pronunciada actividade ás povoações que escolhem para patria adoptiva.

Com o seu labor, a sua sobriedade, a

semitas; excedem-os até. Ha municipalidades em Timor constituidas quasi exclusivamente por chinezes, taes são as de Liquiçá, Bancau, Aipello, Manhava e outras povoações de certa importancia, onde não ha propriamente vereações eleitas, mas commissões municipais nomeadas pelo governo d'aquelle districto autonomo, cujos membros



Pagode chinez em Dilly

sua vocação para o commercio e para as artes manuaes, chegam a reunir um certo peculio e dão vida e animação onde as raças indigenas vegetavam apenas, jazendo no marasmo e na inercia característica dos povos que habitam as regiões tropicaes.

Em Timor ha chinezes proprietarios, negociantes e artistas. No commercio rivalisam mesmo com os arabes, negociantes innatos como todos os povos

são naturalmente escolhidos entre os principaes moradores.

Entre os sanctuarios existentes em Timor, das varias religiões mais ou menos primitivas, mais ou menos logicas, merece especial menção o pagode de Dilly.

Celebram-se n'elle as habituaes festividades do rito budhico e é muito concorrido, até mesmo de europeus que ali vão assistir aquellas cerimoniaes.

O COMETA DE HALLEY

No anno de 1910 os que conseguirem viver até lá terão occasião de apreciar o phenomeno celeste mais grandioso de todos quantos a humanidade tem observado. Trata-se do grande cometa de Halley que ha muitos annos, se está approximando do nucleo solar, e, conseqüentemente, de nós.

A sua grandeza, unida á pequena distancia que, relativamente, nos separa d'elle, far-lhe-ha occ par um logar tal no ceu, que produzirá um verdadeiro panico nos espiritos.

Levantar-se-ha o cometa obliquamente ao horisonte, com uma cauda que abrangerá proxímanamente o quadrante, e o seu brilho de ouro dar-lhe-ha uma apparencia sem igual.

Este cometa aterrorizou em diversas épocas a humanidade. A ultima vez que foi visto foi em 1835. A historia faz d'elle menção desde cerca de 2.000 annos atraz; foi, porém, o genio de Halley que identificou, em suas apparções successivas, este hospede celes-

te, tido por sinistro por causa das fatalidades que geralmente affligiam o mundo por occasião do seu apparecimento.

Apresentou-se no fim do seculo VIII, quando Roma, nos ultimos estertores da agonía, abndonava ás hordas dos barbaros as suas mais bellas e opulentas cidades, das quaes só Attila arrazou mais de setenta, não deixando pedra sobre pedra.

Nos seculos seguintes appareceu em occasiões em que a peste negra (talvez a bubonica) dizimava a população da Europa; mas a sua mais alarmante appareição foi em 1455, isto é, tres annos depois da queda do imperio romano do Oriente. A tomada de Constantinopla pelos turcos e o facto de apparecer logo em seguida o cometa fizeram effectivamente crer que havia chegado o ultimo dia para a christandade.

Sabe-se hoje que esse cometa faz a sua revolução em 75 annos.

Formas de casamento

As formas de casamento adoptadas pelos differentes povos são: a *polyandria* (união de uma mulher com muitos homens), a *polygamia* (união de um homem com muitas mulheres) e a *monogamia* (união de um homem com uma mulher).

A polyandria, que foi o primeiro esboço das uniões conjugaes, é ainda usada pelas velhas raças da India e n'algumas das antigas raças europeias de origem asiatica, e resulta, como no Thibet, da necessidade de reprimir o acrescimo da população em terras estereis ou pouco fertéis.

No Malabar cada mulher pôde ter até 12 maridos, e, nas tribus Berberes, a maior affronta que pôde dirigir-se a uma mulher é lançar-lhe em rosto o facto de ter sido cubiqada sómente por um homem.

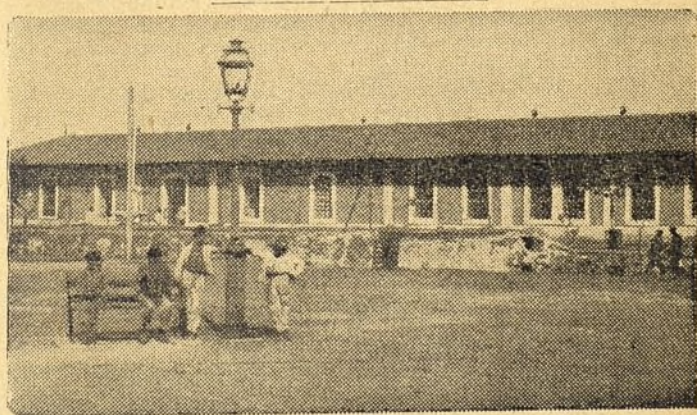
A polygamia acha-se espalhada por uma larga zona do globo, e em pratica mesmo em civilisações ad antadas, como a greco-romana, em que a posse de muitas mulheres era, no homem, manifestação de poderio e riqueza. Vladimiro, rei dos slavos, mantinha oitocentas concubinas, e o romano Commodus possuía um harem de 300 mulheres.

A monogamia não é, como em geral se pensa, uma indicação de uma civilização mais requintada. Os Weddahs de Ceylã, não obstante a sua extrema inferioridade intellectual, são rigorosamente monogamos, assim como certas espécies animais. N'alguma d'estas, porém, basta mudar-lhe o genero de vida para transformarem o modo das suas uniões, como succede com o pato-bravo, monogamo, que se torna polygamo pela domesticação.

Na propria monogamia humana existem variedades extravagantes. Nos arabes da Nubia o casamento é a *tres quartos*, isto é, a mulher pôde dispor de si um dia em cada quatro. Quanto aos

judeus de Marrocos realisam casamentos temporarios, sancionados pelo rabbino, a praso de tres mezes, seis mezes, etc.

Mais interessante é ainda o casamento dos Reddios, da India. Casam as raparigas de 16 a 20 annos com rapazitos de 5 a 6 annos. A desposada, porém, fica sendo a mulher efectiva de um tio, primo, ou mesmo do pae do marido ficticio. Como a mulher, ordinariamente, está envelhecida quando o marido chega á maioridade organica, este desforra-se a seu turno, tomando a effectividade n'outro lar de creança casada.



Ilha de S. Thiago — Edifício da Imprensa Nacional, na Cidade da Praia

O POÇO DOS NEGROS

Todos de certo conhecem em Lisboa o sitio denominado «Poço dos Negros», mas o que, provavelmente, nem todos sabem, é a origem d'essa denominação, que por isso vamos referir.

Era antigo cost me n'esta cidade serem atirados para os monturos, nos campos para além do Bairro Alto, no caminho que ia da porta de Santa Ca-

tharina para Santos, e ficarem até inssepultos, enchendo o ambiente de emanções putridas e servindo de repasto aos cães famintos, os cadaveres dos escravos trazidos das colonias. Manifestava-se assim, ainda a ém da morte, o desprezo em que os brancos tinham os pretos, pois que, para os primeiros, havia sempre sepultura nos cemiterios

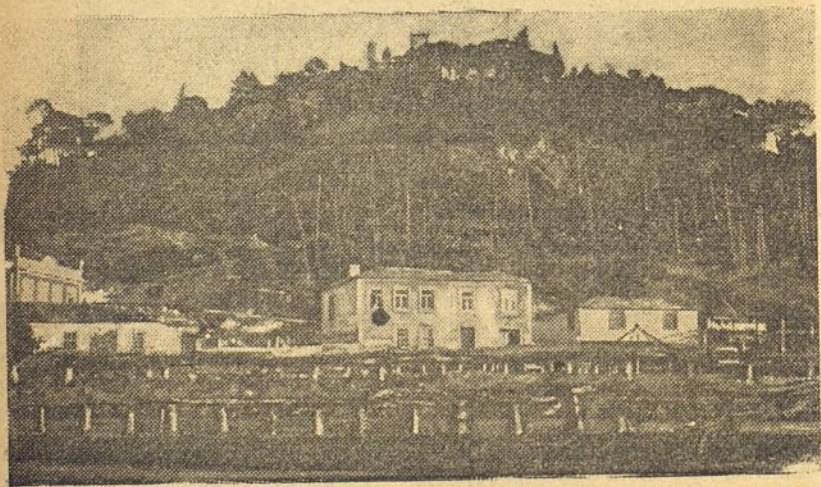
ou nos templos. El-rei D. Manuel, porém, escandalisado com semelhante pratica, ou antes, reconhecendo os seus inconvenientes hygienicos *por a corrupção que se seguiria da podridão dos ditos corpos*, resolveu providenciar por fórma que certamente lhe pareceu satisfatoria e efficaz. Por carta regia datada de Almeirim aos 13 de novembro de 1515, determinou que se fizesse, em logar proximo d'aquelle, um poço o mais fundo possivel, circuitado na bocca por uma parede de alvenaria, e que n'elle fossem lançados os cadaveres dos escravos, sobre os quaes se deita

ria, de tempos a tempos, uma porção de cal virgem. Mais determinou que qualquer pessoa que, depois de feito o poço, lançasse ou mandasse lançar em outro sitio o cadaver de um escravo, ficaria sujeita a uma certa penalidade que os vereadores e procuradores dos *mesteres* deveriam fixar.

D'isto resultou ficar o local com o nome de «Poço dos Negros», que ainda conserva, visto que, por emquanto, nenhum iconoclasta da tradição se lembrou de o substituir por outro, que se he affigure mais palpitante de actualidade.

A longevidade humana

Tem-se discentido muito qual dos dois sexos, na especie humana, offerece maior numero de casos de longevidade; mas, como esta depende de variadas circumstancias, impossivel se torna estabelecer uma lei fixa. A regra geral é diferente em relação a cada paiz. As mulheres são favorecidas em alguns, como a Allemanha, onde as estatisticas mostram que, de mil homens, só 413 chegam aos cincoenta annos, enquanto que, de mil mulheres, attingem a mesma idade ou ultrapassam-na mais de 500. Em França em cada dez centenarios ha sete mulheres, e n'uma recente estatistica da mortalidade vê-se que, de vinte e uma pessoas que figuravam como fallecidas de cem annos ou mais, dezeseite eram tambem do sexo feminino.



S. Coame de Gondomar — Monte do Craste, que costuma ser muito visitado todos os annos por occasião da romaria do Rosario

Ayuntamiento de Madrid



Companhia Portugueza



DE

PHOSPHOROS

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 4.500:000\$000 RÉIS

Dividido em acções do valor de 458000 rs.

CONCESSIONARIA

Do exclusivo do fabrico de phosphoros e isca
no continente do reino e ilhas adjacentes

FABRICAS

Em Lisboa:

Rua do Assucar

NO PORTO

LORDELLO DO OURO

ESCRITORIO

Rua de S. Julião, 39, 2.º

LISBOA



CONSERVAÇÃO DAS FRUCTAS PELO FORMOL

O crescente desenvolvimento dos meios de transporte, permittindo a remessa facil e economica dos productos que superabundam n'uma região para outras onde elles escasseiam ou não existem, ve u dar todo o interesse á descoberta de processos de conservação d'esses productos, ao mesmo tempo simples e efficazes. Pelo que respeita ás fructas, parece ter-se encontrado um meio de evitar que ellas apod eçam ou se alterem durante o seu transporte e armazenagem. Consiste esse meio em mergulhar-as em agua fria, contendo 3 por cento da solução industrial de formol, a 40 por cento de formolde-hyde. Tratando-se de fructas cuja pelle geralmente se come com a polpa interior, como são as cerejas e os morangos, é indispensavel, depois de as mergulhar primeiramente, e por espaço de 5 minutos, na solução de formol, banhal-as em seguida, durante outros 5 minutos,

em agua fria pura, e deixal-as secçar naturalmente. Esta precaução, porém, dispensa-se para as fructas que se descascam antes de se comerem. Diz-se que as cerejas assim preparadas se conservam durante sete dias mais depois da mesma especie de fructa, abandonada ao seu estado natural, ter começado a deteriorar-se, sendo este prolongamento de conservação de quatro dias para as uvas e os morangos e de dez para as peras. Não permite este processo uma conservação tão prolongada como a frigorificação ou refrigeração, mas é muito menos dispendioso; além de que, prolongando-se por uma semana a conservação de determinada fructa, já se consegue que ella faça o que se póde chamar uma verdadeira via em. Acrescentaremos que o uso do formol, e mó fica indicado, se considera absolutamente inoffensivo.

A marcha funebre de Chopin

Com respeito á marcha funebre que Chopin intercalou na sua sonata em si bemol menor, e ás circumstancias especiaes que inspiraram ao grande compositor esse trecho musical profundamente emocionante, ha duas versões, ambas interessantes, e que por isso reproduzimos. Segundo uma d'ellas, Chopin assistia a uma festa realisada no atelier de um pintor seu amigo que, como distração, offerecia aos seus convidados o espectáculo de marionches de pau, muito em voga n'essa epoca. A representação terminava pelos funeraes d'uma d'essas personagens em miniatura. Ora, a pedido de um dos seus amigos, e um pouco tambem por espirito de brincadeira, Chopin assentou-se ao piano para acompanhar o enterro do fantecho.

Arrebatado pelo seu enorme talento e pela sua doentia imaginação, esquecendo, sem duvida, que se tratava de um boneco, o grande artista improvisou essa admiravel pagina musical que se não póde ouvir sem emoção.

A outra versão a que alludimos e fere o seguinte: Chopin estava com outros artistas em casa do pintor Zieins. Descobrimdo a um canto um esqueleto articulado, que collocou a meio do atelier, dominado repentinamente por uma admiravel inspiração, assentou-se ao piano e compoz a sua marcha funebre, que foi escutada no meio do mais religioso silencio.



As andorinhas são as nossas mensageiras da primavera; a sua chegada é sempre motivo de alegria, por isso que ellas nos annunciam o fim da estação das chuvas e das tempestades. Vejamos, como essas sympathicas avezinhas errantes effectuam as suas extraordinarias viagens.

As andorinhas, quando veem da Africa para a Europa, não transitam em linha recta desde o ponto de partida, mas seguem certas trajectorias aerreas, sempre as mesmas, que só ellas conhecem exactamente, e que, por certo, percorreram as suas antepassadas desde as mais remotas gerações.

E' um erro suppor-se que as aves de arribação cruzam kilometros e mais kilometros por sobre o mar e passam os dias e as noites voando para não cahirem á agua, ou poisando, ás vezes, para descansar, nas enxarcias dos navios que encontram em seu caminho. O que, em verdade, ellas fazem é procurar não os pontos onde o mar é estreito, mas ali da os sitios entre os quaes existiu, nas epochas prehistoricas, uma conexão terrestre.

Provavelmente seguem as mesmas

trajectorias que foram seguidas pelas andorinhas suas avós d'aquelles tempos em que a superficie solida do nosso globo estava distribuida de outro modo muito differente do actual.

Para cruzarem o Med terraneo, as andorinhas seguem quatro caminhos principaes: primeiro pelo e treito de Gibraltar; segundo, desde Tunis, pela Corsega e a Sardenha, até ás costas do golpho de Genova; terceiro, desde Tripoli até á Italia e á Sicilia, passando por Malta; quarto, desde o Egypto, fazendo escala por Creta, até á Grecia e á Turquia.

As andorinhas que seguem as tres ultimas linhas indicadas costumam partir da Africa em fins de março, chegando á Europa quando ainda duram os frios do inverno; e então morrem muitas d'ellas, não tanto por não poderem resistir á baixa temperatura, como por não encontrarem alimento.

Todas as aves comem muito em relação ao seu tamanho, e as andorinhas não são das menos comilonas. Voam constantemente com o bico aberto para apanharem os insectos, e, após um momento de repouso, para melhor fazerem a digestão, põem-se logo a voar de novo e a caçar.

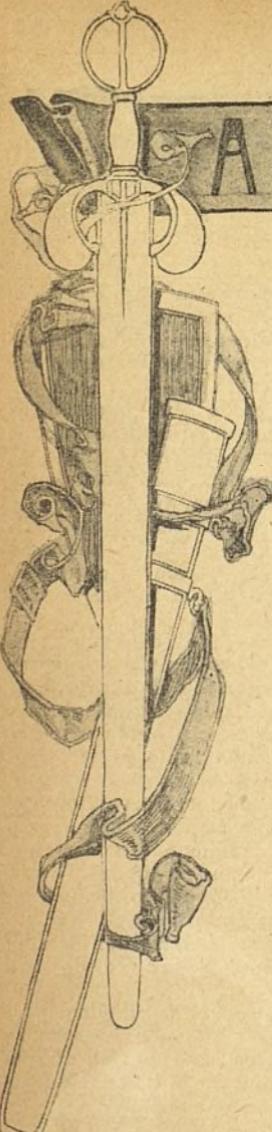
E' pois impossivel para ellas atravessar regiões em que o inverno se tenha prolongado mais do que o regular, inteiramente desprovidas de insectos, ou ainda cobertas de neve.

A orca é uma planta: precisa de ser tratada com o maior cuidado para que mais tarde possa dar fructos sazonados e bons.

COSTA GOODOLPHIM.

O amor é um oceano incommensuravel, onde os espiritos incompletos vêem a monotonia e as grandes almas se abysmam em perpetuas contemplanções.

BALZAC.



A ESPADA DE D. AFFONSO

HENRIQUES

DURANTE quatro seculos esteve a espada de D. Affonso Henriques, essa rija espada cujos golpes tremendos ajudaram a implantar a nacionalidade portugueza, pendurada sobre o mauseu de aquelle monarcha na egreja de Santa Cruz de Coimbra. Quando D. Sebastião visitou esta cidade e lhe foi mostrada a gloriosa reliquia, o moço soberano beijou-a com a maior veneração e respeito, e, restituindo-a ao D. Prior, disse-lhe: «Guarda-a, meu padre, que ainda me hei de servir d'ella contra os mouros d'Africa.»

Em 1578 escrevia D. Sebastião ao D. Prior pedir-lhe, por emprestimo, a espada e o escudo de D. Affonso. Foi-lhe satisfeito o desejo, e como moço rei, cujos ambiciosos sonhos de gloria tão cedo se desfizeram, ambas as cousas foram para a Africa. Ao desembarcar, porém, esqueceram ellas ao rei que não as tirou da nau que as transportava. Voltaram, pois, para Lisboa, sendo mandadas pelo cardeal D. Henrique para S. Vicente de Fóra; e assim providencialmente, as duas reliquias escaparam de ficar no torvelinho da desastrosa jornada de Alcazar Kibir, em que D. Sebastião perdeu a vida e Portugal a sua independencia. D'ahi foram levadas de novo para Santa Cruz de Coimbra, onde, até a extincção das ordens religiosas, em 1834, se conservou a espada, sendo depois mandada para a Academia de Bellas Artes do Porto. Está, porém, a famosa espada longe de ser, como muitos pensam, um desses enormes montantes que na idade media os guerreiros brandiam ás mãos ambas. Como esse montante tem dois gumes; falta-lhe porém a extremidade aguda, e d'esse nome gigantesco, e á

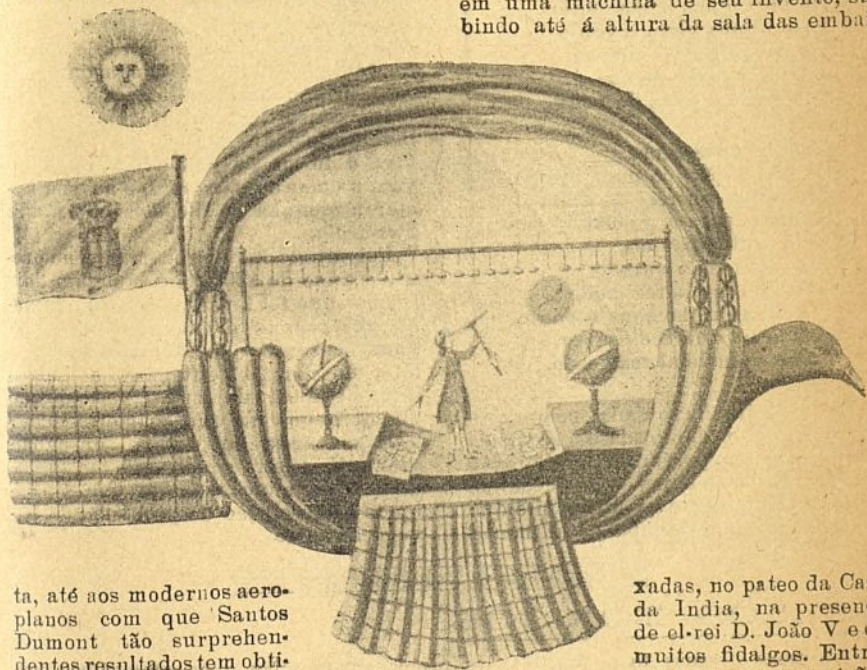
A honra assemelha-se aos olhos que não podem supportar a minima impureza sem ficarem perturbados. — BOSSUET.

AEROSTAÇÃO

A MACHINA VOLANTE DO PADRE BARTHOLOMEU DE GUSMÃO

Ascende ás mais remotas eras a idéa da navegação aerea. Desde as azas que a leuda dos tempos fabulosos refere terem sido inventados por Icaro, para, com Dedalo, seu pae, fugir á colera de Minos, voando da ilha de Cre-

tença de Gusmão, pelo que o nosso paiz reivindica para si a gloria de haver creado a navegação aerea. De facto, no dia 8 de agosto de 1709 o padre Bartholomeu, que era natural de S. Paulo, Brazil, conseguiu elevar-se nos ares em uma machina de seu invento, subindo até á altura da sala das embai-



A machina volante do padre Bartholomeu de Gusmão

ta, até aos modernos aeroplanos com que Santos Dumont tão surprehendedentes resultados tem obtido, muitas são as tentativas realizadas pela andacia intelligente do homem, com a mira na conquista do ar. E' que o desejo de voar tem o que quer que é de tão natural, de tão universal, que não faltaram em todos os tempos engenhos arrojados que tentassem satisfazer-o. Está entretanto averiguado que, de todas essas tentativas, a primeira que verdadeiramente surtiu effeitos foi a do padre portuguez Bartholomeu Lou-

xadas, no pateo da Casa da India, na presença de el-rei D. João V e de muitos fidalgos. Entretanto as perseguições de que foi victima não lhe permittiram repetir as suas experiencias, nem tão pouco explicar a theoria do seu aerostato. Como sempre succede com todas as innovações, que, por mais dignas de admiração que sejam, provocam a desconfiança e a satyra, o invento do padre Bartholomeu de Gusmão, denominado *machina volante*, ou mais vulgarmente *passarola*, inspirou ao

contemporaneo do inventor, o poeta Thomaz Pinto Brandão, as seguintes decimas:

Ao novo invento de andar pelos ares

Esta maroma escondida
Que abala toda a cidade,
Esta mentida verdade
Ou esta duvi la crida;
Esta exhalção nascida
No portuguez firmamento;
Este nunca visto invento
Do padre Bartholomeu,
Assim fôra santo eu
Como elle é coisa de vento.

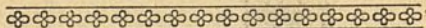
Esta boa passarola
Que leva, porque mais bramo,
Trezentos mil réis de arame
Sómente para a gaiola;
Esta urdida paviola
Ou este tecido enredo;
Este das mulheres medo
E emfim dos homens e panto,
Assim fôra eu cedo santo
Como se hade acabar cedo.

Da machina inventada pelo nosso compatriota foi publicada em 1784 uma gravura, sendo, porém, essa publicação acompanhada de umas explicações que nada absolutamente explicavam e que antes levaram a duvidar da authenti-

cidade da estampa, que é a que reproduzimos em gravura

O artificio ae-o-tatico, tal qual essa estampa representa, tem sido muito discutido por homens de sciencia, tendo-se chegado á conclusão de que a mesma estampa não é a reprodução fiel e completa do invento do padre Bartholomeu, e que es e, para conservar o seu segredo, lhe convinha occultar o meio de que se servia para fazer el-var a sua machina. Entretanto tambem se crê que a gravura não seja completamente falsa, pela razão de que as trad ções do tempo e os monumentos escriptos, quer publicados quer ineditos, concordam em affirmar que o invento do padre Bartholomeu apresentava a fórma de uma ave, d'onde lhe veio o nome de *passarola*, e ao seu auctor a alcunha de *Voador* e de *Padre Passarola*.

Por ultimo registaremos que, no proximo anno de 1909, se completam dois seculos que foi levada a effeito a famosa experiencia d'este aerostato, tornando-se digna de commemoração a data de um tal centenario; e ainda a circumstancia de haver nascido no Brazil o homem que primeiro conseguiu elevar-se nos ares e ser egualmente brasileiro aquelle que em nossos dias mais atinçadamente tem trabalhado na resolução do problema da navegação aerea.



SELLOS TOXICOS

Algumas pessoas teem o habito de humedecer os sellos e as estampilhas passando-as pela lingua, apezar dos inconvenientes e perigos de semelhante habito serem manifestos. Vê-se bem que, por esta fórma, é facilima a absorção de microbios, mais ou menos infecciosos, que, por qualquer circumstancia, existam na face gommada dos sellos que se leva á bocca. Mas, além d'este perigo, que já não é pequeno, outro existe que traz a possibilidade de envenenamentos, desde que estes pequenos pedaços de papel sejam coloridos com substancias toxicas.

Foi o que se observou na Inglaterra com o sello de 3 pence, amarelo e pardo, cuja cor tinha por base o chromato acido de chumbo, substancia grandemente toxica. De facto, ficou verificado que doses de alguns milligrammas eram sufficientes para determinarem, nas creanças, sérios envenenamentos. Ora, um só dos taes sellos de 3 pence continha cerca de um milligramma de chromato acido de chumbo. O correio inglez ordenou, á vista d'isto, a immediata retirada da circulação d'estes sellos. Ahi fica o aviso para uso dos incautos

COMPANHIA

DO

Papel do Prado

Sociedade anonyma
de responsabilidade limi-
tada

Capital:	Acções.....	360.000\$000
	Obrigações.....	329.310\$000
	Fundo de reserva e amortisação...	255.000\$000
	Réis.....	944.310\$000

Séde em Lisboa

Proprietaria das fabricas:

PRADO, MARIANAIA e SOBREIRINHO
Thomar; PENEDO e CASAL D'ERMIO Louzã;
VALLE MAIOR (Albergaria-a-Velha)

Installadas para uma producção
de seis milhões de kilos de papel e dis-
pondo dos machinismos
mais aperfeiçoados para a sua
industria

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

R. da Princesa, 270 a 276
LISBOA

R. de Passos Manoel, 49 e 51-Porto

Endereços telegraphicos
LISBOA: Companhia Prado
PORTO: Prado

Numeros telephonicos
LISBOA, 605
PORTO, 117

Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. Tem em deposito grande quantidade de papéis de escripta, de impressão e de embrulho.

O ÚLTIMO AMPARO A VELHOS E INVALIDOS

Sob o influxo das primeiras reinvidicações populares, estribando-se nas regalias dos foraes, fundaram-se na Edade Media as confrarias dos officios e associações de classe, onde artifices e mestreaes se comprometiam, debaixo de um espirito le'go, ou religioso, a defender os interesses communs e a socorrer os seus irmãos feridos pela adversidade ou cahidos na miseria. Assim mantinham nas suas confrarias de caridade hospícios, albergarias, mercearias, hospitaes para enfermos, e acudiam com o pão, com a botica e com o esquife aos seus irmãos famintos, doentes ou defuntos.

Já em mui remotos tempos, nos confins da India, em Gopacpur, se erguia em pleno seculo XII um hospício para desamparados, onde o pobre mendicante encontrava abrigo, o peregrino pouxada e todo o desvalido o amparo de que carecia.

Era, no Oriente, um precursor, de antiquíssima origem indiana, dos modernos asylos de pobres, de velhos mendicantes e de invalidos.

Ao antigo hospício, de que nos restam exemplos no hospital do Amparo, estabelecido no seculo XVI sob os arcos do grande Hospital Real de Todos os Santos, ao Rocio, e no Hospital dos

Incuraveis ao Poço Chão, hospitaes de que a Mizericordia de Lisboa conserva, ainda hoje, os ultimos vestigios, succederam os *reco'himentos de velhas e velhos invalidos* como os que administra e mantem a Mizericordia do Porto.

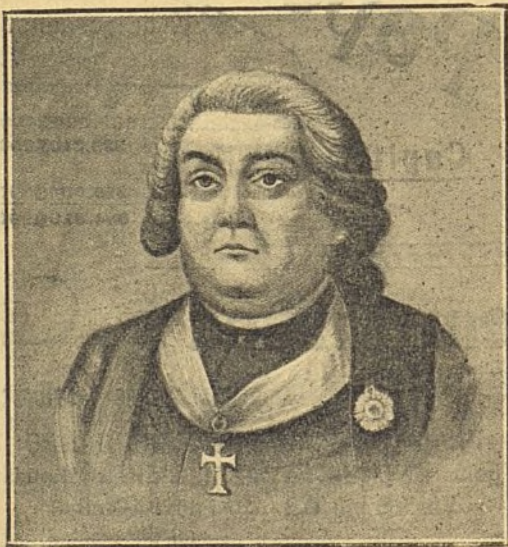
Mais tarde, após as iniciativas de be-

nefencia official administrativa, iniciadas pelo celebre intendente da policia Diogo Ignacio de Pina Manique, com a criação da CASA PIA, sobrevieram as idéas modernas de liberdade, geradas e espalhadas por todo o velho mundo, ao sopro revolucionario do centro da Europa, e com ellas novos principios de remodelação social, em que entravam os preceitos da

assistencia aos mizeros e desvalidos.

Os grandes reformadores da sociedade portugueza Mousinho d'Albuquerque, Mousinho da Silveira, Aguiar e Rodrigo da Fonseca impulsionaram novas creações e novas bases sociaes sobre os restos palpitantes do antigo regimen.

Fundaram-se então em 1836 os primeiros *asylos* para mendigos e indigentes dos dois sexos, o grande *Asylo de Mendicidade* de Lisboa, a que se seguiram logo muitos outros em Angra, Coimbra, Funchal, Castello Branco, Vianna, Vizen, etc. Deve-se á ousada

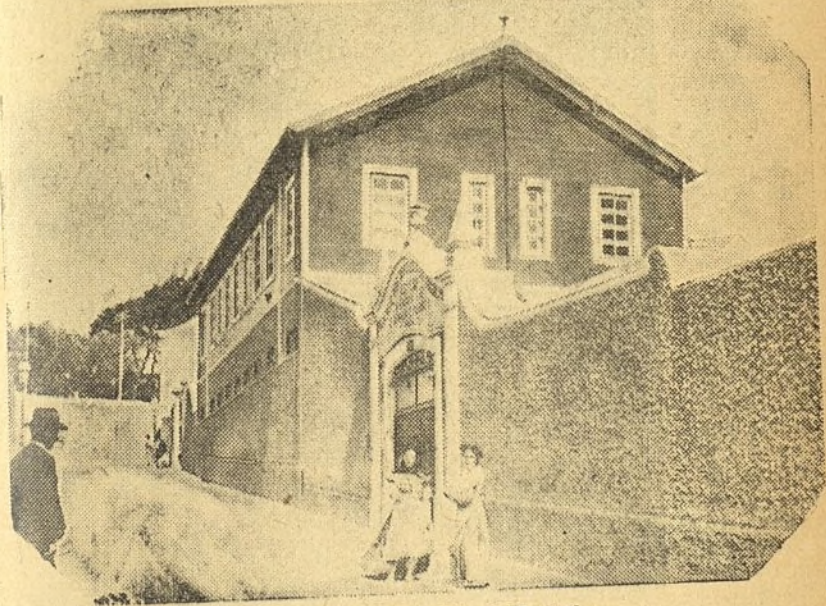


Pina Manique, fundador da Real Casa Pia de Lisboa

iniciativa de Mousinho d'Albuquerque o *asyl* de Lisboa, a cuja historia ficaram ligados pela sua dedicacão os nomes dos provedores José Isidoro Guedes e Alfredo de Queiroz Guedes. Decorridos annos fundou-se o grande *asyl* D. Maria Pia, por diligencias de Martens Ferrão.

Já antes porém, ainda nos começos do seculo XIX, uma princeza, D. Ma-

tatva, surgiu 37 annos depois, em 1864, o *Albergue dos Invalidos do Trabalho*. Foi o illustre e venerando architecto e sabio archeologo Joaquim Possidonio Narciso da Silva, que t'anhos serviços preston ao paiz e á sciencia archeologica, o fundador do *Muzeu Archeologico do Curmo* e da *Associação do Architectos e Archeologos*, que, compenetrado da necessidade de se estabelecer



Albergue dos Invalidos do Trabalho

ria, filha de D. José e irmã de D. Maria I, que para allivio das suas saudades de viuva se dedicára a actos de caridade, compadecida da sorte dos militares inutilizados na guerra e reduzidos á miseria, deliberára edificar, na quinta que comprou em Runa, um magestoso edificio para 120 *asylados* invalidos do exercito portuguez. Lá persiste ainda o magnifico *asyl* com bella igreja cheia de estatuas, quadros e alfaias, e onde a 24 de julho se celebra annualmente a festa da sua inauguração, que foi no anno de 1827.

Analogo na intenção piedosa e cari-

um hospicio, onde os inutilizados por uma longa vida de trabalho pudessem encontrar descanso e amparo, e desejando prestar homenagem á saudosa memoria do fallecido e bemquisto monarcha D. Pedro V, promoveu e conseguiu levar a effeito a fundação do *Albergue*.

Posta de parte a primitiva idéa de um grande *Asyl* para os invalidos de todo o reino, em Alcobaça, Possidonio chamou o *Centro promotor das classes laboriosas* a cooperar no empreendimento, e por meio de subscrições, festas e esmolas obteve o fundo preci-

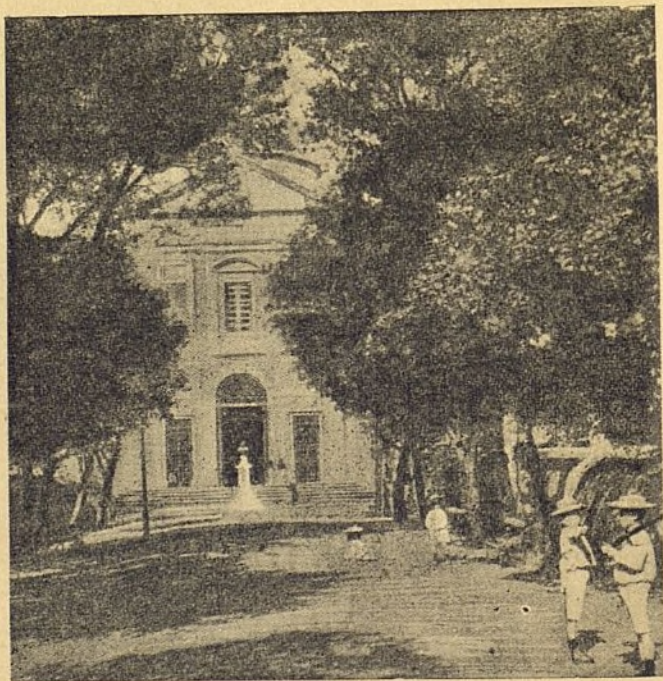
so para a instituição que em 1863 serviu de modelo a um asylo analogo estabelecido em França por Napoleão III.

Possidonio da Silva, seus filhos e filhas foram os verdadeiros apóstolos do philantropico instituto; por isso, em 1 de julho de 1904, a associação que mantém o *Albergue* prestou a devida homenagem ao venerando ancião inaugurando nas suas salas o busto do instituidor, executado pelo esculptor Marquez de Vascelot.

A pedido do *Centro promotor* reuniram-se as associações do paiz n'um congresso, a que presidiu o cellibre propugnador do principio associativo — Vieira da Silva, — e este, sustentando com energia a proposta do novo instituto cujos estatutos ali mesmo se elaboraram, foi um dos que os firmaram com a sua assignatura.

O *Albergue* prosperou, e ao passo que pelo amparo que proporciona a 65 albergados, de sexo masculino, trabalhadores venerandos que ali encontram a paz e o socego nos derradeiros annos de vida, perpetua da maneira mais

prestante a memoria de dois bondosissimos corações — o do instituidor e o da monarcha a quem foi consagrado, — assim tambem dedica fervorosa homenagem aos serviços de Vieira da Silva e do excellente e zeloso adminis-

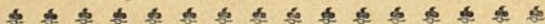


Asylo d'invalidos militares em Runa

trador do *Albergue* durante muitos annos, Antonio Joaquim de Oliveira, collocando os retratos dos dois benemeritos na sala de honra, a par do busto do saudoso fundador.

Maio 1907.

VICTOR RIBEIRO.



Nos bastidores de um theatro: — Boas horas! Pois agora é que o senhor vem para o ensaio, quando sabe que tem de entrar logo na primeira scena? Pois o senhor não faz o papel de Arrependimento?

— Foi por isso que me demorei: o arrependimento sempre chega tarde.

GRANDE E VARIADO SORTIMENTO

— DE —

Artigos

PARA

Photographia

PARA PROFISSIONAES E AMADORES

Manoel Moreira

Artigos de SUPERIOR QUALIDADE

Execução rapida de qualquer encomenda

PREÇOS MODICOS

VENDAS A DINHEIRO

6, Rua da Prata, 6

LISBOA

OS PHAROES DA BARRA E PORTO



DE LISBOA

O porto de Lisboa, além das vantagens que offerece a sua posição geographica, tem a de ser accessivel a qualquer hora da noite. Por successivos enfiamentos de pharoes, differentes na côr, de luz fixa ou intermittente, podem os maritimos dirigir-se até fundearem no respectivo quadro.

A fim de mais facilmente poderem os interessados reter na memoria as côres e os aspectos dos pharoes da nessa barra e porto, imaginou um official da armada as seguintes quadras, que, se não são um primor de poetica, constituem uma boa mnemonica.

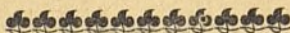
O Belem, o Santa Martha,
Caxias, Côvo e o Raso
Só nos dão *vermelho* á farta
Sem que o *branco* venha ao caso.

Cacilhas, Barra e a Guia
Nunca brincam ás escuras:
Mal nos foge a luz do dia
Reina o *branco* sem misturas.

Do Rôca os nervos disfructo
Branco, mas sem fixidez:
Abre os olhos n'um minuto
Por vezes sete e mais dez.

O Espichel, *branco*, mas mono
Ao ver do da Rôca as tretas
Fecha a torneira do somno
E faz-lhe quatro caretas

O Bugio, mais fedelho
Tambem gosta da partida:
Dá-nos *branco* apoz *verme ho*
Mas *vermelho* de corrida.



Não cabe duvida que a humanidade é toda feita do mesmo barro; mas do mesmo barro se fazem estatuas e pucaros.

MANUEL DEL PALACIO.

O amor é como o sol: allumia em cheio as aguas furtadas e penetra com difficuldade nos salões.

MANUEL DEL PALACIO.

Camara Municipal de Dilly

Fica tristemente impressionado todo o viajante que, visitando a cidade de Dilly, capital da nossa ilha de Timor, contempla o mesquinho e primitivo edificio da camara municipal. Chega a ser desolador o aspecto d'aquella acanhada barraca, que mais parece uma habitação gentilica do que um edificio

cidade é abastecida, tendo quasi a cada esquina um marco fontenar o. Essa agua é tão boa que é a escolhida pelos paquetes hollandezes, que circulam entre as ilhas neerlandezas, para fazerem aguada, para o que existe uma larga torneira na praia, a cerca de 150 metros do fundeadouro.



Dilly—Edifício da Camara Municipal

publico. Essa má impressão, porém, desvanecese em grande parte, quando ao viajante é dado visitar o elegante edificio do *Museu e Bibliotheca Vasco da Gama*, pertencente ao municipio, e a eminentemente hygienica e utilissima canalisação das aguas frescas e excellentes, como que actualmente a

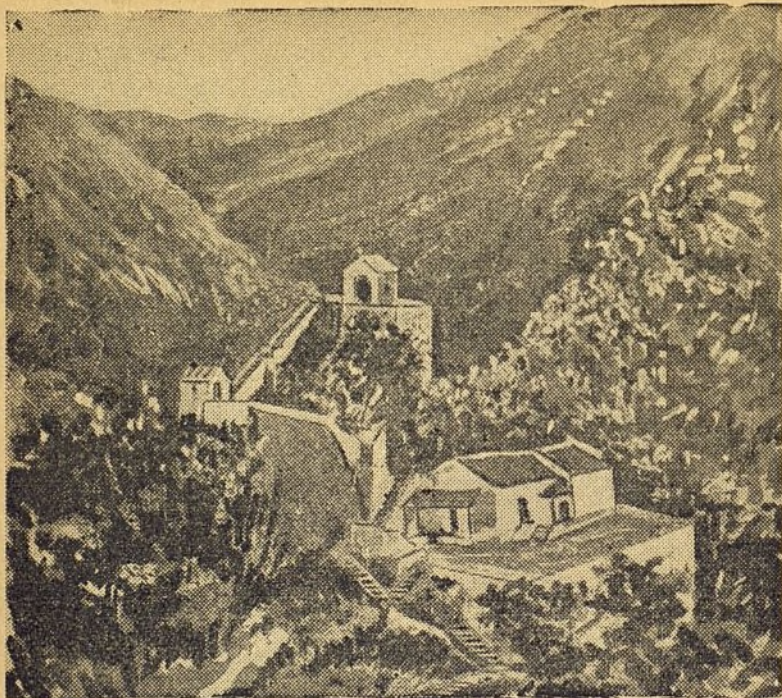
O visitante que tem ensejo de vêr estas obras, só encontra motivo para louvar a camara municipal de Dilly, que preferiu dispendir uma boa parte das suas môdestas receitas em obras de verdadeira utilidade, a empregal-a n'uma luxuosa installação para os Paços do Concelho.



Na Morgue. Calino vem procurar um amigo seu, desaparecido.

—Tinha algum signal particular que possa servir a restabelecer a sua identidade?—pergunta-lhe o porteiro.

—Tinha. Era surdo.



Louzã—Ermida da Senhora da Piedade

O destino e os algarismos

Luiz XVI subiu ao throno em 1774: ora a somma d'estes quatro algarismos dá 19, numero que, adicionado a 1774, perfaz 1793, anno em que subiu ao cadafalso.

O primeiro governo regular que se lhe seguiu começou com o fim de Robespierre em 1794: juntando a este numero 21, somma dos quatro algarismos de que elle se compõe, ter-se-ha 1815, o anno de Waterloo, da queda de Napoleão e da volta dos Bourbons com Luiz XVIII. Adicionando ainda a 1815

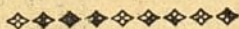
Durante o reinado de Luiz Napoleão, os francezes, que se entregavam a este genero de calculos, não estavam de accordo com respeito á maneira de operar. Uns, adicionando a 1848 a somma d'estes algarismos, entendiam que 1869 devia ser um anno desastroso.

Outros contavam a partir do anno de 1853, em que o imperador desposou a imperatriz Eugenia, e calculavam assim: tendo Luiz Napoleão nascido em 1808 e a imperatriz em 1826, a somma dos algarismos de cada uma d'estas

o total dos seus algarismos encontra-se 1830, o anno da revolução de julho, da queda de Carlos X e da exaltação ao throno de Luiz Fil ppe. Tendo este monarcha nascido em 1773, a somma d'estes algarismos dá 18; 1782, anno do nascimento da rainha Amelia, dá tambem 18. Juntando este numero a 1830, o resultado será 1848, data da revolução de fevereiro.

datas dá 17, e, seguindo a mesma regra que para Luiz Filipe, isto é, juntando este numero a 1853, encontra-se 1870.

Por uma coincidência notavel, a somma dos algarismos de 1853 é tambem 17, e, fazendo a mesma operação que no caso de Luiz XVI, teremos 1870, o anno terrivel e o fim do imperio.



O vicio de fumar

E' conhecido o prejuizo que causa o tabaco ás pessoas adultas, sendo muitas as que devem a elle terribes soffrimentos.

Este detestavel vicio contrae-se na infancia á custa de varias bebedeiras.

Mas o mais grave ainda é que o uso do cigarro é o preambulo obrigatorio de todas as extravagancias, excessos e irregularidades da vida, com que muitos arruinam a saude e pervertem a consciencia.

Na Belgica são punidas as creanças que fumam e em Buenos-Ayres uma sociedade de temperança procurou os ministros da Justiça e Instrucção Publica, pedindo-lhes disposições legais prohibitivas do uso do tabaco aos estudantes.

Entre nós eram igualmente necessarias taes disposições.

Se um ministro benemerito quizesse legislar n'esse sentido, prestaria incalculaveis serviços, não só ao paiz mas tambem ás familias e aos proprios individuos.



Para limpar as garrafas

E' um pessimo costume, mas infelizmente bastante espalhado, o de empregar pequenos grãos de chumbo para limpar as garrafas. De facto, obtem-se assim a formação de carbonato de chumbo, que adhire ao vidro e que é insolúvel na agua. Comprehende-se pois que, em taes condições, é absolutamente inutil lavar a garrafa uma ou mais vezes. Por outro lado, é esse carbonato solúvel no alcool, e portanto na aguardente e até no vinho; e, como é toxico, torna-se evidente o perigo de semelhante pratica.

A limalha de ferro já não apresenta o mesmo inconveniente, mas ainda é mais simples empregar a serradura de madeira, a cinza ou pequenas bolas de papel. Com effeito, basta agitar fortemente a garrafa com metade de agua quente para d'ella tirar, com qualquer

d'estes productos, até os mais insignificantes traços de impureza.

A ESTATURA HUMANA NA ANTIGUIDADE

E NOS TEMPOS MODERNOS

Tem sido assumpto largamente debatido a estatura dos homens na antiguidade e nos tempos modernos. Os que sustentam a doutrina da degeneração das raças humanas asseguram que os homens, na remota antiguidade, eram de estatura superior á dos nossos contemporaneos, abonando esta affirmativa com o testemunho da Biblia e com os d' Homero, Hesiodo, Herodoto e Virgilio, os quaes affirmaram que os homens do seu tempo eram verdadeiros pigmeus em relação aos seus antepassados. Os partidarios da theoria moderna, porém, sustentam que a estatura humana tem crescido lentamente, e provam-no com alguns esqueletos que

ainda se conservam dos seculos medios, e bem assim com esqueletos prehistoricos encontrados.

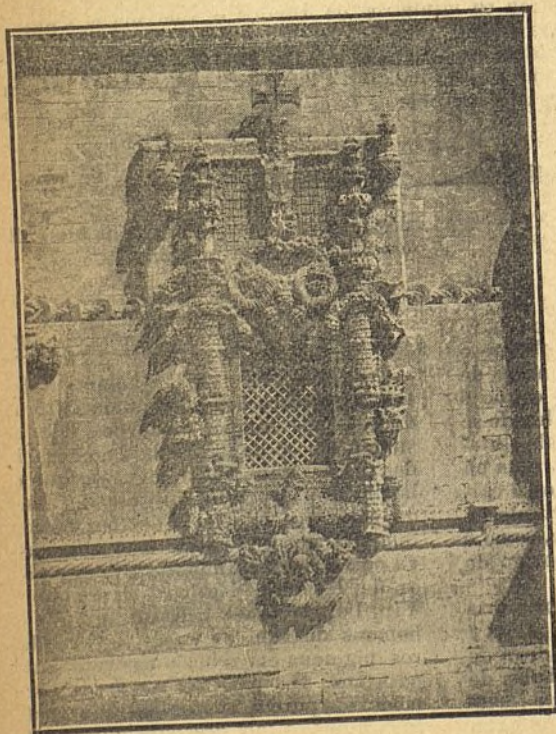
Um relógio de crystal

Um fabricante de crystal na Bohe-mia, Joseph Bayer, homem de 70 annos, construiu um relógio curioso e originalissimo, porque, á excepção das molas, que são de aço, todas as peças são de crystal, incluindo engrenagens e parafusos, ponteiros e roda de escape. A propria chave com que se dá corda a

este original relógio é da mesma fragil materia.

Os dentes das engrenagens são feitos com a maxima perfeição; o volante é mais delgado do que seria n'um relógio trivial das mesmas dimensões. Peças houve que o fabricante se viu obrigado a refazer quarenta vezes até attin-gir a precisão desejada. O som dos timbres das horas e dos quartos é de uma extraordinaria pureza e sonorida-de. Esta maravilha de crystal está ava-liada em cerca de 3:000 marcos, ou réis 675\$000.

A janella manuelina do convento de Christo, em Thomar



Janella da casa do capitulo

Entre os poucos mode-los de architectura man-nuelina que temos no paiz, não é o menos intere-sante a formosa janella que se admira no claustro do convento de Christo, em Thomar. O antigo convento dos Templarios, mais tarde, pela abolição da or-dem, entregue ás freiras da ordem de Christo, é dos edificios que maiores mo-dificações architectonicas tem soffrido. O claustro dos Philippes, a estructu-ra medieval de grande parte do castello de Gual-dim Paes e, finalmente, a janella manuelina, unico exemplar d'esse genero, são outras tantas provas da variedade de typos ar-chitectonicos em harmo-nia com as differentes epo-cas em que o edificio foi re-taurado ou accrescen-tado.

Por isso, e pelo esplen-dido panorama do valle do Nabão, é este um d's edi-ficios que o excursionista não deve deixar de visitar.

Bolsa Official de Lisboa

VIRGILIO DA COSTA

CORRETOR

Transacções de Bolsas

112, RUA D'EL-REI, 114

ANTIGA CONFEITARIA ROSA ARAUJO



Isidro Mendes da Silva

VINHOS NACIONAES E EXTRANGEIROS

Tomam-se encomendas pertencentes
à arte de cozinha e copa. Fornecem-se almoços, lunches, jantares, serviço
de baile e criados

44, R. DE S. NICOLAU, 48-LISBOA

TELEPHONE 1180

INVEJA E CIUME

Inveja é um sentimento penoso, causado pelo bem que outrem possui.

Ciume é um sentimento penoso causado pela pretensão que outrem tem, ou receamos que tenha, de possuir um bem que julgamos nosso, ou que aspiramos a gosar exclusivamente.

A *inveja* é mais geral que o *ciume*. Afflige-se do bem alheio, ainda que não se possa pretendel-o, nem aspirar a elle, nem d'ahi lhe venha mal algum.

O *ciume* é mais limitado na sua extensão; sómente domina aquelles que pretendem ou podem pretender a posse do mesmo objecto.

A *inveja* é um sentimento feio e abjecto; é o tormento das almas vis: tudo o que pôde servir de utilidade ou

vantagem aos outros a irrita, como se o bem alheio fosse mal seu!

O *ciume* tem uma origem ignobil: nasce do orgulho, isto é, da idéa vantajosa que cada um tem da superioridade do seu merecimento, e olha como inimigo o competidor que lhe disputa essa superioridade.

A *inveja* não é consome em segredo o coração que a nutre; envergonha-se na sua própria baixaza, e não ousa apparecer em publico a cara descoberta.

O *ciume*, como é menos vil, não teme manifestar-se de um modo sensível e publico; rompe muitas vezes com impeto, e os seus effeitos são mais estrondosos e talvez mais funestos.

D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ



Coimbra — Nossa Senhora da Consolação do Castello

O SOL E O VENTO

O sol e o vento altercavam, porque cada um d'elles se julgava mais forte do que o outro.

Foi longa a disputa, porque nem um nem outro cedia.

Viram um cavalleiro na estrada e resolveram exprimentar forças.

—Olha, dizia o vento, não preciso mais do que lançar-me a elle para lhe despedaçar o fato.

E começaram a soprar com toda a força.

Quanto mais o vento se esforçava mais o cavalleiro cingia o seu *kaftan*. Bravava contra o vento, mas de cada vez corria mais, a galopar... a galopar.

O vento zangou-se e desencadeou sobre o viajante chuva e neve: elle, porém, com a man'a enrolada em volta de si, não descontinuava de galopar.

O vento comprehendeu que não lograva arrancar-lhe o *kaftan*.

O sol sorriu, mostrou-se entre duas nuvens, seccou e aqueceu a terra, e o cavalleiro, regosijando-se com o doce calor, tirou o *kaftan*.

—Vês? disse o sol ao vento malefico: consegue-se mais com o bem do que com o mal.

Os porticos de Santa Maria de Belem

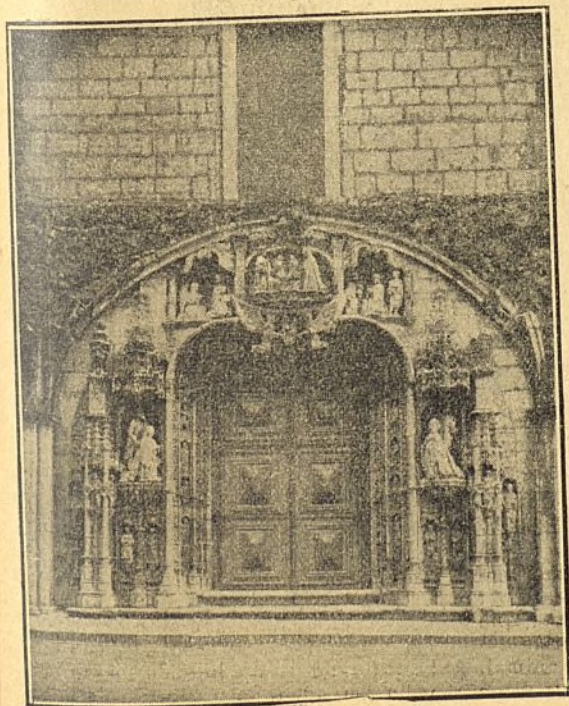
O magestoso templo de Santa Maria de Belem, que D. Manuel entregou,

com o mosteiro que lhe fica annexo, aos frades de S. Jeronymo, não é só

um documento historico commemorativo da brilhante descoberta que immortalizou Vasco da Gama; é tambem uma maravilha architectonica. É a manifestação deslumbrante da arte nacional inspirada ao genio do artista pelo glorioso feito que engrandeceu Portugal aos olhos deslumbrados das outras nações da Europa. Essa grandiosa conquista dos mares, ao mesmo tempo que animava o buril do artista a dar-nos aquelles formosos rendilhados, inspirava a penna do poeta a legar-nos esse outro immorredouro monumento *Os Lusíadas*. E como este poema tem sido e continúa a ser, em todas as épocas e em todos os paizes, sufficiente para enaltecer a memoria do poeta, o edificio dos Jeronymos é o bastante para glorificar a arte portugueza.

Nacional ou estrangeiro que entre em Lisboa por mar, ao defrontar-se-lhe o

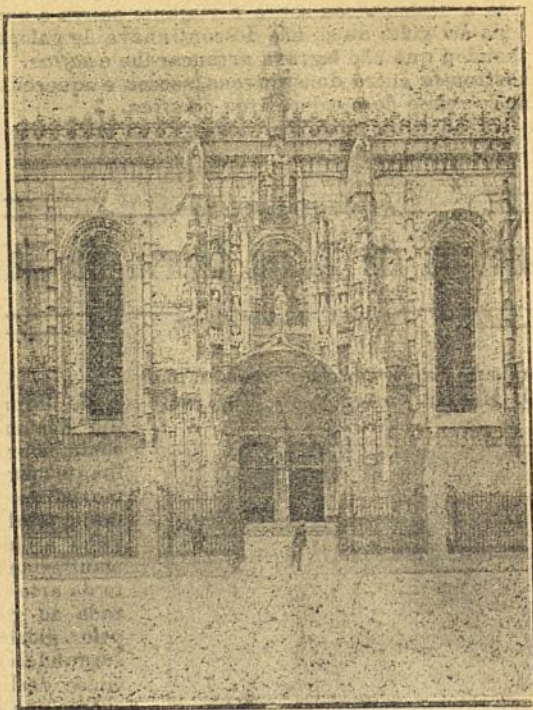
6



Portico principal

formoso portico lateral do magestoso templo, não pôde deixar de extasiar-se ante aquella maravilha architectonica que constitue com a Torre de Belem, dois exemplares magnificos da architectura manuelina. E, uma vez desembarcado, nenhum excursionista deixa de visitar o magestoso templo e admirar de perto o formoso portico, não se esquecendo nunca de contemplar a estatua do infante D. Henrique, assente no columnello que separa os dois portaes. E o seu guia não deixará de recordar-lhe que certo inglex riquissimo já offerecera ao governo portuguez uma estatua d'ouro

massiço, igual inteiramente áquella, se o governo a aceitasse em troca ..



Portico lateral

Posto que mais modesto, o segundo portico da egreja, que antes do terremoto de 1755 existia sob uma crypta abobadada de que ainda se vêem as ruinas, é também digno de ser contemplado. Olhava para a portaria do antigo mosteiro, e hoje fica ao lado da modestissima e trivial entrada da Casa Pia de Lisboa.

Esse portico é também um formoso modelo da architectura manuelina de que infelizmente não existem no

paiz exemplares que com elle rivalissem, excepto o portico da Conceição Velha.

Influencia do sal na engorda dos bois.

Os creadores suissos ministram geralmente grandes quantidades de sal ao gado bovino para auxiliar-lhe a engorda. O sal não é precisamente um alimento, mas sim um excitante, que facilita a assimilação das materias nutritivas e excita o appetite do animal. Por tal motivo é corrente ouvir dizer áquelles creadores, exagerando os beneficios que resultam d'esta pratica pa-

ra o gado de engorda, que cada kilogramma de sal commum equivale a 10 kilogrammas de gordura. Para que o sal em taes casos dê bom resultado, é conveniente applical-o com persistencia e regularidade, consistindo a melhor fórma da applicação em dissolver-o em agua, na proporção de 120 a 150 grammas diarios por cada cabeça de gado bovino de corpulencia mediana.

FABRICA NACIONAL
DEPOSITO CENTRAL
70, RUA IVENS, 70-LISBOA
CANDIDO AUGUSTO DA COSTA

Agente em Portugal de «La Papelera Española»

TINTAS TYPO-LYTOGRAPHICAS

R. DA CASCALHEIRA
Vernizes e massas para rolos
REPRESENTANTE NO PORTO
Guilherme Martins Coelho
RUA DA VICTORIA, 56
18-ALCANTARA

Os meios de transporte nas grandes cidades modernas

O extraordinario desenvolvimento das grandes cidades trouxe consigo a necessidade de crear novos meios de transporte bastante rapidos e facilmente accessiveis, de modo a satisfazerem a todas as exigencias da vida d'essas enormes aglomerações de individuos.

E' evidente que a grande multiplicidade de *trams-ways*, circulando todos á superficie das ruas, além de embaraçar o transitio dos outros vehiculos, de nenhum modo resolve o problema, porque os *trams-ways*, seguindo a mesma linha de *rails*, não podem passar uns adiante dos outros, e, quando algum pára, todos que o seguem tem igualmente de parar.

N'estas condições, occorreu a idéa de estabelecer novas linhas especiaes, como recentemente se fez em Londres, onde as estradas existentes foram duplicadas por meio de subterraneos para *trams-ways*, sendo pela mesma razão que em Nova-York existem os chamados *Elevated*, vias ferreas assentes em viaductos que se elevam sobre as ruas,

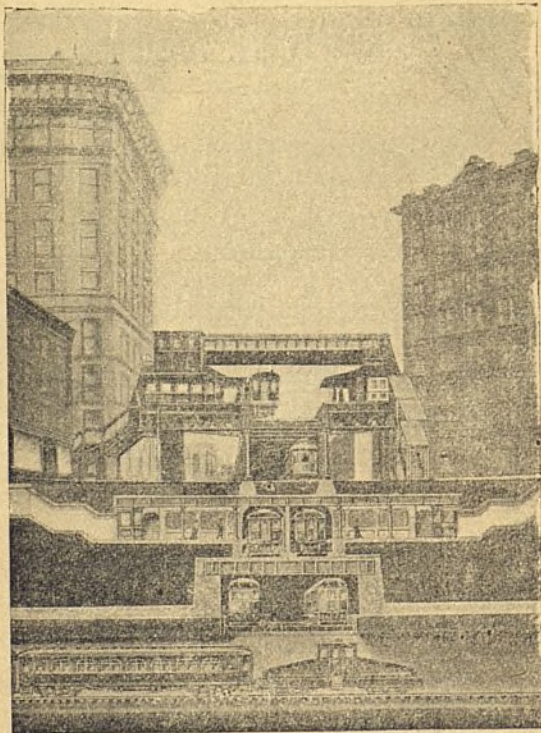
e em S. Francisco se pensava em construir, por cima da *Market-Street*, uma outra rua destinada ao transitio de carnuagens.

Em 1870, em Londres, o numero de viagens realizadas annualmente, e em media, por cada habitante, nos diver-

sos meios de transportes urbanos, era apenas de 27; em 1880 já essas viagens attingiam o numero de 55 por anno, em 1890 o de 92, em 1900 o de 126, e actualmente calcula-se que seja de 250 por habitante approximadamente. Com respeito a Nova-York os numeros correspondentes aos mesmos annos são de 118, 182, 283 e 320, coincidindo esta rapida progressão com a successiva abertura ao serviço de novos caminhos de ferro subterraneos, que cada vez se

vão ali tornando mais numerosos.

Em Paris o numero de viajantes transportados pelos caminhos de ferro, metropolitano, omnibus, embarcações e *trams-ways* representa para cada habitante cerca de 250 viagens no decurso de um anno, e não só os viaductos e



Um cruzamento de linhas ferreas em Nova-York

subterraneos do metropolitano cruzam as linhas ferreas já existentes, mas em breve estarão construidos tres andares de linhas ferreas subterraneas por baixo da praça da Opera.

Entretanto, em Nova-York trata-se de levar á pratica um projecto ainda mais grandioso. Na intersecção da Sexta Avenida e da Trigessima Segunda rua vão sobrepôr-se cinco vias ferreas, sendo tres subterraneas, uma ao nivel do solo (um *tramway* electrico) e por ultimo um caminho de ferro sobre viaducto.

Existe já n'essa cidade uma enorme

rêde de *tramways* e a rêde não menos importante dos *Elevated*, pelo que não é de admirar que cinco linhas ferreas se sobreponham agora umas ás outras no local indicado. Todas essas linhas, da qual a do plano inferior fica a 16 metros de profundidade, serão exploradas electricamente, e permittirão ir não só a qualquer ponto de Nova-York e seus arredores, rapida e economicamente, mas tambem a qualquer cidade da União, quasi sem mudar de carruagem, pois ficam ligadas ás principaes gares e linhas das differentes companhias de caminhos de ferro.

Para conservar a carne.

Torna-se ás vezes difficil, em certas localidades, a aquisição diaria de carne fresca, e por isso é interessante conhecer um processo extremamente facil de conservar esse producto. Consiste em pendurar a carne n'um pequeno armario ou em qualquer outro espaço susceptivel de fechar-se, e queimar lá dentro uma mecha de enxofre para que os vapores sulphurosos impeçam qualquer alteração. Diz-se que a carne assim conservada não adquire mau gosto e é absolutamente inoffensiva. O processo é facil e economico, e por isso todos a quem elle interessa poderão experimentar a sua efficacia.

Quando um amor é perfeito
Ninguém o póde occultar;
A gente guarda-o no peito
Para o trahir n'um olhar.

Saudade é magna que arrasa,
Dôr que nos lembra o que esquece...
Saudade é chamma que abrasa,
Que o pranto não arrefece!

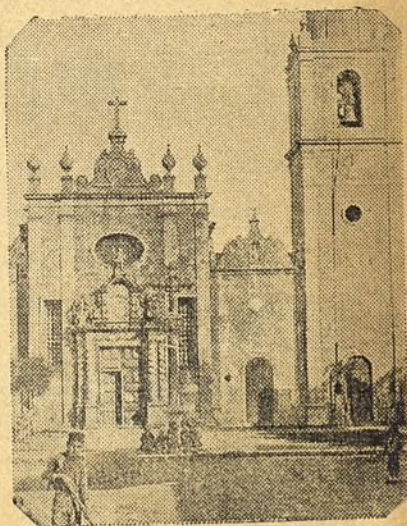
Ha na vida uma balança
Com duas conchas eguaes;
Se a que sóbe leva a esperanza,
Na outra a dôr pesa mais.

Amar é ser levado a ter prazer no bem ou na felicidade do ente amado.

LEIBNITZ.

O amor é um habil oculista: sabe encurtar as distancias e embellezar as perspectivas.

MADAME DUSSILHET.



Aveiro—Egreja de S. Domingos

Cream **of wheat**

*E' sem duvida o melhor cereal que até hoje tem
entrado no nosso mercado, não só por ser um
ALIMENTO COMPLETO para qualquer organismo,
creanças e adultos, como por ser também de
facil digestão e d'um paladar de tal modo agra-
davel que faz que se deseje mais, depois de o ha-
ver experimentado uma vez.*

Cream **of wheat**

*E' uma felicidade para os velhos, para as crean-
ças e para os doentes, especialmente para os
diabeticos, por ser um producto que contém gran-
de quantidade de GLUTEN.*

Cream **of wheat**

AS PESSOAS QUE SOFFREM DE

DIABETES, ANEMIA, DYSPEPSIA
DIGESTÃO DIFFICIL, PRISÃO DE VENTRE
DEBILIDADE GERAL

ENCONTRARÃO NO

CREAM OF WHEAT

o melhor elemento para uma boa disposição. E' o alimento mais nutritivo que a sciencia conhece. Póde preparar-se todos os dias de fôrma diversa, e todos os dias o seu bello paladar agradará cada vez mais.

Um bom almoço

Um lunch agradável

Uma sobremeza deliciosa

PREÇO 300 RS.

A' venda em todos os estabelecimentos de generos alimenticios

UNICO REPRESENTANTE E DEPOSITARIO

M. L. DE MELLO

Largo de S. Julião, 12, 1.^o — LISBOA

A palmeira-leque ou a arvore do viajante

Uma das mais curiosas e bellas variedades de palmeiras é por certo a palmeira-leque, que os inglezes denominam *Traveller's palm*, palmeira ou arvore do viajante. Abundam nos tropicos, principalmente nos paizes malaios, Madagascar, Malacca, Sumatra, Java, Timor, etc.

Admiravel o aspecto de tres formosos exemplares que todo o viajante, que desembarca em Singapura, contempla no caminho do caes para a cidade, ostentando-se no cume de um outeiro como tres ventarolas colossaes cuja altissima silhueta se desenha no fundo azul do ceu.

Tambem na cidade de Dilly, capital da Timor portugueza, se vê um formoso

so, posto que pequeno exemplar da palmeira-leque, cuja gravura acompanha

o presente artigo. Como se vê, a folha lembra a da bananeira. Offerece esta arvore uma propriedade singular que lhe fez dar o nome de *palmeira do viajante*. Na intersecção de cada um dos ramos com o tronco faz-se uma incisão, e logo rebenta um jacto de agua limpida e saborosa, em quantidade mais que sufficiente para saciar o viajante, que se quizesse buscarva atravez do sertão onde mitigar a sede. Por isso é abençoada por todos esta linda arvore, que, na sua fórma

de leque, está como que offerecendo-se para refrigerar-nos.



Dilly—Palmeira leque

DIMENSÕES DAS VAGAS

A repartição hydrographica de Washington, tendo-se occupado do assumpto, bastante controvertido, das dimensões das vagas, verificou, em seguida ás observações e medições feitas, que as grandes vagas ordinarias do Atlantico tem, em media, a altura de 9 metros, enquanto que as que são levantadas por fortes tempestades chegam a attingir 12 metros, e até, n'algumas occisões, 14^m,50. As maiores vagas tem ás vezes uma extensão de 150 a 180 metros, com um periodo de 10 a 11 segundos de duração, e, excepcionalmente, chegou a notar-se uma de 800 metros n'um periodo de 23 segundos. Em geral, quanto mais extensa é a vaga, menor é a sua altura em relação ao seu comprimento.

Supplicios mysticos na Índia

São bem conhecidas as praticas supersticiosas, qual d'ellas mais extravagante, a que se entregam os fakirs.

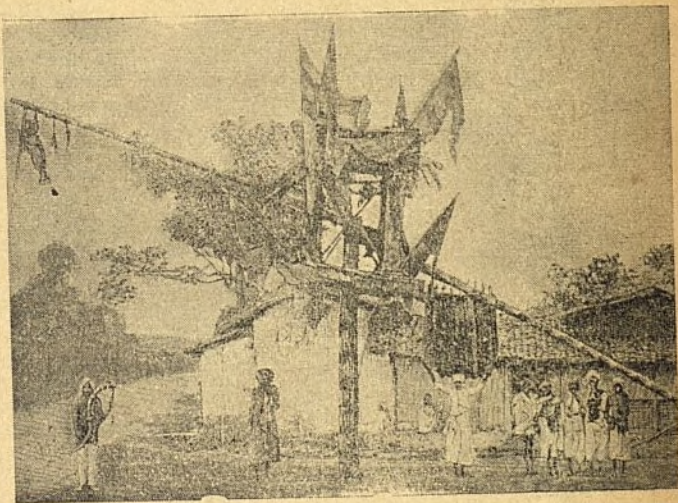
Sem fallarmos n'outros, determinados apenas pelo desejo do suicidio, em que, por exemplo, sob pretexto de religião, os adoradores de Vichnú se lançam debaixo das rodas do carro sagrado para alcançar o paraizo, ha uma que é um verdadeiro supplicio, e tão repugnante que o governo inglez tem empregado todos os esforços para prohibi-la.

Esse supplicio, minuciosamente descrito por Edgar Thurston em livro que publicou sobre a Etnographia da India Meridional, foi pelo mesmo escriptor denominado *Hook-swinging*, isto é, suspensão em gancho, e constad as quatro seguintes operações: 1.ª, introdução nas costas ou ilhargas do paciente, de dois ou tres fortes ganchos de ferro; 2.ª, suspensão da victima á extremidade de um mastro por meio de cordas amarradas aos ganchos; 3.ª, elevação do mastro sobre um cavallette onde oscilla como um baloiço; 4.ª, suspensão do mastro pelo meio e movimento de rotação d'elle em volta do ponto de apoio ou suspensão.

A cerimonia pôde variar consoante as épocas e as localidades, mas as qua-

tro phases do sacrificio são invariavelmente as mesmas. Em todos os casos é o desgraçado erguido no mastro e gira tres, quatro e até doze vezes como em funebre carrossel.

E isto á vista de todos que, ao mesmo tempo que elevam louvores á divindade, contemplam entusiasmados a exhibição barbara e selvagem d'um companheiro suspenso por ganchos de



O «Hook-swinging»

ferro que lhe atravessam as carnes. Mas ha mais, segundo uma testemunha ocular que assim descreve o espectaculo: «Da cidade sae uma chusma que se dirige para o campo, ao lugar do supplicio. Ahi é então em arvores que estão pregados os ganchos. Muitos d'esses infelizes cravam no lombo esses ganchos e ficam pendentes uns durante uma hora, outros duas, outros mais ainda, até que o peso do corpo lhes rasgue as carnes; e só então os tiram

dos ganchos para evitar que venham a terra. O que mais surprehende é não ver sahir d'aquellas feridas nem uma gotta de sangue; dir-se-hia que era no estado de hypnotismo ou catalepsia que elles soffriam serenamente o horrivel supplicio. E dois dias depois ficam inteiramente curados por meio de reme-



Outro aspecto do «Hook-swinging»

dios que os seus brahmanes lhes ministram.»

Outra testemunha da repellente cerimonia, em Royapettah, districto de Madrasta, refere:

«Era impossivel contemplar a triste victima da superstição, lamentavelmente suspensa, sem nos sentirmos dominados pela mais terrivel angustia. Não eram tanto os soffrimentos do paciente que me impressionavam, mas a idéa

de que aquellas carnes iam ser rasgadas pelo peso do corpo e que o homem, cahindo de uma altura de trinta a quarenta pés, ia despedaçar-se no chão. Assim, por sua propria destruição, por sua morte, ia elle consummar o sacrificio supremo da propria vida em honra das divindades infernaes.»

Muitas vezes tal cerimonia não passa de um habil estratagemma para disfarçar um suicidio. E' um facto que re-alta dos *Relatorios do governo de Madrasta*, publicados desde o anno de 1854. D'esses relatorios deprehende-se tambem que, desde essa epoca, a pratica de tal supplicio se vae tornando cada vez mais rara. Apenas n'alguns districtos subsiste ainda, além de que, como acima dizemos, o governo inglez tem tomado severas providencias para prohibir taes ceremonias que sómente estimulam á crueldade e ao suicidio. Citam-se até numerosos accidentes. No districto de Salem, em 1852, morreram dois pacientes pela brusca ruptura do mastro d'onde pendiam.

A suspensão nos ganchos representava tambem uma penitencia para apaziguar a divindade, quando algum flagello assolava as povoações, durante as epidemias do cholera, por exemplo. Então os Paraiyanos organizavam a funebre cerimonia que, n'alguns districtos, como

o de Canará, era combinada com uma verdadeira hecatombe de grande numero de animaes, como carneiros, porcos e aves. Viam-se homens, mulheres e creanças correndo em tropel, soltarem gritos de alegria assistindo ao morticínio dos animaes, ouvindo seus gritos de agonia...

E' notavel a impassibilidade e até a alegria com que alguns d'esses supplicados soffrem aquella horrivel tortura.

Conta Sonnerat, na sua *Viagem ás Indias Orientaes e á China*, que é para obter os favores da divindade sanguinaria, a deusa Kali, que os fiéis consentem em cravar nas carnes aquelles formidáveis ganchos de ferro que lh'as dilaceram atrozmente.

Esses ganchos estão fixos na extremidade de compridos bambus, assentes no alto de um mastro de 20 pés d'altura. Carregando no extremo opposto do bambu acha-se a victima levantada aos ares.

Depois faz-se girar o hediondo carrossel tantas vezes quantas a victima deseja. O desgraçado leva quasi sempre comsigo uma espada e um escudo, e durante a penosa evolução executa os movimentos de defeza e ataque d'um guerreiro que combate.

A despeito das horribes torturas que soffre, deve mostrar-se alegre; mas selho escapa a mais pequena lagrima, que lhe denuncie o soffrimento, é expulso da respectiva casta, facto que aliás algumas vezes succede.

Antes de o suspenderem ministram-lhe uma bebida inebriante que lhe produz uma tal ou qual anesthesia, capaz de lhe fazer encarar o supplicio com verdadeira indifferença.

Os brahmanes não assistem a estas cerimoniaes, ás quaes vôtam o mais profundo desprezo, tanto mais quanto os

supersticiosos devotos do espectaculo pertencem ás mais baixas classes sociaes, e os brahmanes consideram-os



A cravação do gancho nas costas do paciente

como fazendo parte das castas infimas.

Felizmente o governo inglez prohibe taes scenas de barbaria e a policia castiga severamente a infracção dos regulamentos publicados sobre o assumpto.

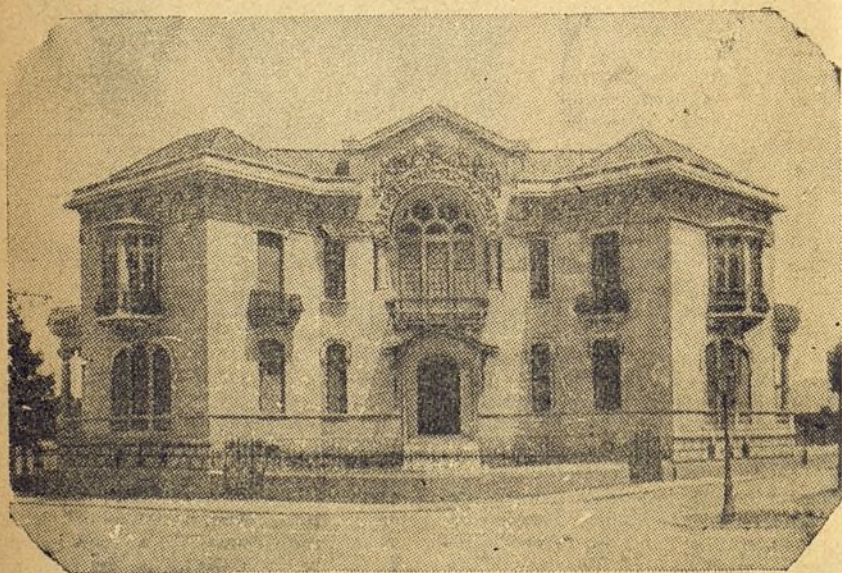
Um serviço d'incendios modelar

O serviço de incendios que existe em Munich tem uma organização por tal modo pratica que o torna verdadeiramente modelar. E' desempenhado por bombeiros profissionais e bombeiros voluntarios, subordinados a uma

auctoridade commum. Os primeiros são em numero de 166, com tres officiaes, e os segundos constituem uma brigada de 825 homens, divididos em onze secções, cada uma com a sua estação particular, havendo mais duas secções su-

burbanas. Aos domingos, em que os voluntarios, como é natural, se entregam aos seus passeios e distracções, indo para pontos mais ou menos distantes, constitue cada secção um posto de vigilancia de sete homens. Normalmente as secções de voluntarios só teem que acudir aos incendios que occorrem nas suas respectivas areas; mas, quando algum fogo attinge grandes proporções, todas ellas accorrem a prestar os seus serviços. Ha nas diferentes ruas de Munich, cidade de 520.000 habitantes, nada menos de 825 postos para aviso d'incendio, e, além d'isto, nos campanarios das principaes egrejas sentinelas attentas vigiam durante a noite para darem o signal d'alarme logo que se manifeste algum clarão suspeito. Quanto ao material, comprehende elle osapparelhos vulgares e um certo numero de automoveis, mas o mais inte-

ressante é a viatura especial destinada a acudir aos desmoronamentos, a edificios que ameaçam ruina, etc. Esta viatura, extremamente leve, mas de grande resistencia, transporta ao local em que o accidente ocorre uma porção de vigas de madeira para escoras, cabos, escadas, roldanas, alavancas e correntes. De resto, o serviço d'incendios em Munich superitende em especial na solidez dos edificios particulares, sendo submettidos ao seu exame todos os projectos de construcção de novas casas, com recurso, entretanto, das suas decisações para o ministro do interior. Pode tambem ordenar, nas mesmas condições, medidas de precaução a adoptar nas casas já existentes, sendo por isso que os officiaes da brigada profissional são submettidos a exames d'architectura antes da sua admissão no corpo.



Residência da sr.^a viscondessa de Valmór, na Avenida Rissano Garcia — Projecto do architecto Ventura Terra que obteve o primeiro premio instituido pelo visconde de Valmór

VIERLING & C.^A L.^{DA}

44, RUA DO ARSENAL, 46

1, Esquina do Pelourinho, 3

● ● ● ● LISBOA ● ● ● ●

Cambio

PAPEIS DE CREDITO

Sacca sobre todas as principais praças de Hespanha e mesmo sobre muitas povoações pequenas. Compra saques sobre o estrangeiro.

Desconta todos os juros nacionaes e estrangeiros vendidos e a vencer.

Sacca e desconta letras sobre o Porto, Coimbra e diversas terras do paiz.

Satisfaz com a maxima promptidão todos os pedidos de loterias que venham acompanhados das suas respectivas importancias. Com-

Loterias

pra e vende inscrições e obrigações do Estado, acções de bancos, acções e obrigações de companhias e fundos hespanhoes.

CAMBIO LO-
TERIAS

PAPEIS DE
CREDITO

Esta casa compra e vende sempre pelos melhores preços do mercado: todas as moedas nacionaes e estrangeiras em ouro, prata e cobre; todas as notas dos bancos de Hespanha, França, Inglaterra, Allemanha, Italia, Austria, Hollanda, Suecia, Noruega, Belgica, Suissa, Estados Unidos da America do Norte, Brazil, Republica Argentina, Africa do Sul, etc.

Endereço telegraphico:

STERLING — Lisboa

VIERLING & C.^A L.^{DA}

44, RUA DO ARSENAL, 46

1, Esquina do Pelourinho, 3

● ● ● ● LISBOA ● ● ● ●

Campanha contra a viviseccção em Inglaterra

Apesar de tudo quanto se tem dito e escripto contra a viviseccção, inspirado no sentimento da compaixão que os animaes nos devem merecer, está hoje geralmente reconhecido que todos os soffrimentos e torturas a que os homens de sciencia submettem esses pobres seres tem sido dos mais proveitosos resultados para a humanidade, contribuindo em grande parte para os progressos que, nos ultimos annos, incontestavelmente tem feito a arte de curar.

Por tal motivo operou-se em geral uma verdadeira reacção contra um sentimentalismo considerado pueril. Na Inglaterra, entretanto, persiste-se n'uma encarnizada campanha contra a viviseccção e os seus adeptos, e, tanto na imprensa como em reuniões publicas, fulminam-se terribes accusações contra os cirurgiões e physiologistas inglezes, affirmando que elles se comprazem em torturar os animaes, e que nunca a viviseccção contribuiu para o menor progresso da sciencia.

Existe até n'aquelle paiz uma poderosa liga «anti-viviseccionista» que recorre a todos os meios—taes como brochuras, jornaes, affixação de cartazes e comícios publicos—para fazer a propaganda das suas ideias. E entendendo que esta propaganda era ainda insufficiente lançou mão de outras armas:—o bronze e a pedra.

De facto, a referida liga inaugurou ha pouco tempo, com grande pompa, o

monumento que a nossa gravura representa—uma estatua que immortalisa um pobre cão, sem nome e sem dono, que a viviseccção victimou.

Eleva-se este monumento, unico no seu genero em todo o mundo, na praça de Latchmere, em Battersea, um dos bairros mais populosos da capital ingleza. No pedestal, de marmore e granito, vêem-se duas inscripções em extremo aggressivas, como se reconhecerá pela seguinte traducção de uma d'ellas:

«A' memoria do podengo castanho—morto no laboratorio do University College em fevereiro de 1906, depois de ter soffrido as torturas de uma viviseccção que se prolongou durante mais de dois meses. O desgraçado passou de mão em mão, entre os vivisectores, até que a morte se compadeceud'elle.»

A outra inscripção completa esta dedicatória, declarando que o monumento é igualmente consagrado «á memoria dos 232

caes viviseccionados n'um anno no mesmo estabelecimento.»

Como é facil suppôr, a erecção d'esta estatua, e sobretudo o libello contido nas suas inscripções, causaram viva emoção no corpo medico inglez. Os estudantes do University College fizeram saber a intenção em que estavam de demolir tão extravagante monumento, mas a liga tomou precauções, encarregando alguns guardas de vigia-lo dia e no te.



O monumento de Battersea

De quando data a independencia do Brazil

O Rio de Janeiro capital da monarchia portugueza por espaço de 12 annos

Se bem que realmente o Brazil não houvesse proclamado a sua independencia senão em 1822, é certo que não falta quem date esse facto nacional do anno de 1808, com o seguinte fundamento:

Em 7 de março de 1808 aportou ao Rio de Janeiro a familia real portugueza, encerrando-se então para o Brazil a epocha colonial.

Desde então até 1821 passou o Rio de Janeiro a ser a capital da monarchia portugueza, constituída em 16 de dezembro de 1815 em *Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves*.

Quando no dia 26 de abril de 1821 regressou D. João VI a Portugal, deixou ali como regente do reino do Brazil o principe real D. Pedro, começando este a governar com um ministerio em que havia um «Ministro e Secretario de Estado do reino do Brazil e dos Ne-

gocios Estrangeiros». Logo no anno seguinte, antes de proclamada a independencia, o principe regente nomeou varios Encarregados de negocios e consules do Brazil para a America e para a Europa, sendo esses decretos assignados pelo conselheiro José Bonifacio de Andrade, como ministro dos negocios estrangeiros.

Não deixam, portanto, de ter sua razão os que pretendem datar de 1808 a independencia do Brazil, que então deixou de ser colonia, pois o que houve em 1822 foi a separação definitiva do reino do Brazil do de Portugal e Algarves e a proclamação do novo imperio que, desde 1808, em um manifesto celebre, dirigido ás nações amigas, D. João annunciara que tinha ido fundar.

Ha por isso quem pense em celebrar em 1908 o centenario da fundação da nacionalidade brasileira.

Um novo tricyclo nautico

Desde que se inventou o velocipede, numerosas tentativas se tem levado a effeito com o fim de applicar o systema d'aquella machina á navegação fluvial. Entre ellas citaremos, como a mais recente e a de mais satisfactorios resultados, a de um inventor americano, John Mitchell, cujo apparelho consiste n'um quadro de bicycleta que assenta sobre tres cylindros com a fórma apparente de barcos.

De metro e meio de comprimento, estes cylindros são impermeaveis á agua e construidos de delgadas taboas de cedro, cobertas de um induto especial.

As primeiras experiencias, realisou-as o proprio inventor na North Ri-

ver, em Nova-York, e foram completamente satisfactorias. Como, porém, o sr. Mitchell não seja um cyclista pratico, apesar de todos os esforços que empregou, as suas pernas, mal adestradas, não lhe permittiram a velocidade que tinha previsto.

Lembron-se então de recorrer aos serviços de uma acrobata que por essa occasião maravilhava o publico de uma casa de espectaculos executando em scena, sobre a sua bicycleta, as mais difficeis e complicadas evoluções.

A artista accoitou com enthusiasmo a nova occasião que se lhe offerecia de se cobrir de gloria, e, depois de alguns ensaios preliminares, effectuou uma experiencia publica na presença de

sete ou oito mil espectadores, que se apinhavam nos caes.

Lançou o tricyclo nautico na doca da Batherie, na bahia interior de Nova-York. Primeiramente descreveu varias curvas e circulos na agua tranquilla, mas depois encaminhou-se em linha recta para a Ilha do Governador, attingindo facilmente uma velocidade de 9 kilometros á hora. Em seguida a tão concludentes experiencias, que tinham durado quarenta e cinco minutos, a artista retrocedeu e veio desembarcar no caes, saudada pelos calorosos applausos da multidão entusiasmada.

Na semana seguinte foi renovada a experiencia no mar. Transportou-se

n'um vapor a mais de 3 kilometros de distancia de Coney Island, e, lançando o seu app' relho á agua, alcançou facil-



O tricyclo nautico

mente a praia, apezar das vagas e das diversas correntes contrarias terem contribuido bastante para lhe retardarem a marcha.

OS VESTIDOS DE CAUDA

No ponto de vista decorativo, o vestido de cauda é sem duvida de um bello effeito, quando trajado por uma senhora elegante e distincta. Constitue a *toilette* de gala obrigatoria nas solemnidades da corte e nas grandes festas e recepções, e com razão, porque o aspecto da seda ou do velludo, descendo da cintura a rastejar no chão, é innegavelmente ente rico e magestoso.

Teem portanto os vestidos de longa cauda o seu logar nos salões, mas deviam ser inteiramente banidos das ruas, onde entretanto é frequente vê-los a varrerem as poeiras e a arrastarem consigo as immundicies da via publica.

E' certo que nem todas as senhoras quererão sujeitar-se a trazer vestidos

curtos, embora a actual divulgação dos *sports* tenda a implantar essa moda em todas as edades e em todos os paizes. Mas entre o vestido curto e o vestido roçagante, ha sem duvida larga margem para poder adoptar um meio termo, em que conjunctamente sejam accatados o asseio, a hygiene e a elegancia.

E' consideravel a influencia das poeiras na propagação das doenças infecciosas, e não podem as senhoras, que gentilmente varrem as ruas com os seus vestidos, duvidar de que levam consigo, para suas casas, uma infinidade de germens morbidos. Encontram-se nas poeiras das ruas todos os microbios existentes, desde o mais frequente, o bacillo do tetano, até aos ba-

olhos da diptheria, da tuberculose e outros igualmente perigosos. Poderá allegar-se que, nas ruas e estradas sem regas frequentes, o vento, os vehiculos em andamento rapido, e entre estes, sobretudo, o moderno automovel, levantam nuvens de poeira; mas são turbilhões que passam e que nem sempre nos attingem directamente, enquanto que os vestidos impregnam-se e conservam até ao domicilio todas as impurezas de que se carregaram durante o passeio.

Em nome da hygiene, muitas municipalidades estrangeiras teem protes-

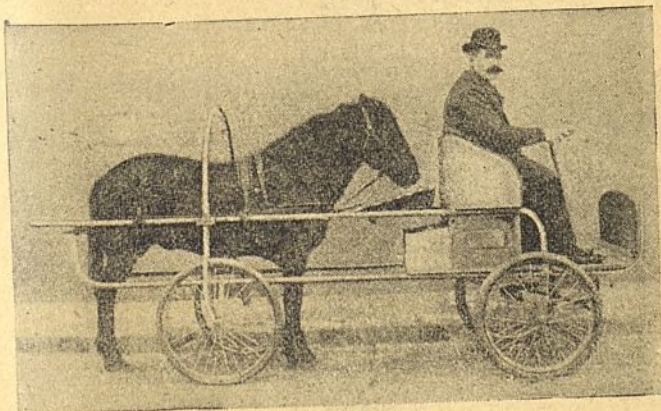
tado contra o uso, na rua, dos vestidos de cauda, chegando até algumas d'ellas a prohibi-lo sob pena de multas e de processos instaurados ás delinquentes, como succede em Budapesth, Nordhausen e Praga. Não nos parece que deva ser missão das municipalidades interferir em modas femininas, coarctando a liberdade de uso de tal ou qual traje; o que se deve é diligenciar convencer as senhoras, em nome da saude publica, a que renunciem a usar na rua os vestidos de cauda, evitando assim os inconvenientes e perigos que de tal uso resultam.

O AUTO-HIPPICO

Denomina-se assim um novo systema de tracção animal em que se inverte a ordem a que estamos habituados, por-

maticos, tendo á frente uma cadeira semelhante á de uma carruagem automovel de dois lugares. O cavallo, como

acima dissemos, vaenaparte trazeira, no interior do caixilho, e a sua intervenção consiste apenas em impellir o vehiculo. A direcção, dada por um volante, actua sobre as rodas da frente. O conductor tem á sua disposição um pedal com que acciona duas esporas collocadas junto aos ilhaes do cavallo e por meio



O auto-hippico

quanto o cavallo é atrellado na recta-guarda do carro.

O auto-hippico é de uma extrema simplicidade. Consiste n'um caixilho assente sobre quatro rodas com pneu-

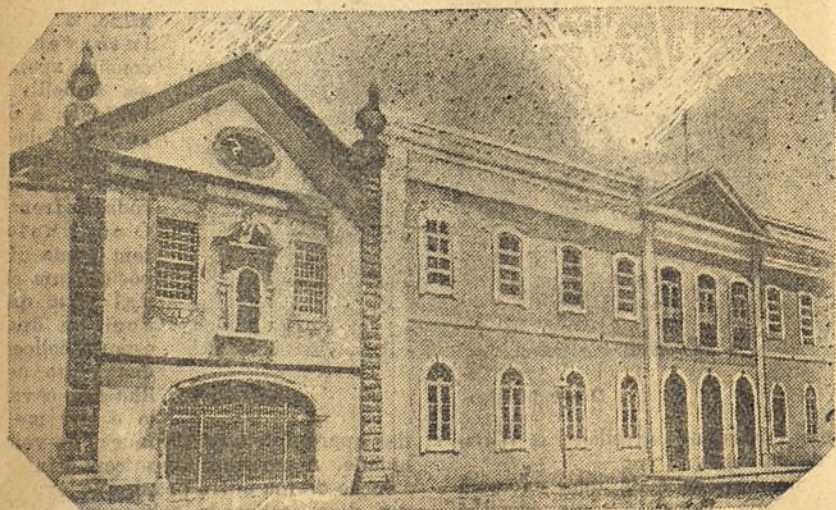
das quaes obtem as mudanças de velocidade. A paragem faz-se com a intervenção de um outro pedal, que levanta um disco collocado sob as ventas do animal.

O arreo d'este consiste n'uma coelheira, ou, com preferencia, n'uma correia que lhe passa em volta do peito, á qual se ligam os tirantes, que vão prender na retaguarda do caixilho. Rodeia o corpo do cavallo uma sobre-silha ligada á silha mestra, larga correia afivelada dos lados do caixilho e que impede o cavallo de cahir. Na cabeçada ha uma correia ligada a um pedal, sobre o qual se carrega quando se quer que o cavallo retome o passo depois do trote ou pare. Emfim o disco de paragem, formado por uma tela presa n'uma moldura, pode igualmente tambem servir de mangedoura durante os descansos.

O cavallo, reduzido a impellir o vehiculo, nenhuma resistencia pode oppôr nas voltas e obedece facilmente á direcção visto que as rodas trazeiras adherem forçadamente ao solo por effeito da tensão da silha mestra em que constantemente o ventre do animal vae apoiado, e que pôde ser tão larga que o abranja inteiramente. Nas descidas, como o vehiculo é arrastado pelo proprio pezo, podem attingir-se velocidades de 50 kilometros á hora. A silha mestra

manobra-se por meio de uma alavanca, não sendo em nenhum caso o conductor obrigado a apelar-se.

A parte mechanica é construida de aço com rolamentos sobre esferas e pesa approximadamente 100 kilogrammas. Affirma o inventor que um cavallo ordinario pode percorrer diariamente, com este vehiculo, 60 a 100 kilometros. Em summa, o papel do cavallo n'esta originalissima concepção fica reduzido ao de um simples motor. Nada tendo que vêr com a direcção do vehiculo, foi-lhe supprimida uma parte do arreo habitual, como freio, redess e outros diversos accessorios, o que não pôde ser indifferente ás sociedades protectoras dos animaes. A vontade do cavallo, porém, fica eliminada, o que, na opinião de algumas pessoas, é um serio inconveniente, porque muitas vezes o animal sabe conduzir ao seu destino o homem, quando este só por si não é capaz de o conseguir. Chegar-se-hia, portanto, com a generalisação de tal systema, a anniquillar a intelligencia dos cavallos e a reduzi-los ao estado de machinas, o que é contrario ao progresso.



Figuetra da Foz — Convento de Santo Antonio e Hospital da Misericordia
Ayuntamiento de Madrid

vanea,
ductor

ida de
eras e
gram.
am ca-
diaria-
100 ki-
cavallo
o fica
. Nada
o vehi-
arta do
deas e
ne não
les pro-
e do ca-
que, na
m serlo
vezes o
destino
por si
gar-se-
ação de
elligen-
estado
ao pro

J. G. PEIXINHO & F.^{os}

Jardim de Lisboa

RUA NOVA DO CARMO, 49

TELEPHONE 1696

Flores naturaes nacionaes e estrangeiras

*Executam-se todas as encomendas feitas
com antecedencia para qualquer ponto do paiz.*

Recebe 3 vezes por semana
flores de NICE vindas pelo *Sud-Express*

Agua de Cintra e Caneças

Peixes para aquarios



GRANDE DEPOSITO de moveis
de ferro e colchoaria. Obra
de folha e zinco. Lava-
torios.

COFRES E FOGÕES

José A. de C. Godinho



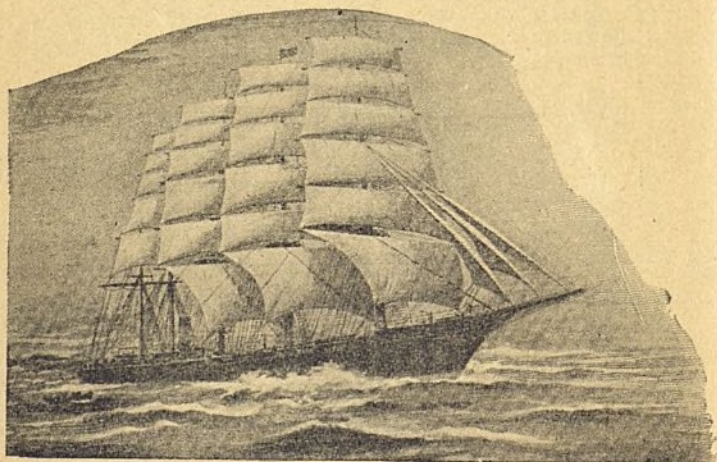
LISBOA

54, Praça dos Restauradores, 56

A AGONIA DO NAVIO DE VELA

É frequente ouvir dizer que a natureza poz á nossa disposição forças gratuitas que facilmente podemos utilizar, taes como o vento e as quedas de agua; mas a verdade é que a captação d'estas forças, a sua apropriação, custa em geral carissimo. Pelo que em especial diz respeito ao vento, como é ex-

mente, a agonia do navio de vela começou da maneira mais manifesta. Como acontece no dominio da biologia, este organismo—o veleiro—attingiu o seu pleno desenvolvimento, augmentando constantemente de proporções, até chegar ao momento da sua decrepitude. Em todos os paizes se comprehendem



•Richmers•

tremamente inconstante, nunca se póde contar com o seu auxilio, e foi por isso, para libertar a navegação dos seus caprichos, que se imaginou o navio a vapor.

Emquanto a machina a vapor não foi aperfeiçoada, de fórma á assegurar á propulsão economica dos navios, a navegação conservou-se, em parte, fiel á antiga vela, a qual, entretanto, ainda hoje tem defensores acerrimos, que não comprehendem que se paga carissimo a pretendida economia d'esta força motriz, por effeito da sua irregularidade, e, consequentemente, da lentidão que do seu emprego resulta para as viagens.

Póde, comtudo, affirmar-se que, actual-

a construcção de grandes navios de vela, e, principalmente, uma casa alemã e uma casa franceza tentaram a creação de uma frota d'estes barcos, extremamente interessantes no ponto de vista technico. Os constructores francezes Bordes lançaram successivamente á agua veleiros de quatro e cinco mastros, como o *Dunkerque*, o *Turapaca*, o *France*, etc. Este ultimo tinha o comprimento de 114^m,60 e uma largura de 15^m,05 e podia transportar um peso de 6.160 toneladas. Era, por consequente, muito differente dos famosos *clippers* americanos, dos quaes um dos mais celebres foi o *Great Republic*, que entretanto só tinha 99^m,77 de comprimento, sendo a sua tonelagem um pou-

co infer
Por ou
Bremer
leiros d
tre a E
te emp
mas tou
ses bar
brado p
varias
ros Bor
Seja
ruegue
ção á
procur
veleiro
de din
vels, o
meno
sim v
ameri
mento
Richm
5.540

Na
exce
mas
não
conh
frim
pria
H
preh
e da
N
não
d'un
lose
vão
ver
gim
do-
tal
our
da
sem
pto

co inferior á que deixamos indicada. Por outro lado a casa Rickmers, de Bremerhaven, tem ha longos annos veleiros do mesmo genero a navegar entre a Europa e a India, e especialmente empregados no transporte de arroz; mas tem perdido um certo numero d'esses barcos, que parece terem-se quebrado pelo meio, tendo succedido por varias vezes egual desastre aos veleiros Bordes.

Seja como fôr, e ao passo que os noruegueses, outr'ora tão fieis á navegação á vela, se decidem a abandonal-a, procura-se de novo dar importancia ao veleiro, construindo este typo de navio de dimensões ainda mais consideraveis, o que serve a confirmar o phenomeno a que acima nos referimos. Assim vemos o *Th. Lawson*, um navio americano de 120 metros de comprimento, e mais recentemente o *R. C. Rickmers*, cuja arqueação bruta é de 5540 toneladas e tem de comprimento

134^m,40 e de largura 16^m,35. O maior dos seus quatro mastros tem 53 metros de altura acima da ponte, levando toda a mastreação 4500 metros quadrados de panno. Ha entretanto um pormenor que não se deve esquecer. O *Rickmers* é dotado de uma machina de triplice expansão e de 1.000 cavallos de força, que põe em movimento uma helice, o que equivale a reconhecer que a vela só por si é incapaz de satisfazer ás exigencias do commercio moderno. E se bem que a helice esteja disposta por forma a poder o barco navegar só com o auxilio das velas, é evidente que este gigantesco veleiro é apenas um navio mixto. Entretanto, o abandono do velame nos navios a vapor mostra precisamente os defeitos d'esta combinação mixta; e, depois d'este ultimo esforço, o veleiro passará a ser definitivamente uma reliquia do passado, sendo a sua decadencia auxiliada pelo automobilismo no que respeita a barcos mais pequenos.

A imaginação e as doenças

Não ha talvez quem não tenha, por excesso d'apprehensão, sentido symptomas de doenças geralmente graves e não tenha perseguido medicos do seu conhecimento com a descripção de soffrimentos que só existem na sua propria imaginação.

Ha doenças muito peculiares aos apprehensivos: são as doenças do coração e das vias respiratorias.

Não ha estudante de medicina que não tenha desconfiado de ser portador d'uma lesão cardiaca ou d'uma tuberculose incipiente. A' medida que os olhos vão passando, no tratado, sobre os diversos caracteres da molestia, a imaginação vae trabalhando e apropriando-se do que o espirito assimila; e por tal forma—no dizer de um medico hoje curado d'essas «manias»—que no fim da leitura ha muito quem chegue a sentir, sem faltar um só, todos os symptomas da doença acabada d'estudado.

Mas, fóra das pessoas que mais de perto privam com as enfermidades, não é raro encontrar individuos que se queixam de dores muito bem definidas e localisadas, características d'uma lesão que afinal só na imaginação existe.

O que é certo, contudo, é que nem todos os individuos que se lamentam falsamente, mas com intima convicção, são simples apprehensivos. Ha uma classe de verdadeiros doentes, que se queixam de males diversos d'aquelles que de veras os atacam, mas que são dignos de lastima pelo soffrimento real que a imaginação lhes acarreta: são os neurasthenicos com phobias.

Em casos d'esta ordem não bastam os sorrisos de mofa dos amigos, nem as distrações são sufficientes para apagar do espirito do doente a imagem da sua falsa enfermidade.

Tem de procurar-se todos os meios de prova para convencer o infeliz de

que se engana, e que tudo quanto sente resulta do desconcerto dos seus nervos, os unicos que estão exigindo, realmente, um tratamento a sério.

A suggestão conta innumeradas curas d'esta natureza; mas o tratamento da neurasthenia é o que está, na maior parte dos casos, indicado.

Fóra da necessidade urgente d'interferencia medica, as familias devem, logo desde o começo, procurar amigos do pseudo-doente, que estejam em condições de melhor conhecer-lhe o caracter, para que dirijam uma campanha persistente contra o mal e o ex-

pulsem do seu reducto: o espirito. E' necessario encontrar-se uma pessoa em quem o «doente» tenha grande confiança, como amigo e como entendedor, e cujas demonstrações e conselhos não pareçam ser arranjados d'commendanda.

São estes uns doentes melindrosos, cujo tratamento, todo moral, reclama muito cuidado, muita paciencia, poder de persuasão e sobretudo muito desejo d'alcançar a cura, o que exige de certo a intervenção d'uma pessoa amiga e, por todos os modos, digna da confiança do doente imaginario.



Cardigos — Egreja matriz

Nomenclaturas extravagantes

REGISTAVA ha tempos um jornal parisiense o facto de ser rara a cidade onde não houvesse designações extravagantes de ruas, cuja origem se perde na noite dos tempos e ficará decerto para sempre ignorada. E cita diversos. Assim, por exemplo, em Amiens ha a rua dos *Corpos nus sem cabeça*; em Lille a rua dos *Gatos marrecas*; em Roubaix, a rua da *Camisa de onze varas*; em Tours a rua do *Macao verde*; em Poitiers, rua do *Rabo de Vacca* e rua da *Pera Cozida*; em Boulogne-sur-Mer, rua *Tanto perde quanto*

paga e rua *Vê lá se chove*; em Moitan rua *Despeja garrafas*; em Angers, rua do *Gasta dinheiro*; em Orleans, rua da *Arca de Noé* e rua da *Cabra que dança*; em Chartres, rua do *Gato fumista*, etc., etc.

Não nós permite o espaço alongar este estendal de extravagante nomenclaturas de ruas. Lembra remos, porem, que cá e lá más fadas ha.

Pois não temos nós, em Lisboa e Coimbra, o becco do *Quebra-Costas*, em Coimbra o *Tinge Rodilhas*; em Lisboa o *Fala Só*, o *Cata-que-farda*, o *Esfolia*

Bodes, a
Almas?

Em V
Atras,
Lamego
costinha
em Setu

Muito
todos os
logares
Malhada
Folles,
Freixo

Freixo

Freixo

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

Q
N
Q
P

espirito.
uma pes-
a grande
no enten-
e conse-
dos d'en-

ndrosos,
reclama-
a, poder-
to desejo
de certo
amiga e,
confiança

Bodes, a Bica do Sapato, o Pote das Almas?

Em Vizeu ha tambem a rua do Volta Atras, e a rua do *Sê-te se pôdes*; em Lamego a rua do *Nico do Mello*, a *Encostinha dos Padres*, a *Villa dos Figos*; em Setubal a rua do *João Gallo*.

Muito nos alongariamos se citassemos todos os nomes exquisitos de ruas, de logares e até de freguezias, taes como *Malhada Sorda*, *Sobral Pichorro*, *Pousa Folles*, *Lavarrabos*, *Maças de D. Maria*, *Freixo de Espada-à-Cinta*, etc., etc.

Quem tiver noiva bonita
Não adormeça na cama.
Quem ama apenas dormita
Porque se dorme... não ama.

Pelourinho.

Denominava-se assim um poste infamante a que antigamente se prendiam os criminosos, para ficarem expostos por algum tempo á vista e aos motejos do povo. Os pelourinhos são de origem feudal. Havia-os de differentes especies: uns consistiam em estacas bastante fortes, que se levantavam no meio das praças publicas, com argolas de ferro para amarrar os condemnados; outros eram em fórma de escada, no alto da qual havia uma golilha, andando o aparelho á roda, movido pelo carrasco, afim de que o reu fosse visto de todos os lados. O pelourinho foi depois substituído pela simples exposição do criminoso n'uma praça publica, e isso mesmo acabou já ha muito em todos os paizes cultos.

○ sol da meia noite

A obliquidade do eixo da terra sobre a ecliptica dá lugar a que, no decurso do anno, a duração dos dias e das noites offereça a maior variedade, desde o dia de 12 horas no equador até ao dia de seis mezes nos pólos.

Entre estes dois extremos os pontos intermediarios mais interessantes, sob o ponto de vista que vae occupar-nos, são os situados nas vizinhanças dos círculos polares, em que, no solstício do estio, está o sol acima do horisonte durante 24 horas.

Ha nos paizes septentrionaes da Europa o costume de todos os annos, na vespera de S. João, ir em romagem a ver o *Sol da Meia-noite*.

Formam-se verdadeiras caravanas que se dirigem ao fundo do golfo de Botnia, fazendo paragem nas povoações de Haparanda e Tornéa, pontos de reunião dos numerosos excursionistas avidos de vêr o curioso phenomeno. N'essas duas povoações, durante cerca de

oito dias, antes e depois do solstício, o sol apenas desaparece por detraz das montanhas que lhes ficam ao norte, para apparecer duas horas depois um pouco mais a leste. Não é pois ahi precisamente que se pôde contemplar o «Sol da Meia noite».

Para o vêr em todo o seu esplendor, é costume fazer a ascensão do monte *Avasaxa*, de 227 metros de altura, situado mesmo nas fronteiras da Russia e da Suecia, proximo do rio Tornéa, a 76 kilometros acima da sua foz.

A partida das caravanas para *Avasaxa* realisa-se na vespera de S. João, o santo dos Laponios, como aliás o é de quasi todos os povos, que o celebram, desde tempos immemoriaes com as tradicionais fogueiras, representação material do Sol, cujo culto é talvez a mais antiga manifestação religiosa que se conhece.

Es é que escreve sobre o assumpto um dos excursionistas:

«No dia 23 de junho pela manhã estava o tempo chuvoso e o céu nublado; pouco depois o dia aclarou e os excursionistas prepararam-se para a partida, que se realizou ás 11 horas.

Ao deixar Haparanda, encontram-se, durante horas, grupos de casas de tijollos vermelhos, choupanas e jardins alinhados ao longo do Tornéa. N'esta margem é o valle do rio largo e baixas as margens; as do lado da Finlândia são um pouco mais elevadas do que as do lado da Suecia. O solo parece pouco fertil, mas é cultivado com esmero.

Causa até admiração encontrar tanto ao norte, a 66 graus de latitude, em todo o percurso desde Haparanda até ao monte Avasaxa, n'uma extensão de 75 kil metros, terras cobertas de bosques, ceareas, jardins, habitações muito asseeladas e habitantes hospitaleiros e affaveis.

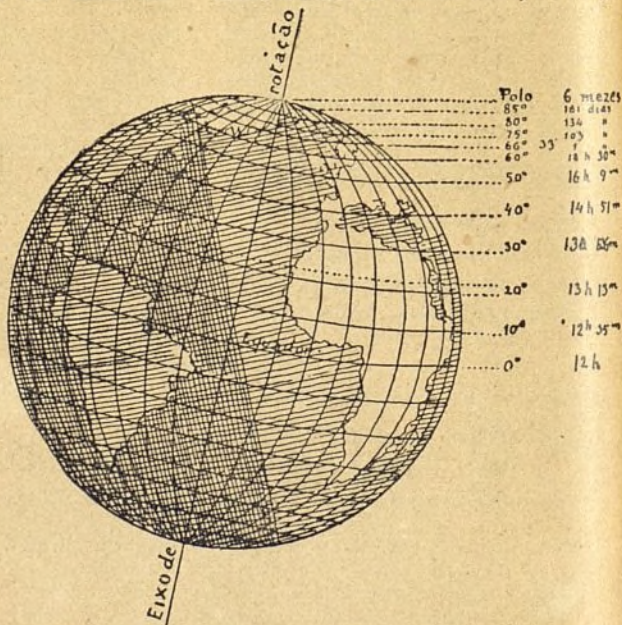
No caminho encontramos grande numero de *touristes* que, como nós, trepavam aquellas encostas para não deixarem de estar á meia noite no alto da montanha. Quanto mais nos approximavamos do ponto desejado, maior era o numero de excursionistas que topavamos; entre elles rapazes e raparigas da Finlândia, Suecia, e muitos tocadores de concertina.

Finalmente attingimos a ultima povoação, a aldeia Mataringi, d'onde se avista o famoso Avasaxa. São dez horas da noite; vê-se a montanha, do cume até á base, illuminada pelo sol.

Ás 11 horas chegámos ao ponto culminante do monte d'onde se desenrola um magnifico panorama. Ao norte vê-se o sol sobre as montanhas de Pa. Inki e

de Tortula, brilhando em todo o seu esplendor. Já numerosos grupos de sessenta a oitenta pessoas entram a acender as fogueiras em honra de S. João, esperando que batam as 12 horas.

Soou emfim a meia noite. Entraram então a tocar as concertinas, e as rapa-



Maxima duração do dia nas varias latitudes terrestres

rigas começaram a organizar os bailes á luz do sol que se via brilhar nos limites do horizonte norte.

Era um espectáculo maravilhoso cuja lembrança se não apagará tão depressa dos nossos cerebros. Calcule-se o que seria para quem, como eu, nunca tinha visto o sol brilhar em plena meia noite. Simplesmente phantastico.

Rapazes e raparigas, saltando as fogueiras, bailando em redor ao som das concertinas e de melodiosos tescantes, animavam o quadro, a tal ponto que eu proprio me senti dominado de maior entusiasmado.

Ceguei a perder a cabeça, desatando aos abraços a minhas filhas que na excursão me acompanhavam, gritando de

o o seu
de ses-
a accen-
S. João,
ras.
ntraram
as rapa-

alegria, pulando de exaltação a ponto tal que me tornei alvo das atenções dos camponeses que assistiam á festa.

O disco vermelho do sol, cujos raios enfraquecidos nos permitiam perfeitamente fixal-o, mantém-se em toda a sua

tão já bastante elevado acima do horizonte, começavam a descer da montanha, seguimos-lhes a custo o exemplo, eu e minhas duas filhas, mas parando a cada passo para apanhar flores, ali muito abundantes e variegadas. As rapariguinhas da terra,

vendo o nosso afan pelos dons de Flora, corriam de todos os lados trazendo lindos exemplares que nós agradeciamos dando-lhes alguns cobses. E tal era o ardor com que nos satisfaziam o gosto que chegámos á hospedaria carregados de flores e alliviados de varias especies de moeda.

Esta pittoresca descripção feita por testemunha ocular do phenomeno alonga-se n'outros pormenores que não reproduzimos para não alongar excessivamente este artigo.

Diremos apenas,

que n'aquella região já se pôde dizer que não anoitece durante oito dias, no solsticio do verão.

Mais para o norte chega-se a pontos onde o dia claro se estende a um mez, dois mezes e mais, até seis mezes, o que se dá no proprio pólo



O «Sol da meia noite» em Avasaxa, Lapónia sueca

integridade acima do horizonte; nunca cheiou a sumir-se a menor parcella do luminoso astro.

A noite está clara, mas fria, e convida-nos a approximarmo-nos das fogueiras.

Cerca das duas horas da madrugada, quando todos, saciados de vêr o sol en-



A lingua universal «Esperanto»

Como se sabe, o *Esperanto* é a lingua que se pretende tornar universal, de modo a conseguir que o homem se faça comprehender em todas as nações do mundo. Pela manifesta qualidade do seu fim, o *Esperanto* tem conquistado numerosos adeptos, sendo já muitas as sociedades que se dedicam, nos diversos paizes, á sua propaganda.

Não pertencendo a um povo, pois se destina a todos, o *Esperanto* é uma lingua extremamente simples. O seu alphabeto compõe-se unicamente dos caracteres latinos conhecidos em todo o mundo, o accento tonico é facil de reter, e n'uma hora todos podem aprender as suas regras grammaticaes.

Sobre esta lingua existem já publicadas muitas obras educativas em

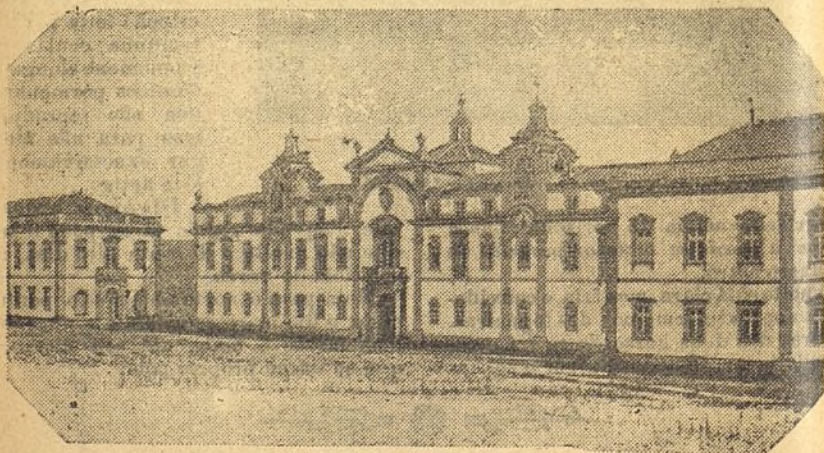
França, na Inglaterra, na Allemanha, na Dinamarca, em Hespanha, na Polónia, em Italia, na Belgica, na Hollanda, e na Bulgaria, havendo, para Portugal e Brazil, um livro intitulado *Primeiras lições de Esperanto*. Publicam-se tambem em *Esperanto* muitos jornaes e revistas, que teem larga extracção tanto na Europa, como na America, na Asia e na Africa, pois em toda a parte do mundo existem hoje esperantistas.

O auctor do *Esperanto*, que tem feito da sua obra uma verdadeira cruzada, chama-se Zamenhof, tem o gráu de doutor, e é cavalleiro da Legião de honra.

A Camara dos Communs d'Inglaterra aceitou já oficialmente o *Esperanto*, tendo o ministro de Instrucção Publica da mesma nação feito alguns discursos

louvando o estudo d'esta lingua internacional; e em França, graças á iniciativa do Conselho Municipal de Paris, foi introduzido o *Esperanto*, a titulo de ensaio e com os mais satisfatorios resultados, nas escolas primarias superiores.

Ha tambem já comerciantes que tratam os seus negocios em *Esperanto*, e em 1905 reuniu-se em Boulogne-sur-Mer, sob a presidencia do dr. Zamenhof, um congresso a que concorreram perto de 2.000 *esperantistas*, os quaes, apesar de pertencerem a 20 nacionalidades diferentes, se entenderam entre si perfeitamente, dando assim a prova mais concludente de que a generalisação d'esta lingua muito contribuirá para facilitar o estreitamento das relações entre os homens.



Seminario de Coimbra

Vinho de figos

Affirma-se que os figos podem dar um vinho que não se parece com nenhum outro e se transforma em alcool de muito bom gosto. Esse vinho ao que parece, possui um sabor summamente agradável, não sendo outra a base de varios vinhos afamados. E' muito rico em ma-

terias phosphatadas e muito pobre, em compensação, em taninos e acidos, qualidades que o tornam recommendavel para a alimentação dos enfermos e das creanças. Quanto aos residuos constituem um excellente alimento para as vaccas leiteiras e para as aves.

O alcool de figos obtem-se facilmente a quarenta e oito graus, podendo empregar-se sem rectificação.

Os figo
vinte a
car, mas
é muito
nho, po
cento.

PEN.

E' um
te em p
ma por
da esta
foi anet
romana.
corão, m
christãs.

na inter-
a inicia-
de Paris,
título de
orios re-
as supe-

que tra-
eranto, e
gne-sur-
t. Zame-
horreram
os quaes,
acionali-
am entre
a prova
neralisa-
atribuirá
o das re-

obre, em
dos, qua-
mendavel
nos e das
constituem
as vacas
acilmente
lo empre-

Os figos frescos não contem mais que vinte e sete por cento de açúcar; mas, uma vez secos ao sol, o que é muito útil para a preparação do vinho, podem chegar a ter oitenta por cento.

PENA DE TALIÃO

É um castigo antiquíssimo que consiste em punir o culpado pela mesma forma por que elle delinquit. Era admittida esta penalidade na lei de Moysés, e foi anetorisada pelas legislações grega e romana. Mahomet introduziu-a no seu Alcorão, mas não está em uso nas nações christãs.

Identificação dos soldados

A identificação dos soldados mortos em batalha faz-se, na Russia, por meio de umas peças metálicas, que cada um traz sempre comsigo. No anverso d'essas peças vêem-se imagens religiosas, e no reverso acham-se gravados o nome e o regimento do seu possuidor.

Em quasi todas as nações do mundo se empregam melos semelhantes de identificação. Na Inglaterra, cada soldado recebe, ao entrar nas fileiras, um pequeno cartão de forma oblonga, com o seu nome e signaes particulares, o qual deve trazer cosido no interior do uniforme.



LAMEGÔ — Templo dos Remedios

Ayuntamiento de Madrid

HONORARIOS MEDICOS

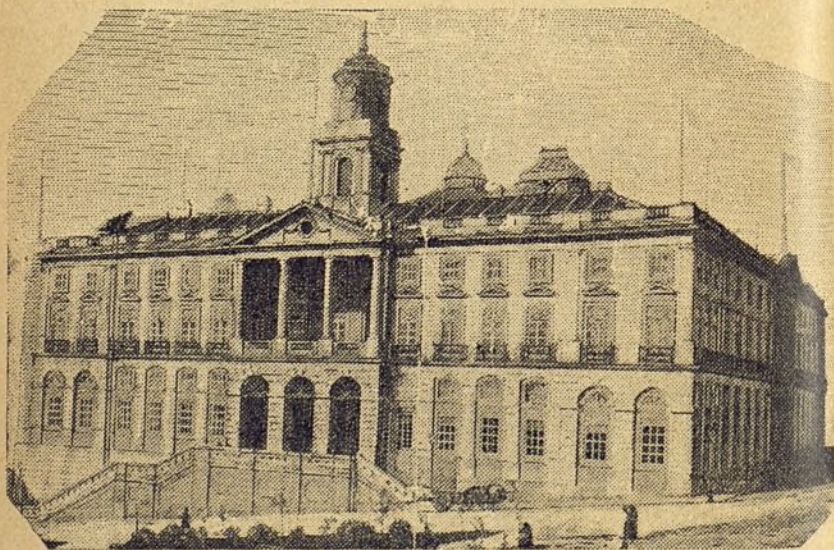
N'alguns paizes, e sobretudo na America, os honorarios medicos attingem por vezes quantias avultadissimas. O cirurgião Loreur recebeu o equivalente a 22:500\$000 réis da nossa moeda e as despesas de viagem pagas, por tratar uma americana rica de uma luxação n'um quadril. Um cirurgião de Philadelphia enviou aos executores testamentarios do senador Maggir uma conta da importancia de 171:000\$000 réis, pelos serviços clinicos prestados ao finado. O professor Keeley, de Baltimore, recebeu durante 21 dias 900\$000 réis por dia, pelo tratamento da mulher de um rico proprietario de minas. Mac Lane Tiffany levou 9:000\$000 réis por uma operação, e Chambers 4:500\$000

réis. Em França o professor Depaul, que foi ao Brazil assistir ao parto da princeza herdeira, cobrou de honorarios 36:000\$000 réis. Igual somma recebeu o dr. Morell Mackenzie pelos serviços clinicos dispensados ao imperador Frederico. Recentemente o celebre cirurgião Doyen recebeu, pelo tratamento de um doente, 18:000\$000 réis, e, em epoca em que o dinheiro tinha maior valor que actualmente, houve tambem medicos que cobraram enormes honorarios, entre elles o cirurgião Dubois, cuja assistencia ao parto de Maria Luiza lhe rendeu, além de titulos honorarios e presentes, a importancia de 18:000\$000 réis.

Bôa resposta

Um Inglez apostrophava de uma occasião os suissos de combaterem por dinheiro,

afirmando que os inglezes só combatiam pela honra. Um suisso que ouvia retorgu-lhe: «Meu amigo, cada um bate-se por aquillo de que tem mais necessidade.



Porto — Palacio da Balsa

Depaul,
parto da
honora-
uma re-
ie pelos
o impe-
e o cele-
pelo tra-
000 réis,
ro tinha
, houve
um enor-
irurgião
parto de
de titu-
nportan-

ombatiam
da retor-
n bate-se
necessidade.

WEARWELL

THE IMPERIAL CYCLES



CASA-VICTORIA

ARMANDO CRESPO & C.

112, Rua do Crucifixo, 114

LISBOA

CYCLES

CASA VICTORIA

Bicyclettes La Gauloise Paris
St. Etienne e Victoria — Bicycletes
inglezas desde 24\$000 rs. Accessó-
rios e concertos de toda a especie

por preços sem competencia • Catalogo illustrado 1906-1907 remette-se gratis
a quem o requisitar • • • **ARMANDO CRESPO & C.^a**
112, R. Crucifixo. 114-LISBOA

ayuntamiento de Madrid

A PRIMEIRA LOCOMOTIVA

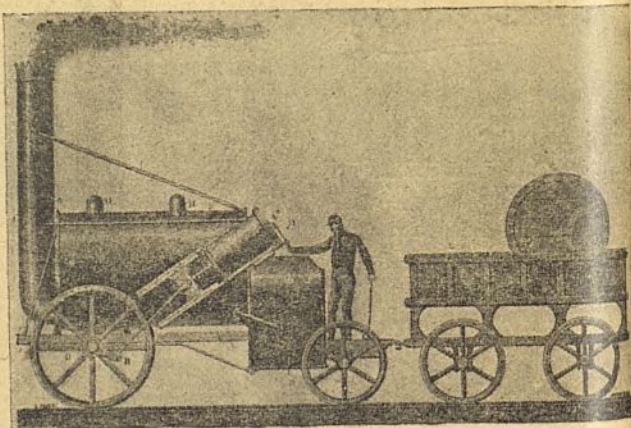
Por ocasião do quinquagenario da introdução do caminho de ferro em Portugal, em outubro de 1906, publicou o *Seculo* uma desenvolvida noticia sobre a descoberta maravilhosa de George Stephenson, que tanto contribuiu para estreitar as relações entre os diferentes palzes até então apenas ligados por estradas carreteiras servidas pelas incommodas e roncissimas mal-postas.

Essa descoberta, que sahio completa das mãos de Stephenson, foi a locomotiva *The Rocket*, construida em 1829 e que serviu de modelo ás que até agora tem sido construidas e que apenas são mais potentes do que a primitiva, sendo apenas secundarios os aperfeiçoamentos até hoje introduzidos.

Por ocasião da noticia dada pelo *Seculo* ignorava-se ainda o paradeiro d'aquella veneravel ascendente das machinas actuaes e muitos duvidavam mesmo da sua existencia.

A verdade, porém, é que a locomotiva *The Rocket* ainda existe, muito bem conservada no museu de Kensington, em Londres. Conta 79 annos de idade.

Como collaboradores de Stephenson conta-se, além de seu filho Robert Stephenson, o operario Thomaz Atkinson,



«The Rocket».—A primeira locomotiva que se construiu

que ainda vive em Battersea, com a idade de 96 annos, isto em 1907.

Atkinson trabalhou, como operario, na construcção da *Rocket* e constitua com esta primitiva machina as reliquias hoje existentes do admiravel invento de Stephenson.

O CAFÉ

Segundo se affirma, a propriedade estimulante do café foi descoberta nas seguintes circumstancias:

Tendo o prior de um convento de certo sitio da Arabia, onde os cafeseiros crescem espontaneamente, notado que as cabras que comiam as cascas em que estão mettidas as sementes do

arbusto eram mais vivas que as outras, resolveram utilizar as mesmas sementes para despertar os frades, que muitas vezes se deixavam adormecer no côro á hora das matinas. Conseguindo com isto o effeito que pretendia, estendeu-se o uso do café por todo o oriente e depois por todo o mundo.

AS CELLULAS ARTIFICIAES

Tudo na natureza procede por *gradações* insensíveis, e assim não repugna admitir a existencia de um termo medio entre os seres vivos e a materia inerte, da mesma forma que existem intermediarios entre os animaes e os vegetaes. N'esta

ordem de idéas o sr. Stephan Leduc, professor de physica na Escola de Medicina de Nantès, propo-se reproduzir, unicamente pela acção das forças physico-químicas, um certo numero de formas e de funções que aos olhos do vulgo, são características da vida, obtendo resultados de véras curiosos.

Se, n'uma solução muito fraca de sulfato de cobre se deixar uma gota de calda de assucar, contendo vestígios de ferro-cyaneto de potassio, immediatamente se produzem os seguintes phenomenos: a gota cobre-se de um involucre de cor acastanhada, incha, dilata-se, e, depois de um tempo mais ou menos longo, vê-se formar um botão ou rebento, que egualmente se rodeia de um involucre acastanhado, enche-se por seu turno de rebentos e algumas vezes se bifurca. Dentro em pouco assiste-se á apparencia de uma germinação comparavel á de uma semente collocada em meio propicio; a gota rebenta, lança prolongamentos analogos ás radiculas e ás gemmulas, prolongamentos que se vêem crescer lentamente similhantes hastes e raizes. Variando as condições da experiencia, constituindo uma gota mais ou menos rica em assucar, escolhendo um meio mais ou

menos rico em saes, em summa, modificando, nos limites das experiencias, a constituição intima do que representa, n'este caso, a semente artificial e o terreno, obtem-se formas differentes, que mais ou menos fazem lembrar certas al-



Planta artificial, tendo a semente por baixo das duas hastes principaes

gas, certos musgos. Uma d'estas culturas artificiaes foi tomada por um naturalista distincto, depois de examinada á lupa, por um aspergillo.

Consegue-se não só obter culturas em superficie, em caixas de Petri, por exemplo, mas tambem em altura. No laboratorio do professor Leduc existem culturas artificiaes em tubos de ensaio, onde, gotas ou sementes artificiaes, depositas

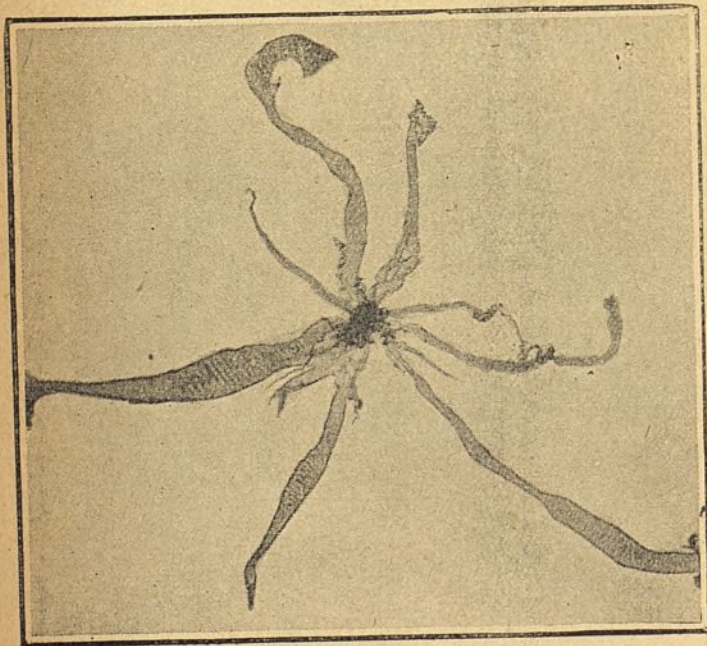
no fundo d'um liquido nutritivo apropriado, deram origem a delgadas hastes de muitos centímetros de comprimento, algumas das quaes expandidas em foliolos.

O mechanismo productor d'estas culturas é assás simples. A gota de solução concentrada de assucar constitue como que uma verdadeira semente, um meio de forte pressão osmotica e de forte cohesão. O meio ambiente possui uma tensão osmotica muito mais baixa, e a reacção do ferro-cyaneto de potassio da gota

tamente d'uma membrana de ferro-cyaneto de cobre, atravez da qual se produzem os mesmos phenomenos do osmose; o gomo, por sua vez, rebenta e assim successivamente, do que resulta a formação de hastes, de ramos, etc.

O professor Leduc conseguiu tambem reproduzir, experimentalmente, os aspectos que apresentam os ovos nas primeiras phases da sua evolução, ao que se chama as figuras de kariokinese, de *kariou*, nucleo, e *kinesto*, movimento.

Se n'um dado plasma se collora uma



Planta artificial, tendo a semente ao meio

e do sulfato de cobre do meio dá origem, sobre a peripheria da gota-semente, a uma delicada membrana semi-permeavel de ferro-cyaneto de cobre, atravez da qual se podem effectuar as mudanças osmoticas. Sob a influencia da differença de pressão osmotica entre a gota e o liquido ambiente, a agua penetra atravez da membrana impermeavel ao assucar, a cellula engrossa, a membrana distendida cede n'um ponto e apparece um gomo que se cerca immédia-

mente visivel. Vêem-se all plasmas de todo o ponto comparaveis aos das divisões nucleares; nas suas extremidades polos constituídos pelas gotas hypertonicas, polos cercados de radiações Aster; na preparação estes polos repellem-se e afastam-se á maneira dos centrosomos no momento da kariokinese. Não se pôde deixar de encontrar, n'estas figuras obtidas por simples diffusão, uma semelhança perfeita com as figuras achromaticas da kariokinese.

Estas investigações experimentaes são das mais interessantes, pois permitem seguir muito de perto as condições mechanicas e physico-chimicas da vida.

A educação é tão poderosa que chega a domesticar as feras.

ro-eva-
se pro-
smose;
im suc-
ormação

tambem
as aspe-
primel-
que se
sto, de
nto.

ca uma
te mes-
ma pig-
de san-
de tinta
a, e, ao
sta gota
tas hy-
as, lige-
colori-
ando-se
a diffu-
m-se, ao
alguns
as figu-
riokine-
o nucleo
multida-
livel.

-se ali
de todo
compa-
as das
nuclea-
suas ex-
les polos
idos pe-
s hyper-
s, polos
de ra-
Aster; na
ção estes
epellem-
astam-se
stra dos
omos no
to da ka-
e eucou-
e simples
elta com
okinesia.
ataes s'lo
ermittem
ções me-
vida.

.....
e chega a

A CHINA

Usos, costumes, typo e caracter dos seus nacionaes

A China, o mais vasto de todos os imperios existentes, e cuja historia e tradições remontam á mais alta antiguidade, é tambem, de todos os paizes do mundo, o mais curioso e original. Os usos, costumes e caracter do povo chin, que as relações commerciaes, as missões religiosas, a guerra, as negociações diplomaticas e as narrativas dos viajantes tem successivamente tornado conhecidos, são para nós, europeus, extremamente interessantes, pelo muito que divergem dos nossos. Sobre este assumpto publicou em tempo a sr.^a D. Anna Goularte de Sousa Caldas, uma intelligente escriptora viuva do mallogrado official Sousa Caldas, que tão relevantes e patrioticos serviços prestou na Africa e no Extremo-Oriente, um excellente trabalho, do qual reproduzimos as curiosas informações que seguem:

«Os naturaes da China meridional, e por conseguinte os chins de Macau, tem diferentes physionomias. Entre elles ha muitos que não são de raça pura, pelo que diversificam uns dos outros nas feições. Pode, contudo, dizer-se que, na generalidade, tem o nariz achatado, a bocca grande, os labios grossos e os olhos, de côr escura,

semi-abertos, e, em grande parte, obliquos.

Pelo que respeita á barba é ella pouquissima ou quasi nenhuma; os cabellos são pretos e a côr da tez é morena e pallida.



Mulher chinesa rica (do norte)

Ha entre as chinas da classe superior algumas que teem a pelle branca, o rosto oval, a bocca pequena, os labios em proporção e o nariz regular; mas olhos grandes e rasgados nenhuma os apresenta senão as que descendem do cruzamento de diversas raças.

Os chins rapam o cabelo á navalha, excepto na nuca onde o usam crescido, formando uma trança que accrescentam com retróz preto, do mesmo modo entrançado, ficando assim com um rabicho quelhes chega quasi aos pés.

Os operarios usam a trança enrolada em torno da cabeça quando trabalham;

os creados de servir, porém, não o fazem assim na presença dos amos, porque seria uma grande falta de respeito.

As mulheres arripiam o cabelo para traz, deixam-no excessivamente levantado na nuca, formando, sobre as orelhas, grandes bandós, ficando d'este modo com um toucado muito volu noso, que adornam com um pequeno tra-

vessão de ouro e varios outros enfeitos.

As solteiras de qualquer das classes usam tambem o cabello arripiado para traz, formando d'elle uma trança que deixam cahir pelas costas abaixo. E todas ellas, casadas e solteiras, rapam o cabello do cachaço á navalha.

O vestuario dos chins ricos consiste em vestes talares. Usam cabaia de seda de côr ou preta; calção tambem de seda ou de ganga; sapatos de seda de côr, tendo estes um assento largo e formando um bico na frente.

Os chins das classes inferiores, usam geralmente calça muito larga de ganga preta ou de côr escura e cabaia curta, andando descalços. Alguns creados de servir, porém, bem como os caixeiros das casas de commercio vestem, no verão, cabaia branca, muito largas, calças egualmente larguissimas de seda escura ou de ganga azul e calçam sapatos de seda. De inverno substituem as cabaia branca por umas de fazenda escura e as calças largas por calções bem justos, apertados no tornozelo. Usam no inverno uns pequenos barretes de seda escura, tendo ao centro um botão em seda escarlate ou preta.

Os chapéus de sol chinezes são de papel oleado com armação de bambú. Usam tambem os chins os chapéus de sol europeus, e as classes inferiores, pela maior parte, substituem os chapéus de sol por uns chapéus de tecido

de bambú coberto de papel oleado, de pequena copa e larguissima aba, que teem em Macau o nome de *tu-dum*.

Possuem, quasi todos os chins ricos de Macau, titulos honorificos, isto é: são mandarin honorarios de diversos graus. Dos vestuarios que lhes são proprios não usam senão nas grandes solemnidades. Consistem em uma cabaia comprida de seda ou setim com diversos bordados, calção e botas de seda



Mulher de Chin-Chen

tambem bordados e um chapéu de fôrma conica que tem no vertice a insignia de auctoridade. A insignia consta de um objecto quasi espherico com uma pequena base, d'onde pendem uns fios encarnados em torno do chapéu. O chapéu de verão é de fino miolo de rota, e o de inverno é todo de velludo preto ou tambem de miolo de rota com a aba voltada em velludo ou em feltro. A insignia de primeiro grau é de pedra preciosa encarnada. A de segundo é da mesma pedra, mas um pouco mais pequena e com um caracter gravado que diz: *Longevi-*

dade. A de terceiro é de pedra preciosa verde. A de quarto é de crystal. A de quinto é de jasper ou de coral. A de sexto é de ouro, a sim como são as de setimo, oitavo e nono, distinguindo-se apenas por uma differença nos feitos.

As damas da classe principal usam cabaia comprida ou curta, calça e uma especie de saia justa e cheia de pregas em sentido vertical, sendo tudo de seda, e tendo a cabaia, que trazem exterior-

do, de
oa, que
im.

s ricos
isto é:
versos
ão pro-
des so-
cabaia
diver-
e seda

rdados
ou de
ca que
rtice a
aucto-
signia
e um

asi es-
m uma
base,
ndem
ncarna-
rno do
chapen
de fino

ota, e o
o é todo
o preto
em de
ota com
cada em

em fel-
gnia de
gran é
preciosa
A de
da mes-
mas um

mais pe-
com um
gravado
Longevi-
preciosa
al. A de
al. A de

ão as de
aindo-se
s feitos.
al usam
a e uma
e pregas
de seda,
exterior-

mente, as mangas larguissimas para se verem as mangas das outras duas cabaiaes interiores, que são geralmente mais estreitas, mas de cores vivas e muito bordadas, resumindo, por assim dizer, n'ellas, a prova de bom tom das filhas do Celeste-Imperio.

As mulheres do povo trazem cabaia curta e umas calças larguissimas de seda ou de ganga.

As da alta cathogoria todas, ou quasi todas, teem os pés aleijados, porque todos os chins favorecidos da fortuna mandam comprimir com ligaduras os pés ás suas filhas, desde a mais tenra idade, e calçam-lhes depois uns sapatos de seda pequenos e pontegudos, em que não entra senão metade do pé. Assim, o dedo pollegar é o unico que vae crescendo com a idade da creança, os demais vão, pouco a pouco, dobrando para a planta do pé, o qual, com o tempo, fórma quasi que um bico na frente, á feição do calçado. Este defeito nas mulheres que nascem na opulencia serve para ostentar a grandeza de suas familias.

Com semelhante aleijão as mulheres nobres não pôdem andar sem o auxilio de creadas graves, em quem se apoiam. Quando sahem de casa vão fechadas em cadeirinhas; outras, porém, vão ás costas das creadas ou a pé, arrimadas a um chapen de sol.

As classes pobres que não pôdem dar creadas ás suas filhas, e que, pelo contrario, as destinam para creadas de

servir. ou para outro qualquer genero de trabalho, não lhes comprimm os pés.

Todas as chinas usam de brincos nas orelhas: a ausencia d'elles é uma prova de humilhação para a familia. São predigas no carmin que usam no rosto (nos labios. Os chins teem geralmente uma constituição forte, mas são de mediana estatura. São muito cautelosos e ao mesmo tempo pacíficos e humildes.



Negociante chinês

São dotados de muita sagacidade, estão sempre dispostos a enganar. A mentira é um meio que elles empregam muito a meudo em proveito seu. Principalmente nas classes inferiores, onde se manifesta uma tendencia fatal para todos os crimes, são d'uma barbaridade espantosa. Nas proximidades de Macan, tanto no mar como nas ilhas circunvisinhas, acontece frequentemente rasgarem os malfeteiros as orelhas ás mulheres para lhes roubarem os brincos, assim como lhes cortam as mãos para lhes tirarem as argolas, especie de braceletes que ellas usam.

E' entretanto preciso confessar que os chins teem uma actividade espantosa para coisas uteis; um genio laborioso e muita habilidade, não só para executarem primorosamente as suas obras d'arte, mas ainda para imitarem todo e qualquer trabalho artistico que se lhes apresenta.

Não conhecem a ociosidade porque, nas horas em que não trabalham, ja-

gam. Laboriosos e activos, nunca podem permanecer de braços cruzados, carecem sempre de ter alguma coisa que os entretenha. E' assim que se explica o serem tão dominados pelo vicio do jogo.

E' muito raro vêr-se um chin em-briagado, mas a jogar vêem-se continuamente em grandes grupos não só nas casas de jogo, mas também nas proprias habitações e até pelos cantos das ruas.

Teem os chins um grande amor aos seus costumes e ás suas crenças e ufamam-se da sua civilisação. Esta, porém, sendo a mais antiga, assim como o povo chinês é o decano, o mais velho dos povos, foi como condemnada por Confucio a permanecer na infancia. Este philosopho, depois de ter operado grandes reformas no Imperio, levou todos os chins a crêr que a felicidade deixaria de existir para elles se algum dia alterassem a sua organisação social. O extraordinario sabio conseguiu que esse povo tão cheio de vida detestasse o progresso social.

Comtudo, n'estes ultimos tempos, os chins, em grande parte, estão desenga-

nados de muitos dos erros em que viviam, adoptando os nossos usos e costumes de preferencia aos seus.

O vicio de fumar é geral entre os chins; homens e mulheres fumam frequentemente. Não só fumam cigarro como também em cachimbos de diversos feitios e ha muitos que fumam opio. Para esse fim deitam-se, teem ao pé de si uma caixinha com o opio, uma especie de palito de ferro e uma pequenina lamparina accessa. Com a ponta do palito tiram da caixa a opio e applicam-no á luz até que se torne de preto em louro. Introduzem-no depois n'um cachimbo proprio para este fim, e tomam o fumo. O cachimbo consiste em um tubo de madeira fechado na extremidade opposta áquella que applicam á bocca. Fumam até adormecerem pelos effeitos do narcotico. Os que são dados ao habito de fumar opio tomam um aspecto cadaverico, cahindo em uma prostração de forças que os impossibilita de qualquer trabalho; e apezar d'este vicio lhes ser tão nocivo não o podem abandonar sem soffrerem padecimentos graves.

No campo da batalha

Um soldado no campo da batalha avista um dos camaradas estendido:

—Vês, diz-lhe o camarada, um obuz acaba de me levar uma perna... E's apaz de me transportar a uma ambulancia?...

—Pois então não sou! responde o soldado.

E carrega com o ferido ás costas.

As balas e os obuzes continuam a chover: um dos projecteis leva a cabeça do ferido, sem que o soldado d'isso se aperceba.

Passa um official.

—Que andas tu ahi a fazer? Não me parece boa occasião de te andares a divertir carregando com cadaveres...

—Mas, meu capitão, isto não é um cadaver... E' um ferido que ficou sem uma perna.

—Ora adeus! Elle ficou mas foi sem a cabeça. Olha para elle...

Então o soldado descarrega o fardo, fica espantado a olhar para o que lhe resta do ferido, e exclama:

—E' verdade!... falta-lhe a cabeça... Mas o que elle me disse é que lhe faltava apenas uma perna!

BAROMETRO VIVO

N'uma das ilhas da America do Sul encontra-se um barometro vivo, recentemente descoberto por um viajante.

E' um caranguejo vulgar n'aquellas regiões, que apresenta a casca branca quando o tempo está secco, e, á aproximação das humidades, mancha-se de pontos cor de rosa, que vão até ao vermelho vivo quando se inicia o periodo das chuvas.

Os selvagens que habitam a ilha, conhecedores das qualidades que recomendam esses molluscos, passaram a olhal-os com respeito e não os comem.

M. Herrmann

CASA FUNDADA EM 1865

OFFICINAS

Calçada do Lavra, 8 a 10

DEPOSITO

Rua de S. José, 2 a 8

Construcções e applicações electricas
Machinas a vapor, gaz e petroleo — Porta-vozes
Installações de luz electrica
Motores a gaz pobre — Telegraphia — Telephonia
Pára-raios — Campainhas
Fornecimento de todos os pertences
de machinas
Material electrico — Lampadas e ventoinhas

DEPOSITO DO «RUBEROIDE»

Producto muito empregado
para todo o genero de coberturas de casas, habitações,
fabricas, etc.



A TELEPHOTOGRAPHIA



**Admiravel descoberta do professor Korn — As propriedades do selenio
— Como são utilizadas na telephotographia**

N'este seculo, em que a electricidade, o vapor e a mechanica geral caminham velozmente para a perfeição, quasi se não passa um anno sem que uma nova descoberta venha mostrar como a applicação de propriedades ja conhecidas, dos corpos em geral ou de qualquer d'aquelles agentes de força em particular, convenientemente utilizadas, podem abrir novos campos á investigação dos sabios.

O anno de 1907 surgiu com o admiravel invento do professor Korn, *telephotographia*, isto é a photographia a distancia:

Não se trata, por enquanto, de obter imagens cinematographicas de objectos ou pessoas situadas a grandes distancias. Esse ideal que, quando attingido, seria naturalmente seguido da combinação do cinematographo com o telephone, facultando-nos a visão das pessoas com quem falassemos á distancia de muitos kilometros, esse maravilhoso ideal está ainda longe de ser realisado. Contentemo-nos portanto com a descoberta do já celebre professor da Universidade de Munich, que consiste

na reproducção, a grandes distancias, de provas photographicas pelliculares, o que na verdade já não é pouco.

Como obtem elle estas reproducções?

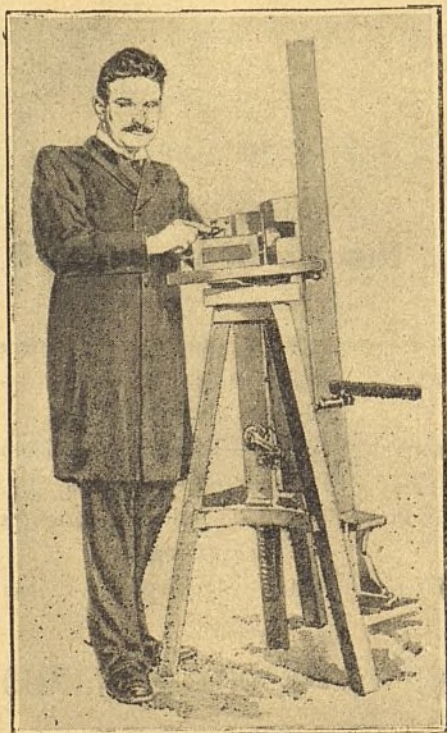
E' o que vamos tentar explicar da maneira mais simples e clara que nos fôr possível.

Entre os corpos simples existe um metalloide, o *selenio*, que é dotado de uma propriedade singularissima e até hoje inexplicavel.

Interpondo n'uma corrente electrica uma lamina á passagem do fluido, varia com a sua maior ou menor illuminação. Assim, na obscuridade completa, a resistencia torna-se maxima; sob a acção de um raio de luz, torna-se o selenio bom conductor da electricidade. Comprehende-se pois que, por meio de intermitencias de luz e de sombra, se possa obter variações da intensidade na

corrente de modo a reproduzir n'uma estação um certo numero de irradiações que se produzem n'outra.

Resta saber como procede o dr. Korn. A photographia a transmittir deve estar impressa n'uma pellicula. Esta enrola-se n'um cylindro de vidro en-



O professor Korn, de Munich, explicando o seu aparelho telephotographico

ALMA

cerrado m
desloca s

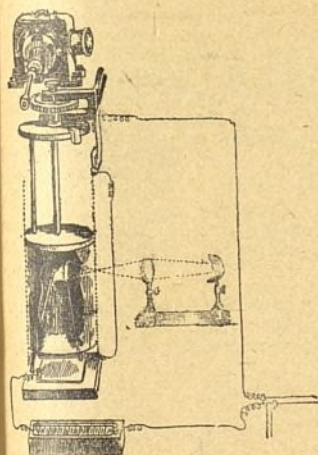


O appare
Korn, pa

de rotaç
translaç
mesmo
movime
dos por
pequeno
etrico.

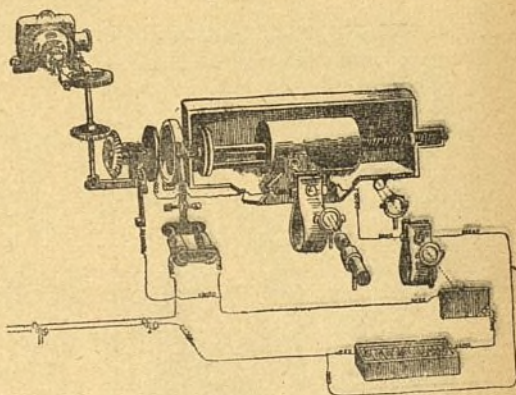
Na ca
orifici
passar
minoso
ao cylin
tude de
de rota
raio atr
rias zo
cula e p
lindro,
nos lu
soante
imagem
Assim
incide
um pr
xão tot
para u
selen
fundo
Esta c

cerrado n'uma camara escura, onde se desloca segundo dois movimentos, um



O apparelho transmissor do professor Korn, para a photographia a distancia

a luz projectada se espalha largamente, é atravessada pela corrente d'uma bateria de accumuladores. A intensidade d'esta corrente varia consoante a quantidade de luz que incide



O apparelho receptor do professor Korn para a photographia a distancia

de rotação em torno do eixo, o outro de translação longitudinal, ao longo do mesmo eixo. Estes movimentos são obtidos por meio de um pequeno motor electrico.

Na camara ha um orificio que deixa passar um raio luminoso em direcção ao cylindro. Em virtude do movimento de rotação d'este o raio atravessa as varias zonas da pellicula e penetra no cylindro, mais ou menos luminoso consoante a parte da imagem atravessada. Assim modificado, incide o raio sobre um prisma de reflexão total que o dirige para uma cellula de selenio situada no fundo da camara. Esta cellula, na qual

no selenio e vae transmittir-se ao posto receptor por muito distante que se ache estabelecido.

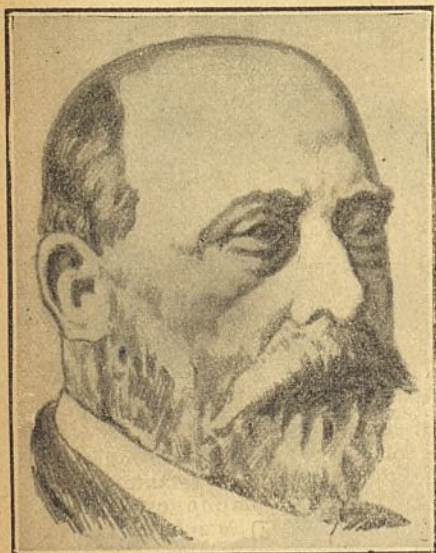
Sem entrarmos em detalhes technicos que nos levariam muito longe, diremos apenas que, n'este ultimo posto, encontra-se um cylindro de vidro egual ao do posto transmissor, rodeado d'uma pellicula sensivel. Como se transfórma, porém, em intensidade luminosa a intensidade electrica variavel, que atravessa o systema?

A solução dada pelo professor Korn a este problema é tão simples como engenhosa: uma chapa tennississima de aluminio oscilla diante do ori-



Reprodução telegraphica de uma photographia de Roosevelt

ficio de entrada da luz, como obturador de abertura variavel, para o que é actuação por um electro-iman. D'este modo são os varios pontos da superficie da pellicula diversamente impressionados pela



Reprodução telephotographica de uma photographia do rei Eduardo VII

luz, e no fim da operação revela-se a pellicula como se houvesse sahido de uma camara photographica, reproduzindo-se a photographia original com a perfeição d'uma photo-gravura.

A té nova descoberta é esta a ultima palavra da telegraphia photographica.

Arvore esternutatoria

Entre as muitas curiosidades que a natureza offerece na Africa do sul, figura a chamada *arvore esternutatoria* ou *do espirro*, designação que lhe deram porque não é possível serrar a sua madeira sem espirar, devido a que o pó finissimo que se solta da serradura produz o effeito do rapé.

Talvez por isso me mo, não ha bicho

que ataque taes arvores, cuja madeira é muito amarga e tão leve que, arrojada á agua, nunca vae ao fundo.

Influencia do dinheiro

Se és feio, caimbro e demente,
E estás de o ser descontente,
Vê se de um rico és herdeiro,
Que em tendo muito dinheiro,
Hão-de achar-te, de repente,
Gentil, esbelto e eloquente.

— O senhor não toma café?

— Não; quando o tomo não posso dormir.

— Pois comm'igo dá-se o contrario: quando durmo é que o não posso tomar.



Egreja de Villa Nova de Paiva

COMMISSÕES

Sociedade

PARIS, LISBOA

SETUBAL

TORLADES

ESCRITORIOS

PARIS — Boulevard Haussman, 33
LISBOA — Rua do Ouro, 32 SETUBAL — Avenida Todi

CORRESPONDENTES NAS CAPITAES EUROPEAS

LONDON — London & Country Banking Company Ltd.
— Baring Brothers & C.^o Ltd. — Credit Lyonnais.
EDINBURGH — The National Bank of Scotland Ltd.
DUBLIN — The Munster & Luinster Bank Ltd.
PARIS — Flury Herard M. Davillier — Credit Lyonnais — Société
té Marsellaise de Credit Industrial & Commercial & de Dépôts.
BRUXELLES — J. Matthieu & Fils.
LA HAYE — P. J. Landry.
AMSTERDAM — Hope & C.^{ie}.
BERLIN — Mendelssohn & C.^{ie} — Breest & Gelpcke.
BERNE — Banque Cantonale de Berne — Grenus & C.^{ie}.
COPENHAGUE — Kjobenhavns Handelsbank.
CHRISTIANIA — Central Banken for Norge.
STOCKHOLM — Industri-Kredit-Aktie-Bolaget Stockholm.
HELSINGFORS — Fo ening Banken i Finland.
SAINT PETERSBOURG — Credit Lyonnais.
VIENNE — Banque Imperial e Royale Privilegiée des Pays
Austrichiens.
BUDAPESTH — Pester Ungarische Commercial Bank.
MADRID — Gomes & Vasquez, Credit Lyonnais.
ROME — Banque Commerciale Italienne.
ATHENAS — Banque Nationale de Grèce.
CONSTANTINOPLE — Azarien-Père & Fils.

Importação e Exportação

A familia imperial japoneza

Foi com o maior e mais justificado assombro que o mundo civilisado viu, contra todas as previsões, o enorme colosso dos czares prostrado, humilhado aos pés do Japão, esse imperio do Sol Nascente que a Europa considerava, como a China, crystalisado na primitiva civilisação oriental.

Quando o Japão, em 1903, dirigiu á Russia o *ultimatum* a que o obrigou a mobilisação de forças considera veis que o imperio do czar effectuou nos districtos da Siberia e Mandchuria, todos acreditaram que, talvez vencedor nos mares, seria o Japão esmagado em terra pelas forças moscovitas. Purc engano! Os resultados foram o que se sabe. No continente e no mares foram os russos positivamente aniquilados. E se a anniquilação não foi completa deveu-se o facto á intervenção pacifica das potencias europeias, litteralmente atterradas pelo novo poderio que se revelava no Extremo Oriente, pois que pelas vias diplomaticas conseguiram que as condições impostas pelo vencedor ao vencido fossem as menos humilhantes e as menos onerosas possivel.

A civilisação japoneza tem, é certo, caminhado á passos agigantados nos ultimos 40 annos e durante o governo do actual imperador.

Nenhum dos actuaes soberanos do mundo prestou ao seu paiz mais relevantes serviços do que Mutsu-Hito, nem trabalhou tanto, com tamanha tenacidade, pertinacia, desprendimento e desinteresse a favor da civilisação do seu povo.

Nascido em Kioto em 3 de novembro de 1852 é o 2.º filho do imperador Koméi e da imperatriz Fudjinara Asako. Declarado herdeiro do throno em 10 de novembro de 1860, tomou posse das reideas do governo em 13 de fevereiro de 1867

e foi coroado em Kioto em 12 de outubro de 1868.

Quando subiu ao throno, a entidade Mikado era uma sombra, uma especie de Deus sem poder, rodeado de respeito e attentções, mas sem ingerencia na administração do Estado,

governado pelo *Taibun*, que era o verdadeiro imperador de facto.

Mas, apenas se viu, pela revolução de 1868, restituído ao poder absoluto dos seus antepassados, rodeou-se de homens eminentes, não para abusar d'esse poder, mas para implantar no seu imperio a civilisação, dando ao povo japonéz, pela constituição de 1889, franquias e liberdades que levaram o Japão, em poucos annos, ao estado que o tem imposto á admiração do mundo.

Em poucas linhas citaremos as datas mais importantes d'essa marcha progressiva, que mostra que o nome de Mutsu-Hito pode, com justiça, ser inscripto em letras d'ouro na historia da civilisação.

A seguir aos episodios da revolução que

se seguiu á morte do imperador Koméi e da abdicção do *Tai-cun* (em 27 de janeiro de 1868), Mutsu-Hito, collocado com todo o seu poder no throno dos seus avós, ratificou os tratados com os europeus e abriu ao commercio os portos de Kobé, Osaka, Nihigata e Yedo. A capital do imperio foi transportada para Yedo, cujo nome se mudou para o actual de Tokio (1870); o regimen feudal foi abolido (1871); em 1872 inaugurou-se o primeiro caminho de ferro de Tokio a Yokohama; em 1873 adoptou-se o calendario gregoriano e foi introduzido o uso da vaccina. Um anno depois, em 1874, mandou uma expedição á Formosa; em 1876 foi extinto o ultimo vestigio do feudalismo, prohibindo-se o uso dos dois sabres pelos *samuais*; de 1874 a 1887



S. M. I. Mutsu-Hito, imperador do Japão

foram vencidas as rebeliões de Saga, de Higo e de Satsuma; em 1878 estabeleceu-se em Tokio uma bolsa e uma camara de commercio; em 1880 promulgaram-se os primeiros codigos (penal e de processo criminal); em 1883 reorganizou-se completamente a administração publica. E, para remate de todos estes trabalhos patrióticos, é proclamada em 11 de fevereiro a constituição que hoje rege o imperio. Em 1890 reuniu-se pela primeira vez a Dieta.

D'ahi iremos até 1894-95, em que a gloriosa guerra com a China elevou o nome do Japão á sua maior altura, não só pela coragem, competência e patriotismo dos seus generaes e soldados, mas pelo humanitário e correcto procedimento dos exercitos japonezes, que tanto se evidenciaram pela sua cordura e disciplina. Essa lucta terminou, como é sabido, em abril de 1895, pelo tratado de Shimoneseki que reconhecia a plena e completa independência da Coreia e concedia ao Japão a ilha Formosa, as dos

Pescadores e a península de Liao-tung, e que não teve inteira execução, devido á pressão da França, da Russia e da Inglaterra, vendo-se o Japão obrigado a abandonar esta península mediante uma indemnisação de guerra imposta á China.

O procedimento caritativo dos civilizados a favor da China só deu resultado favoravel... á Russia, que occupou o que o Japão tinha conquistado á custa do proprio sangue!

Em 1897 é adoptado pelo Japão o padrão monetario d'ouro. Em 1898 promulgase o novo codigo civil e são postos em vigor os tratados, revistos, com as potencias, ficando os subditos europeus

na dependencia dos tribunaes japonezes, quando d'antes gosavam do direito de extraterritorialidade. Em 1900 desempenha o Japão na campanha das potencias colligadas contra a China o esplendido papel que veio confirmar os seus creditos perante os seus companheiros de armas da Europa. Em 1902 firma com a Inglaterra o tratado de alliança que lhe dá lugar proeminente no concerto das nações civilisadas do mundo.

Finalmente, tendo levado a paciencia aos ultimos limites do possivel, vendo a Russia activar os seus armamentos e preparar-se para dar o golpe de mestre no Extremo-Oriente, rompeu as hostilidades contra o terrivel colosso moscovita e, confiado na justiça da sua causa e no valor dos seus soldados, o Japão recorre a sorte dos combates para firmar a sua situação de grande potencia.

Os resultados viram-se. Com geral assombro e contra a geral expectativa, viram-se legiões de gigantescos cossacos morder a terra, subjugados pe-

los pequenos japonezes, verdadeiros anões comparados com aquelles colossos.

O imperador Mutsu-Hito casou em 9 de fevereiro de 1869 com a actual imperatriz Haruko com mais dois annos do que elle, pois nasceu em 28 de maio de 1830.

E' senhora em extremo virtuosa, muito querida do seu povo e estimada e respeitada pelo elemento estrangeiro que vive no Japão.

A imperatriz não tem tido filhos, mas, segundo os costumes japonezes, seu esposo, para garantir a successão ao throno, recorreu ás concubinas de quem tem tido 13 filhos, sendo tres varões, dos quaes o terceiro, Yoshi-Hito, é o príncipe imperial.



S. M. I. Haruko, imperatriz do Japão

Alguns traços biographicos ácerca da imperatriz Haruko, a *Princesa Primavera*, nome pelo qual é conhecida no Japão,



S. A. I. o Príncipe Yoshi-hito, herdeiro do throno do Japão

apezar das suas 57 primaveras, não serão aqui descabidos.

Nascida em 28 de maio de 1830, filha de um nobre de 1.^a classe Ichidjo Tadaka, deveu a sua ascensão ao throno do Sol Nascente a uma circumstancia de véras original, segundo refere uma escriptora ingleza.

Conta ella que o verdadeiro motivo pelo qual foi escolhida a *Princesa Primavera* pelo Imperador, entre muitas candidatas que disputavam a honra de partilhar o thalamo imperial consistiu em ter, melhor do que qualquer das suas rivaes, sabido fazer um soneto. N'esta asserção da escriptora ingleza póde talvez haver exagerada phantasia; mas o que é certo é que a imperatriz, pela sua grande intelligencia e conhecimentos litterarios, pela caridade e abnegação que tem mostrado em mais de uma occasião, conseguiu a estima e o respeito não só de todo o paiz mas do elemento estrangeiro que vive no Japão, e que vê na

soberana uma partidaria dos usos e costumes europeus e uma solícita collaboradora de seu esposo na obra patriótica de regenerar o Japão.

Mas a nota predominante nas altas qualidades da Imperatriz consiste no seu grande amor do proximo, no desejo e na vontade, que sempre tem demonstrado, de minorar os males dos seus subditos.

Como presidente da *Cruz Vermelha Japoneza*, mostrou durante a guerra sino-japoneza de 1894-1895, quão bem formada é a sua bella alma, não só dirigindo a montagem de todos os serviços da benemerita instituição, que datava por assim dizer da vespera da campanha, e que, pelo seu bom funcionamento, causou o espanto dos europeus, mas, por suas proprias mãos e pelas de todas as



S. A. I. a princeza Sada, esposa do príncipe herdeiro do Japão

damas da corte, preparando os pensos para os feridos.

E uma e outras mandaram entregar ao ministerio da guerra todo o dinheiro de que podiam dispôr e que seria de al-

nado para festas e vestidos, durante todo o tempo em que houve feridos a tratar, quer esses feridos fossem japonezes, quer chinezes.

Convém, a proposito, frisar uma nota que bem mostra o abysmo que ainda ha dez annos separava os dois povos prototypos da raça amarella, japonezes e chinezes. Emquanto os primeiros tratavam nos seus hospitaes de sangue, com todo o carinho, os feridos do inimigo, os chi-

nezes degolavam os prisioneiros japonezes! Mas nunca os degoladores deixaram de encontrar carinho e abnegação no tratamento que lhes era ministrado pelas damas da aristocracia presididas pela Imperatriz e convertidas em zelosas enfermarias dos referidos hospitaes.

Quem quizer conhecer bem o que foi a *Cruz Vermelha Japoneza* durante a grande luta, leia o capitulo *La Croix Rouge*, no interessante livro de Guerville *Au Japon*.



Penacova—Capella de Nossa Senhora da Guia

Alcetryomania

Denominava-se assim, entre os gregos, o processo de obter um vaticinio com a intervenção de um gallo. Fazia-se um circulo no chão, e dividia-se a circumferencia em 24 partes, em cada uma das quaes se escrevia uma letra do alphabeto, pondo-lhe em cima um grão de milho, de trigo ou de cevada. Depois pegava-se n'um gallo e collocava-se no centro da circumferencia, e,

com as letras correspondentes aos grãos que elle successivamente ia comendo, formava-se uma palavra, que servia de resposta á pergunta formulada.

Procurando saber-se por este modo qual seria o successor do imperador Valens, designou o gallo as letras T. E. O. D., o que então se traduziu por *Theodosio*. O successor, porém, foi *Theodosio*, sendo o erro attribuido não ao gallo, mas sim a quem lhe interpretou o oraculo.



Julio Gomes Ferreira & C.^a

FORNECEDORES DA CASA REAL

166, Rua do Ouro, 170
82, 88, Rua da Victoria, 82, 88

INSTALAÇÕES COMPLETAS

PARA

Agua, Gaz e Electricidade

ESQUENTADORES DE PRESSÃO

TORRIDE e de muitas outras marcas

Grande sortimento
de lustres para gaz e electricidade

Fogões de cosinha e de sala
Banheiras de ferro esmaltado. Mangas a 70,
100 e 160 rs.
De qualidade superior, marca DK, a 200 rs.

NUMERO TELEPHONICO 219

82, Rua da Victoria, 88

LISBOA

O telegraphoscopio Belin

Em outro artigo d'este almanach descrevemos o aparelho de *telephotographia* do dr. Korn; n'este occupar-nos-hemos do *telegraphoscopio*, outro notavel invento devido ao sabio francez Eduardo Belin, de Nancy, em collaboração com seu irmão Marcello Belin, de Lyon, e com o dr. André Bing.

De nenhum modo se trata de um aparelho que tenha qualquer semelhança com o do dr. Korn. O principio em que assenta é differente, e são outros os resultados que com elle se obteem. Entre os trabalhos dos dois sabios ha apenas uma concorrencia de merito e uma rivalidade de progresso.

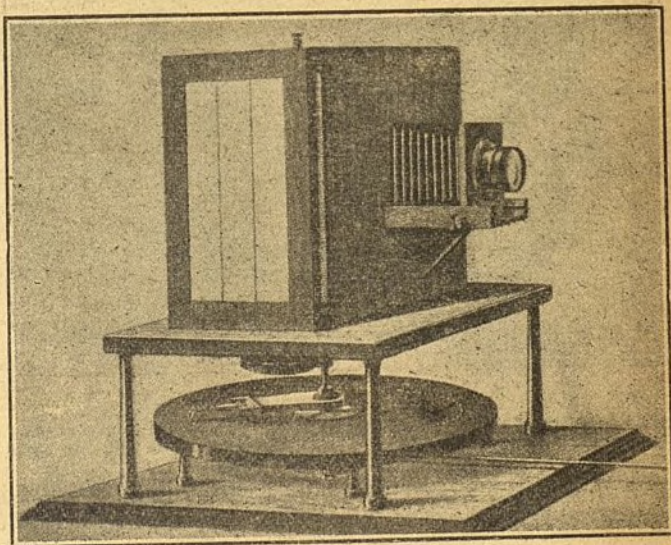
O dr. Korn propoz-se resolver, e resolveu de facto, o seguinte problema: «Transmittirelectricamente, e reproduzir a distancia, uma photographia.» Os irmãos Belin deram solução a este outro problema similar: «Reproduzir, ou antes, reter a grande distancia, a imagem optica, real, aerea, da camera escura, com um papel qualquer, de maneira inalteravel, e por via puramente physica, isto é, sem o emprego de nenhuma preparação chimica, tal como placa ou papel photographico.»

São, pois, inteiramente differentes os dois problemas, e, naturalmente, tambem diversas as soluções que lhes foram dadas. Eduardo Belin e os seus collaboradores não introduzem nenhum

cliché photographico no *transmissor*; não impressionam nem revelam nenhum cliché no *receptor*.

O seu *transmissor* é uma simples «camara photographica», cuja objectiva se põe em foco sobre uma paisagem, grupo ou individuo.

Um conductor de corrente liga este aparelho ao *receptor*, isto é, a uma *disposição galvanometrica especial* que

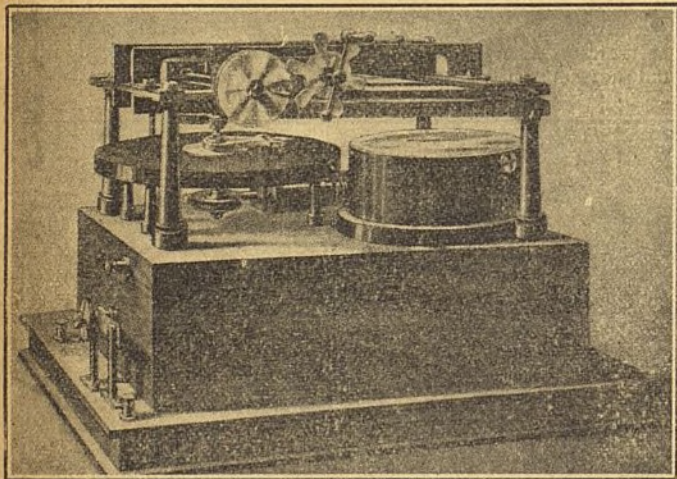


O transmissor Belin. Camara photographica destinada á transmissão das imagens

recebe e interpreta as variações de corrente de fraca intensidade, as *variações de vibração* produzidas pela imagem sobre a objectiva do *transmissor*. Estas variantes seriam relativamente imperceptíveis, se o sr. Belin não as multiplicasse e reforçasse por meio de um aparelho que constitue o fundamento da sua invenção e que elle denomina *equilibrador*.

O *equilibrador* põe em funcção um reforço electrico, ou pilha local, qualquer que seja a intensidade da corren-

te da linha e por mais fraca que ella seja. O seu actuador é um photometro, cuja intervenção intercala automaticamente, no circuito local do receptor, a resistencia variavel necessaria para seguir as fluctuações da vibração. A *imagem optica* é assim transmittida e recebida a distancia. Trata-se então de re-



2 receptor Bellin — Conjuncto do galvanometro e do equilibrador recebendo e registando a imagem transmittida por perfuração d'uma folha de papel

gista-la pela acção physica. Este registro obtem-se por meio de um *saca-bocados* que criva de orificios, por perfuração, a folha de papel receptora. Estes orificios são equidistantes de centro a centro, mas os seus diametros são directamente proporcionaes á intensidade da vibração que dimana do ponto correspondente da imagem optica transmittida.

Obtem-se assim uma especie de diagramma perfurado que reproduz a imagem.

Sendo a exacta posição d'estes pontos regulada por um *collector distribuidor*, pôde-se, com o auxilio de um *inversor de corrente*, obter, á vontade, o positivo ou o negativo da imagem. Devemos notar que todas estas disposi-

ções, de que unicamente damos o principio em que assentam, estão privilegiadas.

No *telegraphoscopy* Belin, assim como nos outros systemas, as passagens e as interrupções de corrente são reguladas por cellulas de *selenio* tornadas mais ou menos activas, conforme são, ou não,

impressionadas por um raio luminoso; o *selenio* desempenha o seu papel de *cohesor* e manifesta a sua notavel utilidade, que tão bem poz em evidencia, desde os primeiros trabalhos sobre a radiophonia, o eminente sabio Mercadier.

A disposição adoptada pelo sr. Eduardo Belin é independente da inerência do *selenio*.

E' perfeitamente uma nova formula da transmissão e

da fixação da «visão a distancia» a que assim se apresenta.

N'uma sala fallava-se de incendios, e faziam-se a tal respeito varias considerações. Simplicio, mettendo-se na conversa, diz sentenciosamente:

— Se um incendio é terrivel, uma inundação é muito peor, porque o incendio algumas vezes apaga-se, e a innundação nunca!

Calino trovejava contra a corrupção dos costumes.

— Sigam os debates judiciais, e verão, diz elle . . . noventa e nove por cento das adúlteras são mulheres casadas!



José da Fonseca & F.^{os}

182, 186, RUA DE S. JULIÃO, 182, 186

Lisboa

GRANDE ARMAZEM
DE
FAZENDAS

No primeiro andar

Fazendas de lã e seda
nacionais e estran-
geiras, recebidas
directamente
para todas as
estações.

Executa-se
com a maior
perfeição qual-
quer encomenda
de fato tanto á mili-
tar como á paisana.

Novidades em
gravatas, suspensorios,
peugas e camisolas

Bengalas e chapéus de chuva

Grande sortimento de pannos
para BILHARES

Grande sortimento de pannos
para BILHARES

José da Fonseca & F.^{os}

182, RUA DE S. JULIÃO, 186

LISBOA

A volta do mundo em 40 dias

Quando em 1872, o grande romancista Julio Verne phantasiou o notavel romance *A volta do mundo em 80 dias*, causou o maior espanto e provocou a incredulidade de muita gente. E essa incredulidade era tão justificada que é ella a base do romance, em que Phileas Fogg emprehe a decantada viagem para ganhar a aposta feita com varios ingleses incredulos, socios d'um club a que elle tambem pertencia.

Pois hoje, 35 annos depois, já se pôde dar a volta ao mundo em QUARENTA DIAS. Essa façanha praticou-a, em 1907, o tenente-coronel inglez Burley-Campbell, seguindo o itinerario que vamos indicar:

Partiu de Liverpool em 3 de maio de 1907 ás 7 h. e 20' da tarde e chegou a Quebec em 10 de maio ás 3 da tarde.

Saiu de Quebec n'esse mesmo dia ás 5 horas da tarde e chegou a Vancouver em 14 de maio ás 5 da manhã.

Largou de Vancouver ao meio dia e meia hora e desembarcou em Yokohama na alvorada de 26.

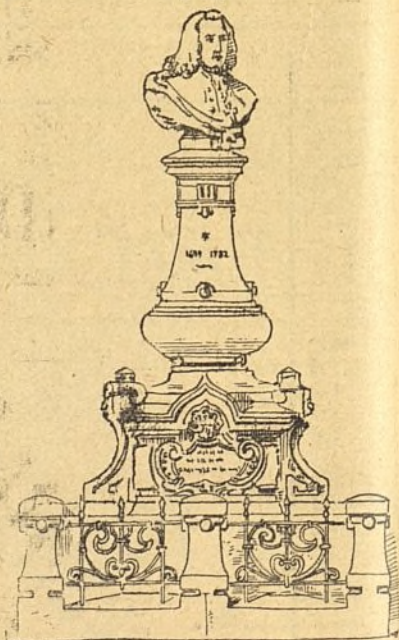
Depois de um almoço tranquillo o viajante seguiu; passou a 28 em Tsaruga e alcançou Wladivostock em 30 de maio ás 2,15 da tarde. Tomou o caminho de ferro transiberiano, chegou a Irkutsk em 4 de junho, alcançou Moscou em 10; tomou o expresso de Berlim onde chegou a 12; no dia 13 ás 11 horas partia de Ostende e no mesmo dia ás 3 h. e 50 chegava a Dover.

Foram, pois, 40 dias e horas os empregados n'esta já agora celebre travessia. E tão economicamente foi feita que, no dizer dos jornaes que d'ella trataram, importou apenas em 150 libras sterlinas.

Monumento ao Marquez de Pombal

No dia 8 de maio de 1907, anniversario do fallecimento do grande ministro de D. José, occorrido em egual dia

de 1782, realisou-se na villa de Pombal, com grande solemnidade, a inauguração do monumento erigido ao notavel estadista. Esse monumento foi feito sobre um projecto do distincto



Pombal—O monumento ao Marquez de Pombal

architecto sr. Ernesto Kanadi, director da Escola Industrial de Leiria, sendo o busto, que é fundido em bronze o de uma execução perfeitissima, modelado sob a direcção do notavel estatuario do Porto sr. Fernandes de Sá.

—Você já está restabelecido? Que fez o medico para o pôr bom tão depressa? Já se vê que merece a grande reputação que tem!

—O que elle fez? disse-me que levava vinte e cinco tostões por cada visita. Pôz-me logo bom!

Um velocipedista cahe e parte a cabeça. E' a primeira vez que monta? perguntam-lhe.

—Não, senhor; é a ultima.

Armazem de Viveres

DE

JOSÈ DA COSTA

73, RUA DO CARMO, 75

Generos de primeira qualidade—Importação directa
Completo sortimento de productos do Brazil

CARNE SECCA—LINGUAS DO RIO GRANDE—FARINHAS
DE SERUHY — PIMENTINHAS, ETC.

TELEPHONE 1005

Loterías

R. DO AMPARO, 118

CAMPIÃO & C.^A

Esta casa tem sempre
um variado sortimento de bi-
lhetes
de todas as loterias

Compra libras,
ouro portuguez e todos os va-
lores em ouro e prata
de moedas estrangeiras

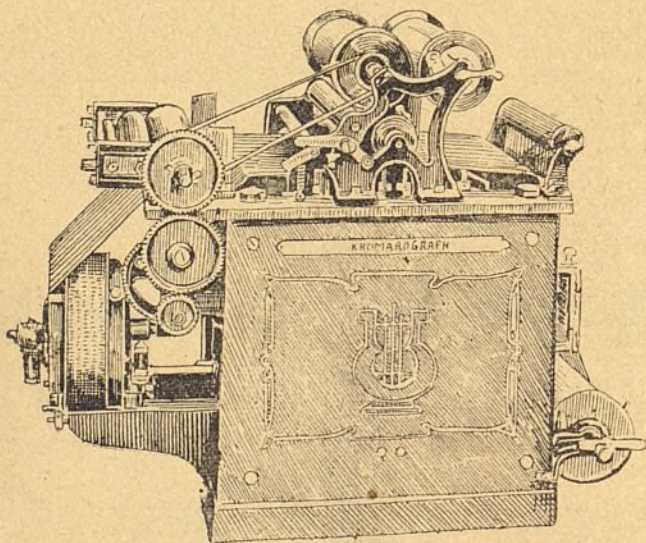
LISBOA

O KROMAROGRAPHO

Osapparelhos registadores automaticos teem, nos ultimos tempos, tomado enorme desenvolvimento. Já o phonographo regista os sons e a palavra com todas as suas entoações, modelações e timbres; o stenographo manual e mechanico permite fixar, pela escripta,

está inteiramente fixada na imaginação.

Todas as tentativas até hoje feitas n'esse sentido teem gorado em vista da complicação dosapparelhos e da difficuldade de tornar legiveis as inscripções musicaes. A primeira solução



O Kromarographo

os discursos com uma velocidade egual á do orador. Só faltava um apparelho que inscrevesse as notas musicaes á medida que fossem tocadas n'um instrumento.

Um apparelho d'essa especie teria, entre outras vantagens, a de registrar rapidamente os improvisos dos compositores de musica, cuja phantasia é de ordinario perturbada sériamente pela necessidade de ir escrevendo as notas á proporção que as vão tocando, principalmente quando a composição não

pratica e satisfactoria foi dada pelo sr. L. Kromar, de Vienna d'Austria, que ao seu apparelho deu o nome um tanto caprichoso de *Kromarographo*, tirado do seu proprio appellido, e portanto sem a menor relação com o fim que tem a preencher.

O apparelho do sr. Kromar é d'uma simplicidade e elegancia realmente notaveis e não excede as dimensões d'uma machina de escrever trivial.

O que é indispensavel é ligal-o electricamente a qualquer instrumento do

teclado, órgão ou piano, sendo a pressão das teclas que constitue os contactos electricos e a demora na pressão que dá graphicamente, n'uma tira de papel, o valor das notas produzidas.

Essa tira de papel, analogia ás dosapparelhos telegraphicos de Morse, mas muito mais larga, vae passando entre dois rolos conduzida por um pequeno electromotor que lhe imprime um movimento de tremulação uniforme. Um terceiro rolo obriga a tira a passar sobre os caracteres musicaes que n'ella se vão imprimindo nos logares respectivos.

Esses logares são indicados por um systema de 25 linhas parallelas, treze das quaes obedecem á clave de dó e doze á clave de fa. Entre estas e aquellas ha um intervalo mais largo, destinado ás notas intermedias. Mas no modo de inscrever as notas é que está a originalidade do apparelho. E' um systema racional e logico. Os valores das notas, desde a semi-breve até á semi-fusa, são indicados por traços tanto mais compridos quanto mais demorada é a nota e não pelas figuras classicas habituaes d'essas notas. D'ahi a simplicidade do apparelho, no qual ha 87 electro-imans, tantos quantas as teclas, cada um dos quaes faz levantar um stylete que marca no papel a nota ou notas premidas no teclado.

E', em summa, um apparelho analo-

go ao receptor dos telegraphos Morse com as seguintes differenças: No systema Morse ha apenas ponto e traço. No apparelho Kromar ha o ponto que corresponde á semi-fusa e traços cada vez maiores, até á semi-breve. Além d'isso, para maior clareza, os pontos e traços correspondentes ás teclas pretas são simples e os que correspondem ás brancas são duplos, um de cada lado da linha pantal e mais delgados do que aquelles. D'este modo não ha confusão possivel e torna-se facil copiar d'este autographo para papel trivial de musica a composição tocada.

Os andamentos ficam tambem perfeitamente registados, o que se reconhece pelo comprimento dos traços e maneira dos compassos que o apparelho indica por meio de um pedal supplementar.

Quando se mantém uma cadencia constante, reconhece-se o rythmo facilmente mesmo sem auxilio de indicação dos compassos. Mas um *ritardando* traduz-se por um afastamento dos traços divisorios e um *accelerando* por uma aproximação d'esses traços.

Por esta simples descripção se reconhece que com um pouco de pratica é tão facil *lêr* a musica registada por este processo como pelo methodo usual.

O apparelho Kromar deve ter certamente da parte dos maestros a maior acceitação.

ABRACADABRA

Era esta uma palavra cabalistica, a que, em eras de superstição, se attribuia a virtude de curar a febre e outras molestias, uma vez que fosse assim escripta:

A	B	R	A	C	A	D	A	B	R	A
	B	R	A	C	A	D	A	B	R	
		R	A	C	A	D	A	B		
			A	C	A	D	A			
				C	A	D				
					A					

Isto n'um papel quadrado, trazido por nove dias suspenso do pescoço, era o bastante, segundo se dizia, para se ficar curado para muito tempo. Facil é de

vêr em quantas direcções pôde a palavra ser lida.

A arvore mais alta que existe

A mais alta arvore de que ha noticia em todo o mundo é uma arvore de borracha, que se encontra no Cabo Otway, na Australia, e que tem 411 pés de altura, ou cerca de 136 metros.

As arvores da borracha crescem muito rapidamente. Em Florida uma d'ellas cresceu, em quatro annos, mais de 40 pés, e na Guatemala uma outra cresceu 120 pés em 12 annos, o que corresponde a 10 pés por anno, ou perto de um pé (33 centimetros) por mez.

Paulino Ferreira

Officinas
movidas a va-
pôr

Trabalhos sim-
ples
e de luxo

Encadernador-Dourador

82, R. NOVA DA TRINDADE, 82

LISBOA

TELEPHONE N.º 1495

MOSAICOS

Mosaico romano ♦ ♦
♦ ♦ Azulejos e tijollos
♦ em estylo arabe ♦

GOARMON & C.^a

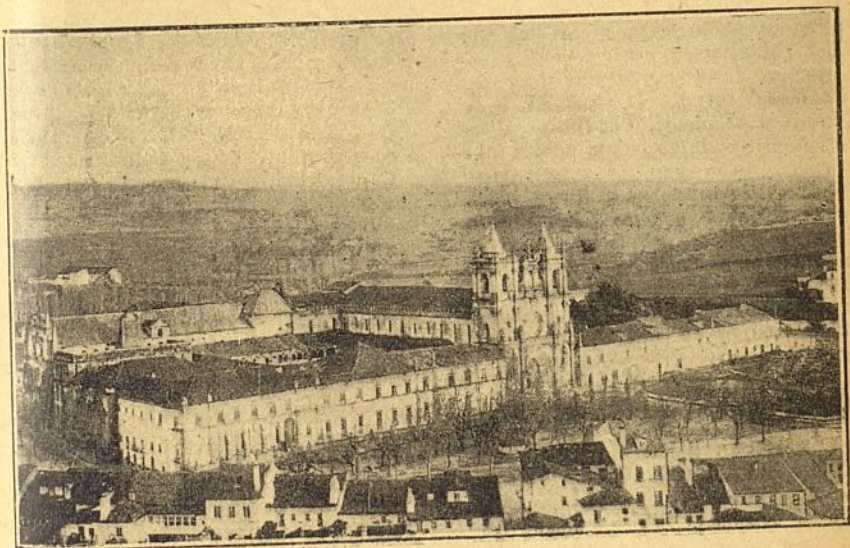
Travessa do Corpo
Santo, 21 - LISBOA

HYDRAULICOS

O CONVENTO DE ALCOBAÇA

● convento de Santa Maria de Alcobaça, monumento de grande valor historico e artistico, foi fundado em 1170 por D. Affonso Henriques, que, na sua construcção, não olhou a despezas, attendendo sómente a que elle ficasse com esse cunho de grandiosa sumptuosidade que ainda hoje o torna admirado de nacionaes e estrangeiros. A respeito da liberalidade do primeiro rei de Portugal na edifi-

mosteiros tão sumptuosos, e todos quasi em um tempo, como eram Alcobaça, Santa Cruz de Coimbra, S. Vicente de Fóra, S. João de Tarouca, com muitos outros que ha pelo reino. e os dotava de tantas rendas, que tem alguns d'elles hoje muita mais do que lhe rendia Portugal; e com estes gastos deixou, quando morreu, a seu filho D. Sancho, um thesouro de mais de 820:000 cruzados, em moeda de ouro, que era



Convento de Alcobaça

cação e dotação d'elle e d'outros mosteiros que nos legou, escreve Fr. Bernardo de Brito na sua Chronica de Cister:

«E com serem as rendas do seu reino tão limitadas n'aquelle tempo, que não passavam de onze contos cento e dezesseis mil réis, conforme uns rascunhos de receita e despeza, que vi do seu tempo, sustentava continua guerra contra mouros, sem faltarem pagas ordinarias á gente de guerra, e fundava

n'aquelle tempo uma somma de dinheiro amoeado que tinham poucos reis christãos.»

Admiram-se n'este convento, além dos tumulos de D. Pedro I e D. Ignez de Castro, a sala da livraria, ampla e espaçosa, com ladrilho de mosaico e tecto em baixo relevo, o magestoso claustro do *silencio*, a famosa sala dos reis, notavel pelas recordações gloriosamente historicas que encerra, e ainda a cosinha que servia á communidade,

e o material n'ella existente, e entre o qual avultava um enorme caldeirão de cobre, que em 1834 desapareceu d'ali, e que se tornava apreciavel, sobretudo, como trophéo das armas portuguezas, porque era um dos despojos da batalha de Aljubarrota que D. João I offercera ao convento.

Mas, o que acima de tudo notabilison o mosteiro d'Alcobaça, foi a incomparavel fama de tolice que de si deixaram os seus possuidores, conhecidos por «frades bernardos», designação esta de que tomou origem a palavra *bernardice*, que ainda hoje se emprega como synonymo de di parate maior da marca.

Entre os muitos casos picarescos que d'elles se contam, referiremos o seguinte, que é deveras engraçado:

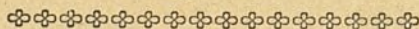
Resolven um dia D. João IV ir ao convento d'Alcobaça, e os frades, antecipadamente sabedores da visita mas ignorantes da pragmatica, reuniam-se para discutir entre si a fórmula como deviam receber o monarcha. Foram muitos os alvitres propostos, sem que entretanto se chegasse a accôrdo, pelo que o prior, impondo a sua auctoridade, pôz termo á discussão, recomendando-lhes que na occasião da visita,

se limitassem a seguil-o e a fazer exactamente o mesmo que elle fize se.

Entrando na egreja do convento, D. João IV, depois das suas orações, foi sentar-se na capella-mór, e então o prior, entendendo que era essa a melhor occasião da communidade lhe prestar as suas homenagens, tomou pelo templo acima seguido de todos os frades. Ao chegar, porém, á capella mór tropeçou n'uma alcatifa e cahiu, mesmo em frente do rei. Immediatamente os outros frades, que o seguiam a um de funde, obedientes á recommendação de fazerem o mesmo que o seu superior fizesse, trataram de imital-o, estatelando-se no meio do chão logo que chegavam em frente do rei. E assim, dominado por uma hilaridade impossivel de conter em presença de tão extravagante espectáculo, viu D. João IV desfilar por diante de si toda a communidade ás cambalhotas.

Concluiremos com este *eloquente* trecho de um sermão, pregado por um frade de Alcobaça:

«A Providencia, meus irmãos, foi tão providente commoço, que até pôz a morte no fim da vida. De que nos serviria a vida se principiasse pela morte?»



A produção da lã

A produção da lã no globo pôde avaliar-se em 8.000.000:000 de kilogrammas. A Australia e a Nova Zelandia possuem 76.000:000 de carneiros que produzem 100.000:000 de kilogrammas. No cabo da Boa Esperança os rebanhos produzem 15.000:000 de kilogrammas. No Rio da Prata contam-se pelo menos 100.000:000 de kilogrammas. Nos Estados Unidos o numero de 50.000:000 carneiros não produz a lã sufficiente para abastecer a industria americana, que se vê obrigada a importar quantidades enormes d'este producto textil da Australia e do Rio da Prata. A Europa possui 200.000:000 de carneiros que produzem egual quantidade de kilogrammas de lã. Marrocos, Argel e Tunis produzem lã em quantidade

apreciavel e de excellente qualidade. A Russia é a nação que occupa o primeiro logar na Europa, como productora de lã; depois vem a Inglaterra, Allemanha, França, Austrá, Italia e Hespanha. Convém observar, como dado interessantissimo e exacto, que se esta ultima nação occupa o ultimo logar n'esta estatística, é sómente pelo que diz respeito á quantidade da sua lã, pois em relação á sua qualidade não tem ella rival no mundo.

A magnifica lã procedente do gado merino, genuino e exclusivamente hespanhol, é pretendida em todos os mercados da Europa e obtem um preço muito mais elevado do que a lã das outras nações.

A India, a Asia Central e a China podem produzir annualmente cerca de 150.000:000 de kilogrammas.

A ÚNICA FABRICA QUE HA COMPLETA NA EUROPA

Em sellos em branco para repartições e companhias, carimbos de metal, borracha e para lacre, numeradores etc., é a casa — A. L. FREIRE GRAVADOR

● Preços baratissimos ●



Grande estabelecimento de muitos artigos ●

90 a 96, RUA DA VICTORIA

RUA DO OURO, 158 a 164

TELEPHONE 943 ●●

LISBOA

— A. L. FREIRE GRAVADOR —



EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Carreiras para as costas Oriental e Occidental d'Africa

Sahidas a 7 e a 22 para os seguintes portos: — Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thome, Landana, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres,

Sahidas a 1 de cada mez, por contrato com o governo portuguez para: — S. Thome, Loanda, Lourenço Marques, Beira e Moçambique, recebendo-se tambem carga e passageiros para Quelimano, Inhambano e Ginde e mais portos da costa com trasbordo.

ITINERARIO DAS CARREIRAS PARA

A AFRICA ORIENTAL E OCCIDENTAL

Partidas do Lisboa a 1, 7 e 22. — Da Madeira a 3 e 9. — De S. Vicente a 13. — De S. Thiago a 14 ou 15 e 28 ou 29. — Do Principe a 22 ou 23 e a 6. — De S. Thome a 12 ou 13, 24 ou 27 e a 7 ou 10. — De Cabinda a 29 e a 12. — De Santo Antonio do Zaire a 13. — De Ambriz a 30 e a 14. — De Loanda a 16, a 1 ou 3 e a 14 ou 16. — De Novo Redondo a 4 ou 17. — De Lobito a 17, a 5 e a 18. — De Benguela a 6 ou 7 e a 18 ou 19. — Mossamedes a 8 ou 9 e a 20 ou 21. — Da Bahia dos Tigres a 9. — De Porto Alexandre a 9. — De C. Cabo (Cape Town) a 22. — De Lourenço Marques a 26 ou 2. — Da Beira a 4 ou 5. — De Moçambique a 7 ou 8.

Chegada á Beira a 10 ou 11. — A Lourenço Marques a 13 ou 15. — A C. Cabo (Cape Town) a 19. — A Mossamedes a 10 e a 20 ou 21. — A Benguela a 14 ou 12 e a 22 ou 23. — Ao Lobito a 24, a 12 e a 23. — Novo Redondo a 13 e a 24. — A Loanda a 25, a 14 ou 15 e a 25 ou 26. — A Ambriz a 16 e a 27. — A Santo Antonio do Zaire a 28. — A Cabinda em 17 e 29. — A S. Thomé a 28 ou 29, a 19 ou 21 e a 1 ou 3. — Ao Principe a 22 e a 4. — A S. Thiago a 29 ou 30 e a 11 ou 12. — A S. Vicente a 13. — A Madeira a 10 e a 17 ou 18. — A Lisboa a 12 e a 6 ou 7 e a 20 ou 21.

Para carga e passagens trata-se: no Porto com os agentes Srs. H. Burmester & C.^{as}. — Em Lisboa, escriptorio da empresa, Rua d'El-Rei.



G
Cos
em 7
prac
res 2
gada
de 16
vari
ajud
cret
e vo
mili
Lo
relev

deco
de c
de 2
tam

G
he
70
1800
feit
ria,



Mortos do anno

De 1 de Julho de 1906 a 30 de Junho de 1907



General José Ricardo da Costa Silva Antunes. — Nascido em 7 de fevereiro de 1831, assentou praça em 1848 no batalhão de caçadores 2, reformou-se em general de brigada em 1891, e falleceu em 8 d'agosto de 1906. Official distincto, desempenhou varias commissões, e entre ellas as de ajudante do ministerio da guerra, secretario do tribunal superior de guerra e vogal do supremo conselho de justiça militar.

Louvado por differentes vezes pelos relevantes serviços prestados, era con-



decorado com a Torre e Espada, grande officialato e commenda de S. Bento de Aviz e medalha de ouro de comportamento exemplar.

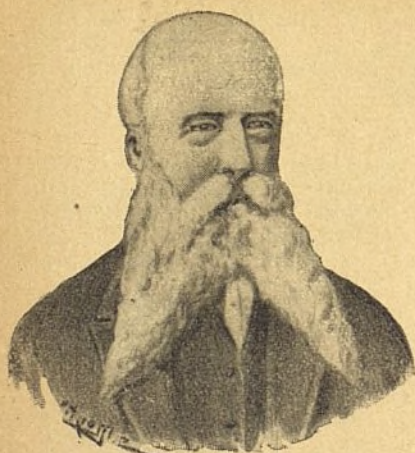
General João Qualberto Ribeiro d'Almeida. — Falleceu com 70 annos de idade, em 10 d'Agosto de 1906, este distincto official, que, tendo feito a sua carreira na arma d'infanteria, demonstrou sempre, durante os

seus largos annos de serviço, o seu zelo e dedicação, a par dos seus muitos conhecimentos militares. Entre outras commissões, exerceu as de chefe da 1.^a e 2.^a repartições do ministerio da



guerra, e a de director geral do mesmo ministerio e commandou a 1.^a e 7.^a brigadas d'infanteria. Em attenção aos seus serviços foi agraciado com o grande officialato e a grã-cruz da ordem de Aviz, e era ajudante de campo honorario d'el-rei. A' data do seu fallecimento era general de divisão do quadro de reserva.

D. Francisco de Carvalho Daun e Lorena. — Bisneto do grande marquez de Pombal, era uma das figuras mais distinctas e salientes da nossa primeira sociedade, impondo-se a veneração geral pela sua nativa distincção e pela integridade moral do seu primoroso caracter. Falleceu com 82 annos de idade em 13 d'agosto de



1906, sendo 1.º official aposentado do ministerio da fazenda.



Vice-almirante Antonio Sergio de Sousa. — Foi nos ultimos annos uma das figuras mais prestigiosas da armada portugueza e um dos mais dedicados servidores do paiz.



Era ajudante de campo d'el-rei e des-empenhou no ultramar importantissimas commissões, em que revelou sempre o maior zelo e uma esclarecida intelligencia, sendo a sua folha de servi-ços um documento honrosissimo, que

attesta brilhantemente os seus merecimentos de official distincto e brioso.

Em reconhecimento d'esses serviços o vice-almirante Sergio de Sousa possuia as commendas de Aviz, de que era cavalleiro, official e grande official, de Christo, de S. Mauricio e S. Lazaro, de Italia, da Agua Vermelha, e da Prussia, e as medalhas de ouro de serviço no ultramar, comportamento exemplar e bons serviços, de prata da expedição a Angola em 1860 e a de cobre do Instituto de Soccorros a Naufragos. Tinha a carta do conselho, e falleceu em 18 d'agosto de 1906, com 64 annos de idade, tendo sido reformado tres dias antes da sua morte.



Dr. Francisco de Sousa Castello-Branco. — Era tenente coronel medico reformado e falleceu

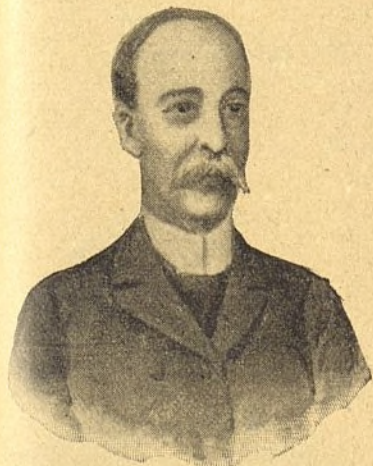


com 85 annos de idade, em 26 d'agosto de 1906. Foi cirurgião-mór dos regimentos de infantaria 2, 7 e 16, passando depois a desempenhar as funcções de director do hospital militar da Estrella, onde realison muitas operações nas quaes demonstrou a sua grande pericia como cirurgião. Foi o primeiro que em Lisboa effectuou a operação da lithotricia, sendo o operado o general Taborda, já fallecido, e que era ajudante de campo d'el-rei D. Luiz, condecorando este monarcha o dr. Castello Branco pelo bom resultado que o doente obteve. Tomou parte nas campanhas da liberdade, onde prestou relevantes

serviços, e possuía as commendas da Torre e Espada e Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e a medalha de prata de comportamento exemplar.



Luiz Maria de Lima da Costa Monteiro.— Foi um activo e dedicado propagandista da educação physica, devendo-se exclusivamente á sua iniciativa a introdução do ensino da gymnastica em Portugal. Leccionou em quasi todas as escolas de Lisboa em que a gymnastica faz parte da educação da mocidade, foi professor d'el-rei D. Carlos, quando principe real, e de seu irmão o senhor infante D. Affonso, e teve tambem, particularmente, numerosissimos discipulos. Além d'isto fundou o Real Gymnasio Club Portuguez, indiscutivelmente o nosso pri-



meiro centro de educação physica e de sport. De uma provada competencia profissional, foram seus discipulos os principaes professores de gymnastica que actualmente existem em Portugal. Falleceu em 19 de setembro de 1906 com 63 annos de idade.



Visconde de Odivellas.— O visconde de Odivellas, Eduardo Cor-

reia da Silva Araujo, falleceu em Cintra, com 50 annos de idade, em 4 d'outubro de 1906. Era o ultimo dos quatro filhos dos fallecidos barões de Barcellinhos, e aparentado com muitas das principaes familias da nossa aris-

Dotado de excellente caracter



e de um trato muito lhano e affavel, contava muitas sympathias em todas as espheras sociaes. O seu cadaver foi transportado para o cemiterio dos Prazeres, ficando ahi depositado em jazigo de familia.



Conde de Simas.— Natural da ilha graciosa, possuidor de uma avultada fortuna e dotado dos mais generosos sentimentos altruistas, pôz sempre a sua bolsa, com louvavel prodigalidade, e a sua dedicação, que não tinha limites, ao serviço de todas as causas que reputava de utilidade para a sua terra natal, a que consagrava o mais entranhado amor e para a qual conseguiu muitos e importantes melhoramentos, á custa, alguns d'elles, do dispendio de avultados capitais e de persistentes diligencias da sua enérgica actividade.

Nas corporações administrativas de que fez parte, e a que presidia com a maior solicitude, prestou sempre relevantissimos serviços, tendo promovido o aformoseamento da villa de Santa

Cruz da Graciosa, hoje uma das mais bellas das nossas ilhas. Contribuiu tambem em larga escala para o desenvolvimento agricola da ilha de S.



Thomé, onde passou alguns annos da sua mocidade.

Tinha as commendas de Christo e da Conceição, e falleceu com 78 annos de idade em 16 d'outubro de 1906.



Conselheiro Firmino João Lopes. — Falleceu com 78 annos de idade em 27 d'outubro de 1906, sendo juiz do Supremo Tribunal de Justiça e par do Reino.

Concluindo a sua formatura em 1848, entrou em 1850 na carreira administrativa. Exerceu depois as funções de auditor na 5.ª divisão militar, foi despachado delegado em 1862 e promovido a juiz em 1870, tendo servido por muitos annos no 2.º districto criminal de Lisboa, onde se mostrou sempre inquebrantavel no cumprimento da lei e ao mesmo tempo moderado na applicação das penas. Com a mesma escrupulosa integridade exerceu as funções de juiz da 2.ª instancia e interino do Supremo Tribunal de Justiça.

Militando no partido regenerador foi deputado em varias legislaturas, par do reino electivo e governador civil de Bragança. Filiando-se depois no par-



tido regenerador-liberal, foi investido no pariato vitalicio, não tendo, porém, chegado a tomar de novo assento na camara alta.



Dr. Ilidio Amado. — Filho do sr. conselheiro Silva Amado, illustre medico e director da Morgue de Lisboa, era tambem, como seu pae, um medico distincto, tendo concluido o seu



curso na escola d'esta cidade com louvores em quasi todas as cadeiras. Tinha o curso completo de piano

do Conservatorio egualmente com louvores em todos os annos, e foi o fundador da Tuna Academica de Lisboa, á qual prestou, com a maior dedicação, assignalados serviços. Verdadeiramente apaixonado pela musica, era um compositor notavel, tendo escripto o hymno academico e outras obras musicas de reconhecido valor. Foi ainda auctor dramático, deixando algumas peças representadas com exito em recitas particulares, e era um *sportman* distincto. Muito relacionado e dotado de bondosas qualidades, tinha numerosos amigos em todas as classes sociaes, e sobretudo entre os academicos que lhe consagravam um sincero culto.

Falleceu com 33 annos de idade em 12 de novembro de 1906.



D. Miguel Pereira Coutinho.

—Descendia de uma das mais illustres familias de Portugal, pois era neto do primeiro marquez de Soidos e filho do visconde de Santo Antonio do Cartaxo. Desempenhou importantes commissões de serviço publico, que lhe valeram ser agraciado com a carta de conselho, e nomeado chefe da repartição de contabilidade do ministerio da justiça e



contador da Bulla da Cruzada, cargos que desempenhou até á data do seu fallecimento em 26 de novembro de 1906. Muito considerado na politica, foi

eleito deputado em varias legislaturas, tendo sido tambem par electivo por Angra do Heroismo. Militava no partido progressista e contava 70 annos de idade.



Conselheiro João Joaquim de Mattos.— Serviu na arma de engenharia, onde attingiu o posto de



general de divisão, em que se reformou, mas, além da carreira militar, em que muito se distinguio, desempenhou no ministerio das obras publicas, importantes commissões, taes como a da direcção do lançamento do telegrapho electrico de Lisboa á fronteira e a de director das obras publicas em Beja, Castello Branco e Porto; tendo sido tambem o primeiro director dos caminhos de ferro do Minho, passando d'ahi ao conselho superior d'obras publicas e minas, sendo por ultimo presidente da commissão de pontes metallicas. Era condecorado com os graus de cavalleiro, commendador, grande officialato e gran-cruz da ordem de S. Bento de Aviz e commendador da ordem de S. Thiago. Nascido em 24 de junho de 1826, falleceu com 81 annos em 27 de novembro de 1906.



Visconde de Faro e Oliveira.— Tendo nascido em Lamego, pas-

sou uma grande parte da sua vida no Brasil, onde grangeou avultados bens de fortuna. Não esquecendo, porém, os seus compatriotas, e compreendendo o alto valor da instrução na lucta pela vida, foi um dos fundadores do Lyceu Litterario Portuguez e Brasileiro, benemerita instituição destinada a ministrar gratuitamente o ensino aos por-



tuguezes que, na grande nação da America do Sul, vão procurar os meios de vida. Por tal motivo foi louvado pelos governos portuguez e brasileiro, sendo-lhe tambem offerecido o titulo de visconde, que elle quiz ligar ao seu nome de familia: — Faro e Oliveira. Com 58 annos de idade falleceu em 30 de novembro de 1906, na antiga quinta do marquez de Vianna, em S. Pedro de Cintra, onde tinha estabelecido residencia.



Vice-almirante Francisco de Paula Teves.—Foi um illustre e valente marinheiro, que se distinguia sempre pelo seu brio, valor, coragem e espirito disciplinador, qualidades estas que em muitas circumstancias sobejamente demonstrou.

Tendo assentado praça, com quatorze annos incompletos, na marinha de guerra portugueza, a sua carreira foi ver-

dadeiramente brilhante, pois prestou relevantes serviços ao seu paiz, vindo a ser promovido a vice-almirante em 11 de novembro de 1906. Como recompensa d'esses serviços tinha as condecorações de cavalleiro, official, commendador e grande-official da ordem militar de S. Bento d'Aviz; cavalleiro, official e commendador da ordem de Christo; cavalleiro de S. Thiago, medalhas d'ouro de comportamento exemplar e de campanhas no ultramar; medalhas de prata de comportamento exemplar, de serviços no ultramar e de serviços de soccorros a naufragos, sendo tambem agraciado com o grau de cavalleiro da ordem de S. Casaró e S. Martinho d'Italia.

Foi governador dos districtos de Angoche, Mossamedes e Lourenço Marques, commandou varios navios de guerra e desempenhou outras importantissimas commissões de serviço, em todas as quaes se houve sempre distin-



ctamente, pelo que foi louvado em diferentes diplomatas.

Falleceu em 5 de dezembro de 1906 com 67 annos de idade.



General Julio Cesar Ferreira Quaresma.—Fez a sua carreira na arma de cavallaria, sendo

muito considerado pelo zelo, dedicação e proficiencia com que desempenhou varias commissões de serviço, e pelas qualidades militares que revelou no commando de alguns corpos. Serviu durante muitos annos nas guardas municipal e fiscal, foi o primeiro com-



mandante da Escola Pratica de Cavallaria em Villa Viçosa e era condecorado com o officialato e a commenda de S. Bento de Aviz. Estava reformado desde 1900 e falleceu em 12 de dezembro de 1906, contando 67 annos de idade.

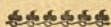


Dr. Francisco Ferraz de Macedo.

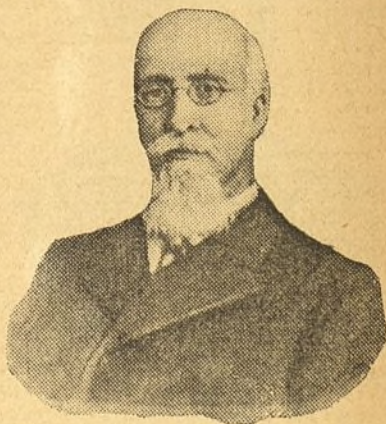
—Foi um notavel homem de sciencia, que conquistou, pelo seu trabalho indefesso, um nome dos mais illustres, sobretudo como anthropologista. Era doutor em medicina tendo-se formado no Brazil, sendo tambem um polyglota distincto. Escreveu numerosos artigos sobre arte, viagens, agricultura, commercio e industria, cultivou com exito a poesia, e, como anthropologista, deveu-se-lhe trabalhos de raro valor. No estrangeiro, em varios congressos, representou com brilho o nosso paiz, e, á data da sua morte, exercia o cargo de director do posto anthropometrico de Lisboa, junto do juizo de instrucção criminal. Nasceu em Ague-



la do Vouga, em 1845, e falleceu em Lisboa em 28 de janeiro de 1907



Guilherme Vasconcellos Abreu.—Era professor da cadeira de litteratura e linguas vedica e sanscrito no Curso Superior de Lettras, e conside-



rado, mesmo no estrangeiro, como um dos mais sabios orientalistas. E' vastissima a lista dos livros e opusculos scientificos e litterarios que publicou em portuguez e francez, dos congressos

em que interveiu e nos quaes deixou brillantemente assignalada essa intervenção, e das distincções, diplomas e medalhas de honra que de institutos e academias estrangeiras recebeu, bem como das referencias honrosas que os orientalistas mais eminentes lhe fizeram nos livros e memorias d'aquella especialidade. Muitas das suas obras, sobretudo no que se referem a lendas budhicas e sanskritas, foram não só a cada passo citadas, mas tambem traduzidas. Pelos seus indiscutíveis meritos tinha Vasconcellos Abreu, além dos diplomas e medalhas já referidos, o officialato da ordem de S. Thiago. Falleceu em 1 de fevereiro de 1907 com 64 annos de idade.



Dr. Clemente Joaquim dos Santos Pinto.—Lente e secretario da Escola Medica do Porto, veio depois



para Lisboa a exercer o logar de reitor do Lyceu do Carmo. Eleito deputado ás côrtes, distinguuiu-se pela fórma como se occupou de varios problemas de saude e hygiene, tendo sido o relator de algumas propostas sobre essas especialidades, e relatando-as e discutindo-as com superior elevação e criterio. Era tambem 1.º secretario da commissão executiva da Assistencia Na-

cional aos Tuberculosos (secção do Porto) e, na reitoria do Lyceu Central, impoz-se sempre pelo seu bom senso e inflexivel rectidão. Falleceu aos 39 annos de idade em 5 de fevereiro de 1907.



Visconde da Orada.—O visconde da Orada, Antonio Pedro de



Mendonça Côrte Real, era natural de Albufeira e um dos mais importantes e considerados proprietarios d'aquelle concelho, onde gosava de grande influencia, tendo exercido ali, por diferentes vezes, os cargos de administrador e de presidente da camara municipal, que sempre desempenhou com a maior dedicação e proficiencia. Falleceu em 8 d'abril de 1907, com 68 annos de idade, em Lisboa, para onde vieram tratar-se da doença que afinal o victimou.



Barão do Ramalho.—O segundo barão do Ramalho, Antonio da Fonseca Carvão Paim da Camara, nascido em Angra do Heroismo em 18 de setembro de 1836, falleceu na mesma cidade em 13 de abril de 1907, contando, portanto, 71 annos incompletos. De illustre ascendencia, formou-se em

sciencias naturaes na Universidade de Bruxellas, foi deputado, governador civil dos districtos de Angra do Heroismo e Ponta Delgada, presidente da camara municipal, do conselho de districto e da antiga junta geral d'Angra



do Heroismo, havendo além d'isto, desempenhado muitas outras importantes comissões de serviço publico na terra da sua naturalidade, e redigindo, durante muitos annos o jornal *A Terceira*.



Conde de Villa Nova da Gerveira. — Falleceu com 89 annos de idade em 14 d'abril de 1907. Era um dos mais illustres fidalgos portuguezes e o mais antigo camarista d'el-rei. Assentando praça muito novo, em infantaria, chegou até ao posto de capitão, reformando-se no de major, tendo tomado parte em varias campanhas entre as quaes a da Maria da Fonte. Possuia numerosas condecorações nacionaes e estrangeiras.



Conselheiro Ignacio Francisco Silveira da Motta. — Nasceu em Lisboa em 26 d'agosto de 1835. Falleceu na mesma cidade em 15 d'abril de 1907. Era secretario geral do minis-



terio da justiça, membro do conselho superior das escolas e socio da Academia Real das Sciencias. Foi deputado em varias legislaturas e presidente da camara electiva, cargo que exercen digna e intelligentemente. Distinguia-se



como orador parlamentar, e tambem como escriptor, tendo deixado, entre muitas obras de reconhecido merito litterario, as *Viagens na Galliza*, *Horas de repouso* e *Quadros de Historia Portuguesa*.



Tenente-coronel Eduardo Augusto Ferreira da Costa.—

Foram tantos e tão valiosos os serviços prestados por este distincto official, em quem o exercito e a administração colonial perderam um dos seus mais



brilhantes ornamentos e o paiz um dos seus mais dedicados servidores, que não cabe enumerar os na estreiteza d'estas rapidas notas. Incumbido de muitas commissões de serviço, de todas ellas se desempenhou brilhantemente. Salientou-se, entretanto, como chefe de estado maior da expedição organizada em 1894 para submeter o Gungunhana, sendo ferido na celebre batalha de Coolella, assistindo ao bombardeamento e destruição do *kaal* d'aquelle regulo e fazendo parte das operações contra os namarras, tudo isto por forma a deixar o seu nome gloriosamente vinculado á historia das nossas campanhas na provincia de Moçambique. Por estes seus serviços proclamou-o o parlamento *Benemerito da Patria* e votou-lhe uma pensão, sendo ainda agraciado com o grau de commandador da Torre e Espada. Exerceu com proficiencia o cargo de governador do districto de Benguela e, cerca de um anno antes da sua

morte, foi nomeado governador geral da provincia de Angola, onde tratava de vingar o desastre das nossas tropas no Cnamato, quando a morte o surpreendeu. Deixou Eduardo Costa muitos estudos e trabalhos reveladores do seu alto merecimento como escriptor militar e colonial.

Falleceu em Loanda, em 1 de maio de 1907, victimado por uma appendicite, contando apenas 42 annos de idade.



Conselheiro Antonio Duarte Marques Barreiros.—

Era juiz da Relação de Lisboa e abastado proprietario e lavrador. Tendo-se formado em direito, dedicou-se á magistratura e serviu como delegado e juiz em varias comarcas, até que foi promovido para a Relação dos Açores e mais tarde para a de Lisboa. Em toda a sua carreira deu sempre provas de rectidão e competencia e soube mere-



cer a estima e a consideração de collegas e amigos. Falleceu com 62 annos de idade em 9 de maio de 1907.



**General Luiz Carlos Mar-
del.**—Foi um illustrado e intelligente official do exercito, cujo nome ficou

vinculado a muitas e importantes comissões de serviço e a obras sciêntificas de reconhecido merito. Entre outros cargos, exerceu os de instructor de cavallaria na Escola do Exercito e commandante da Escola Pratica de Cavallaria em Villa Viçosa. Era gene-



ral do quadro de reserva e socio da Academia Real das Sciencias, onde lhe deram idgreso as suas notaveis obras *Polvoras e explosivos modernos* e *Armas portateis*. Tinha as commendas de S. Bento ne Aviz e de Christo e a medalha militar de prata de comportamento exemplar. Falleceu com 62 annos de idade em 15 de maio de 1907.



Dr. Gaetano Campos d'Andrada.— Era curador geral dos orphãos e uma verdadeira notabilidade no fóro, sendo o seu conselho invocado por muitos advogados. Trabalhador incançavel e honestissimo, contava com a estima de todos que com elle conviam.

Falleceu em 17 de maio de 1907, victimado por um se'irro no estomago.



Conselheiro Eduardo Augusto Vidal.— Escriptor e poeta de notavel talento, gosou no nosso meio litterario de uma aura glorificadora de todo o ponto justificada. Collaborou em muitos jornaes diarios e revistas litte-



rarias, e em volumes deixou, em verso, *Folhas soltas*, *Cantos do Estio* e *Crepusculos* e em prosa *Contos da Sésta*. Era socio da Academia Real das Sciencias e entrára muito novo para a alfandega,

onde ultimamente exercia o lugar de inspector. Falleceu em 20 de maio de 1907.

Vice-almirante Cypriano Lopes de Andrade.— Falleceu em 20 de maio de 1907 este distinto official de marinha, que exerceu os mais importantes cargos na corporação a que pertencia, taes como o de major general da armada, inspector do Arse-



nal, director geral de marinha, vogal do Supremo Tribunal de Marinha e por ultimo o de presidente do conselho general da armada, que desempenhava á data da sua morte.

Possuía a Torre e Espada, a gran cruz, grande officialato e commenda da Ordem de S. Bento de Aviz, medalha de ouro de comportamento exemplar, medalha de cobre de philantropia e caridade, medalha de prata concedida ao merito, philantropia e generosidade; medalha de ouro de Mecklemburg Schwerin e pertencia á Ordem do Merito Naval de Hespanha.

Marquez da Praia e de Monforte.—O sr. marquez da Praia e de Monforte, Duarte Borges Continho de Medeiros Sousa Dias da Camara, falleceu com 45 annos de idade em 25 de junho de 1907. Era bacharel formado em direito, official-mór da



Casa Real e par do reino por direito de hereditariedade. Dotado de grande actividade e espirito emprehendedor, o sr. marquez da Praia em vez de procurar commodamente gosar, n'uma vida despreoccupada, a sua fortuna pessoal, lançou-se na exploração das industrias agricolas, sendo muito apreciados os productos fabricados nas suas propriedades de Loures. Tinha primorosas qualidades de coração e de caracter, sendo por isso muito estimado na primeira sociedade de Lisboa.



Macau e a gruta de Camões

De todas as colonias portuguezas é sem duvida Macau a que apparenta um cunho mais nitidamente oriental. Quem desembarca no porto interior, unico que possui um caes accessivel, encontra-se em plena China.

Atravessando o bairro chinês, descobre-se na Praia Grande e depois na Avenida Vasco da Gama, uma tal ou qual reminiscencia da Europa; entretanto não deixa de vêr-se por toda a parte o feitiço do Celeste Imperio. Estabelecimentos de toda a especie são de chinezes, na sua maioria. Os conductores de jerinchás e de cadeirinhas são chinezes. De modo que o portuguez que entra em Macau, depois de uma viagem de, pelo menos, trinta dias, lembra-se, com saudade, da patria e procura naturalmente o que mais pôde trazer-lhe á memoria o facto da occupação, mais de trez vezes secular, dos portuguezes n'aquella afastada colonia.

Busca por isso a gruta de Camões, onde se diz que o nosso grande poeta escreveu os *Luziadas*, essa epopeia que immortalizou os nossos heroes, e as suas viagens e descobertas por toda a enorme vastidão dos oceanos. E' n'uma vasta quinta, pertencente ao sr. L. Marques que existe essa famosa gruta onde teem ido prestar homenagem ao grande poeta portuguez individuos de todas as nacionalidades.

Situada n'uma elevação que domina um extenso horizonte, a gruta é formada por algumas rochas graníticas que a natureza amontou a seu capricho, deixando entre ellas o pequeno recinto onde o poeta recebeu a inspiração da musa da patria.

Outra gruta se encontra não longe da primeira, d'onde o panorama que se estende a perder de vista é por egual grandioso e deslumbrante.

Duma e d'outra avistam o nosso poeta as caravellas que lhe levavam noticias da patria tão distante, mas sempre tão presente no seu espirito; d'ali presenciou as nuvens encastelladas que no

seu seio revoltou transportavam o tufão tão vulgar no mar da China.

E todas estas lembranças occorrem ao visitante que por vezes se deixa levar da inspiração que ali fica registada em caracteres indeleveis gravados nas rochas da gruta. Encheria um livro a collecção de hemistichios, quadras, e os mais variados versos que no decorrer dos tempos ali teem deixado esculpidos os forasteiros.

N'uma das grutas, que se pensa ser com effeito aquella em que Camões compoz o seu immortal poema, está sobre um pedestal de granito o busto do poeta.

Houve porém, o mau gosto de alindar a gruta, construindo-lhe um portico de cantaria que, tirando-lhe o aspecto grosseiro das obras da natureza, lhe tirou em parte o que ali havia de pittoresco.

E já que tratámos da gruta, fallemos da quinta primorosamente cuidada que a encerra. E' quinta puramente de recreio. O palacete da quinta, onde esteve em tempo a direcção d'obras publicas da provincia, serve hoje de deposito do material de guerra. Deixando o palacete á esquerda entra-se na quinta por um portão de modesta apparencia e logo se depara á vista uma formosa alameda rodeada de copado arvoredos e onde desembocam ruas que, atravez da matta, seguem as ondulações do terreno e nos levam em declive insensivel até ás eminencias onde se ostentam as grutas que a natureza nos seus caprichos mysteriosos ali collocou para nos deleitarem a vista com os mais deliciosos panoramas.

As palavras ambição e ambicioso vem do latim *ambire* que significa andar em redor. Os romanos chamavam *ambitibus* aos que, solicitando empregos, andavam em volta da assembléa do Senado a mendigar os suffragios. *Ambitus*, que significa circuito e circumferecia, significa tambem ambição.

O JOGO DO XADREZ

Foi inventado este jogo ahi pelo anno 357 antes de Christo, a darmos credito ás chronicas indianas, por um brahmane chamado Sissa que pretendu com elle abater o orgulho do monarcha enfatuado do seu poderio.

Com effeito, sabe-se que no jogo do xadrez a principal peça do jogo é o Rei que, apezar da sua importancia, não pôde dar um passo para atacar ou defender-se sem o auxilio das outras peças e dos peões ou soldados.

Não tardou que o jogo adquirisse grande celebridade, o que, tendo chegado aos ouvidos do principe indio, mandou este chamar o brahmane para que lh'o ensinasse. O sabio Sissa aproveitou o ensejo para lhe explicar o jogo, acompanhando as explicações dos conselhos sensatos que o caso suggeria.

O monarcha comprehendeu e aproveitou a lição. E agradecido pelo modo a um tempo engenhoso e delicado por que esta lhe era dada, convidou o bráhmene a pedir o que quizesse, para o recompensar de tão subtil descoberta. Sissa pediu ao rei que lhe dêsse um grão de trigo pela primeira casa do xadrez, dois pela segunda, quatro pela terceira e assim dobrando successivamente até á ultima casa, isto é á 64.^a

O rei, sentindo se ferido no seu orgulho que as lições do mestre não tinham totalmente debellado, achou o pedido tão mesquinho em comparação da sua munificencia, que despediu o bráhmene com mau modo, dando-lhe uma ordem escripta para o seu mordomo satisfazer o pedido que o bráhmene tão modestamente fazia.

Qual foi, porém, o seu espanto quando, minutos depois, viu entrar o mordomo todo afflicto, com ambas as mãos na cabeça, em signal de desespero e uma corda ao pescoço.

—Que tens? lhe perguntou o principe que já nem se lembrava da divida que, irreflectidamente, contrahira para com Sissa.

—Senhor! respondeu o mordomo; acabo de merecer a pena de morte, porque

pela primeira vez me é impossivel obedecer a uma ordem de Vossa Magestade...

—Pois atreveste-te?...

—Senhor, proseguiu o mordomo, o bráhmene Sissa acaba de entregar-me esta ordem assignada pelo augusto punho de Vossa Magestade; e eu nem em dez annos poderei satisfazel-a.

—Mas, como é isso? perguntou o principe já menos colérico, porém movido da maior curiosidade.

—O meu Augusto Amo ha de permittir-me que lhe diga que, se mandar semear de trigo todo o Indústão, desde o Hymalaia até Comorim, nem em dez annos terá a quantidade que me ordenou entregasse áquelle endemoninhado bráhmene que não desiste do pedido e não está resolvido a perdoar nem um bago de trigo...

E o mordomo explicou, ao rei estupefacto, que seriam precisas 65:536 cidades, cada uma com 65:536 celeiros, cada celeiro com 65:536 medidas de 65:536 bagos de trigo cada medida.

O rei, incredulo de principio, só se convenceu da verdade refazendo o calculo e, accrescentam as chronicas, ficou mais maravilhado ainda da subtileza do pedido do bráhmene, do que da invenção e complicadas combinações do jogo do xadrez.

O bráhmene dera-lhe mais uma lição: ensinou-o a nunca precipitar os seus juizos.

Por isso o monarcha mandou-o chamar novamente e pediu-lhe desculpa do modo brusco e grosseiro como o despedira, e encheu-o de honras e dignidades, de que o bráhmene não abusen nunca, o que ainda é mais para admirar do que a descoberta do xadrez e a questão dos bagos de trigo.

Não convidaremos o leitor a que refaça o calculo que, se é enfadonho, nada tem de difficil; dir-lhe-hemos apenas que o numero de grãos pedidos pelo bráhmene é expresso pelos 20 algarismos seguintes:

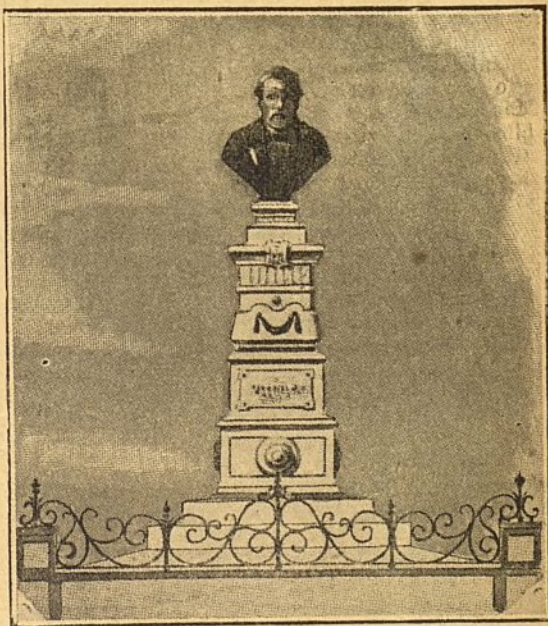
18.446.744.073 709 551.615.

Monumento a Antonio Rodrigues Sampaio

O Concelho de Espozende, onde Antonio Rodrigues Sampaio — O Sampaio da *Revoação* e do *Espectro* — nasceu em 25 do mez de julho de 1806, na ridente aldeia de S. Bartholomeu do Mar, resolveu, por iniciativa de um dos seus filhos o sr. Xavier Vianna, erigir ao grande e notavel jornalista um monumento que, embora modesto, representará uma homenagem de admiração e de apreço, por todos os titulos devida a quem, tão devotadamente, poz todo o seu esforço ingente e toda a sua intelligencia brilhante e dominadora ao serviço da patria e da liberdade. Para esse fim constituiram-se em commissão, além do iniciador, os srs. Alvaro Pinheiro, João de Freitas, Alfredo Vianna de Lima, José de Abreu e Alfredo Campos, correspondentes em Espozende de varios jornaes de Lisboa, Porto e Braga, e resolveram abrir uma subscrição publica para custear as despesas a fazer.

O projecto do monumento, cuja primeira pedra foi lançada no dia do centenário do nascimento de Sampaio, foi feito pelo director da Escola Indus-

trial Principe Real, de Lisboa, sr. Manoel José Gonçalves Vianna, tambem natural de Espozende, sendo o modelo do busto, que servirá para a sua fundição em bronze, trabalho



Esposende — Monumento a Antonio Rodrigues Sampaio

do notavel esculptor sr. Moreira Ratto Junior.

Um jogador previdente

Rotrou, um poeta celebre do seculo xvi, muito estimado pelo Cardeal Richelieu, foi, enquanto rapaz, um grande jogador. Por tal motivo imaginou o seguinte expediente para não perder ao mesmo tempo, na satisfação do vicio

que o dominava, todo o dinheiro que adquiria. Quando recebia o producto das suas peças theatraes deixava-o, em ouro e espalhado, para um montão de achas. Para o tirar de lá era-lhe preciso remexer as achas, e como, entre ellas, sempre ia ficando algum, conseguiu assim ter sempre ao seu dispor uma pequena reserva.

O poder anti-toxico do carvão

Todos mais ou menos sabem que o carvão vegetal ou animal, resultando da combustão das madeiras ou da calcinação dos ossos, tem a propriedade d'absorver os maus gazes que fixa um pouco á maneira da esponja de platina.

A therapeutica tem-n'o empregado, como se sabe, em casos de dyspepsias flatulentas, aproveitando-lhe exactamente essa preciosa qualidade.

Mas o que é menos do conhecimento publico é a sua afinidade mysteriosa para os alcaloides, isto é, para os principios amargos das plantas venenosas — strychnina, cantharidina, morphina, atropina, etc. — e tambem para os saes toxicos de potassio, calcio, sodio, mercurio, cobre, arsenico e chumbo. O carvão fixa estas substancias quando postas na sua presenca, separando-as dos liquidos em que estejam dissolvidas, e retém-n'as mecanicamente, nos seus poros, com tanto maior segurança quanto mais dividido esteja, pois, como se sabe, o estado pulverulento augmenta a superficie d'absorção.

Isto explica as qualidades desinfectantes do carvão na filtração d'aguas suspeitas, por exemplo, e as virtudes de certa maneira antisepticas que justificam o seu vantajoso emprego em algumas doenças infecciosas, como na febre typhoide.

Não é, entenda-se bem, que o carvão destrúa os microbios pathogenicos ou lhes empeça o seu desenvolvimento; mas como neutralisa, caçando-os na passagem, os venenos que estes microbios produzem e que lhes dão toda a sua nocividade, segue-se que por este

facto os torna completamente inoffensivos.

Os japonezes, que sabem muitas coisas que pela Europa se ignoram, ou em que se não pensa, infelizmente, servem-se do carvão vegetal da palha queimada, para o tratamento dos febridos.

A afinidade do carvão para os alcaloides é tal que elle pôde ser utilizado com o alcool, como dissolvente, para a extracção ou pesquisa d'estes corpos tão instaveis e tão difficeis, ás vezes, de colher.

D'aqui se conclue que o carvão é um contra-veneno universal, tanto mais apreciavel quanto é certo que elle se encontra em toda a parte e que a sua manipulação não offerece nenhum risco.

Tonéry, a quem se devem as primeiras observações d'este genero, tinha tal confiança n'este methodo, que não hesitou, um dia, para dar pleno convencimento á commissão da Academia das Sciencias de Paris nomeada com o fim d'apreciar todo o valor d'aquellas observações, em ingerir uma porção de strychnina sufficiente para matar tres homens; mas, como houvesse tido o cuidado de tomar ao mesmo tempo uma boa porção de carvão em pó, não lhe aconteceu nenhum mal.

No envenenamento pelos cogumellos, este corpo tem tambem uma acção prompta e indisentivel,

As propriedades anti-toxicas do carvão parecem-nos dignas de ser vulgarisadas, attendendo, a um tempo, ao seu rigor scientifico e á facilidade com que por toda a parte se encontra este famoso e simples contra-veneno.

BRANCOS, MULATOS E PRETOS

Os pretos do Senegal explicam a creação da raça humana pela seguinte curiosissima lenda:

Dizia, para realisar o seu projecto de

crear o homem, tomou uma porção de barro, fez com elle trez estatuas e meteu-as n'um forno, para depois infundir a alma n'aquelles trez corpos.

A primeira estatua de barro submetida á acção do calor saiu do forno descorada, porque esteve lá muito pouco tempo. Creou assim Deus o branco, o europeu, creatura imperfeita, mal acabada, e que o divino artista abandonou como obra indigna da sua alta sabedoria.

Mettou depois no forno a segunda estatua e deixou-a lá estar por maior espaço de tempo. Quando a tirou encontrou-a de cor um pouco mais escura que a primeira; mas abandonou-a também, porque não a considerou ainda obra perfeita. Deus só havia creado o mulato.

Continuou o Senhor na sua obra, mettendo no forno a terceira estatua. Deixou-a lá ficar por mais tempo que as duas primeiras, de modo que, quando a tirou, viu que estava completa-

mente negra. Tinha attingido a perfeição.

Creados os trez seres, o branco, o mulato e o preto, fez Deus com que adormecessem e durante o somno poz junto d'elles uma bolsa e um cavallo. O primeiro que despertou foi o branco; viu o cavallo e a bolsa e apoderou-se d'esta e do ouro que ella continha. O segundo a abrir os olhos foi o mulato; apoderou-se do cavallo, montou-o e partiu para o deserto.

O preto, mais perfeito que aquelles seus irmãos, porém mais preguçoso que elles, foi o ultimo a acordar e não encontrou nada junto de si. Eis porque elle está condemnado a trabalhar eternamente. O primeiro pae da sua raça creou n'elle a necessidade de dormir uma hora mais do que devia, e d'isto resultou a sua escravidão.

A idade das mães e o tamanho dos filhos

Um sabio allemão encontrou, como fructo de numerosas observações, uma relação muito curiosa entre a idade das mães e o tamanho ou estatura dos filhos, na especie humana.

O alludido sabio descobriu que, dentro de certos limites, quanto maior é a idade da mãe, maior é também, em geral e em egualdade de circumstancias, a estatura da descendencia.

Como termos medios resulta, com effeito, que quando a mãe tem de dezesseis a dezenove annos, o filho alcança uma altura de 49 centimetros; de vinte a vinte e quatro annos, o recém-nascido mede 49,5; dos vinte e cinco aos vinte e nove, correspondem ao infante 49,9; dos trinta aos trinta e quatro, os filhos nascem com 50,2; e quando a mulher tem de trinta e cinco a quarenta e sete annos, as creanças alcançam 53,3 centimetros.

Isto parece corresponder ao principio de que, quanto mais completo é o desenvolvimento de um organismo, mais desenvolvida resulta a descendencia.

cia, e, portanto, de maior estatura; donde se deduz que, nos paizes onde as mulheres são precoces, e por conseguinte se casam cedo, o tamanho da geração tende a diminuir.

Dá-se especialmente este facto nos povos do meio dia.

Entretanto não deve esquecer-se que as cifras citadas não são mais do que termos medios, e que, em cada caso particular, ha que ter em conta, além da idade da mãe, outras muitas influencias, porventura mais decisivas, para determinar a estatura da descendencia, como são a raça, a herança organica, a nutrição, a posição social dos paes, e varias outras circumstancias.

Em todo o caso não deixam de despertar interesse as observações que deixamos expostas.

Ha trez cousas—escreveu algures um critico—com que um homem sensato nunca deve contar, tendo-as como certas: o favor dos grandes, os carinhos das mulheres e os bellos dias de inverno.

Serração a Vapor

**Madeiras, arcos,
pregos e papel para encaixotamento de fructas
e outros artigos. Vinhos, vinagres e azeites
para exportação**
**Deposito de cebolas, batatas, alhos, fructas verdes
e seccas, toucinho, linguiça e banha**

Viuva de Augusto Francisco Vieira

Endereço telegraphico: OTSUGUA-Lisboa

Deposito: R. da Manutenção do Estado, 35—Beato

ESCRITORIO

Largo de S. Julião, 12, 2.º E—LISBOA



Joalherias

Ourivesarias

Relojoarias

DE

João Velloso Feijó

*Grande sortimento em brilhantes, ouro, prata
e relógios a preços sem competencia. Compram-se brilhantes e ouro
usado por alto preço. Concertam-se relógios
e objectos de ouro e prata*

R. da Prata, 299, 301 e 303 R. da Bitesga, 51, 55, 120 a 124

CAFÉ RESTAURANT—R. da Bitesga, 57

Sociedade de Seguros mutuos sobre a vida

SÉDE SOCIAL: Rio de Janeiro

FILIAL EM PORTUGAL: Largo do Camões, 11, 1.º — LISBOA

A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

Já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua, todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusive a approvação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

DIRECTORIA DA FILIAL

Presidente: CONSELHEIRO JULIO MARQUES DE VILHENA, *governador do Banco de Portugal, par do reino, ministro de Estado honorario.*

Vice-presidente: CONSELHEIRO DR. M. A. MOREIRA JUNIOR, *ministro de Estado honorario e lente da Escola Medica.*

Director consultor: CONSELHEIRO DR. LUIZ GONZAGA DOS REIS TORRAL, *advogado.*

Director medico: DR. HENRIQUE JARDIM DE VILHENA.

Gerente: M. A. DE PINHO E SILVA.

SEGUROS DE VIDA COM SORTEIO SEMESTRAL EM DINHEIRO, UNICAMENTE ADOPTADO PELA Equitativa. DOTAÇÕES DE CREAÇAS DE 1 AOS 15 ANNOS

Nos sorteios de abril e outubro de 1905, abril de 1906 e abril de 1907 foram contempladas as seguintes apolices, recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

COM 1.000\$000 RÉIS

20180, D. Amelia Marques da Costa Barros, Porto—20070, Dr. João Maria da Costa, Alpiarça—20291, Lino Joaquim de Almeida Aguiar, Lisboa—20899, José João Telhada, Santarem—20318, D. Maria da Silva Catharino, Alpiarça—20330, Dr. Antonio Cesar Almeida Reina, Figueira da Foz—20755, José Fernandes Rodrigues, Lisboa—20851, Abilio de Mattos, Ponte de Lima—20613, M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho, Lisboa—21539, José Antonio Rodrigues, Bombarral—22050, João Garcia Augusto, Extremoz—20508, José Francisco Enxuto Junior, Caldas da Rainha—21956—(provisorio) Adelino dos Santos Cera e esposa, Cantanhede—22173, Joaquim Paulo Marques, Alcaçovas—21508, Manoel Lopes Varella, Aviz.

Serão attendidos todos os pedidos de **tabellas de premios-prospectos** e outras informações que forem dirigidos á

Filial de A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º — LISBOA

J. Vilanova & C.^a

Representantes de TURNER BROS, L.^{td}, Rochdale (England)

FORNECEDORES DAS MARINHAS DE GUERRA
"INGLEZA,, E "JAPONEZA,,

Fabrica em Blanes (Espanha)

**Fabricantes e unicos vendedores
da acreditadissima correia de pelle de bufalo
"LOWSKY", marca registada**

Correias de todas as qualidades — Cabos de couro
para transmissões de força motriz
Atilhos — Colas para correias — Tacos de todos os systemas
— Empanques, Borrachas e Amiantos
para usos industriaes — Vidros de nivel de bordos refundidos,
da melhor marca que existe
— Lubrificadores de todos os systemas — Frictolina
— Denircunstante Elk, e todos os artigos e accessorios
para a industria

ARMAZENS EM BARCELONA

Moncada, 1; Assahonadores, 2 a 6; Paseo Cementerio, 66
Mirallers, 9; Baños Viejos, 16

160, R. da Boa Vista, 162

LISBOA

Telegrammas — LOWSKY — LISBOA

TELEPHONE — 1436

MACHINAS

Industriaes

— E —

AGRICOLAS

Carlos Correia da Silva

RUA SERPA PINTO, 24 — LISBOA

Motores a gaz, petroleo, vapor, etc.

Machinas typographicas e lythographicas

Machinas para serralherias,
carpintarias, funilarias, serrações
e leitarias

Debulhadoras, locomoveis, caminheiras,
moinhos para farinha e bombas

— * —

INSTALAÇÕES ELECTRICAS

José Henriques Totta

SUCCESSOR DE

Fortunato Chamiço Junior

BANQUEIRO ESTABELECIDO EM 1843

Companhia Garantia

DO

PORTO

SEGUROS DE FOGO E MARITIMOS

Fundada em 1853

AGENTE

José Henriques Totta

Rua Aurea, 69 a 75

Lisboa

PHARMACIA ULTRAMARINA

Rua de S. Paulo
99 e 101



Rua de S. Paulo
99 e 101

Depurativo Dias Amado

Preparado pelo pharmaceutico

LUIZ DIAS AMADO

Remedio sem mercurio eficaz para a syphilis.
rheumatismo, nevralgias, molestias de pelle, feridas antigas
ou recentes, padecimentos do estomago
e dos intestinos, asthma, varias doencas nos o'hos.

**Não confundir este remedio
com outros similares que apenas são imitações
de cujos effeitos se deve receiar**

MARCA REGISTRADA

**MILHARES DE ATTESTADOS
CURAS MARAVILHOSAS**

PEDIR O

**Depurativo Luiz Dias Amado
Na PHARMACIA ULTRAMARINA
99, R. de S. Paulo, 101**

LISBOA

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE SEGUROS

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada



Séde em Lisboa:

R. do Ouro, 32

Endereço
telegraphico:

SEGUROS

Numero telephonico

53

Seguros maritimos e terrestres

**Agencias nas principaes cidades
e villas do reino**

ASSEMBLÉA GERAL

Presidente: Antonio José Gomes Netto.

Vice-presidente: Visconde de Carnaxide.

CONSELHO D'ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Victorino Vaz Junior.

Vice-presidente: Conde de Silves.

Marquez de Gouveia, Carlos Reincke, Jorge O'Neill,
Joseph William Henry Bleck, Antonio Maria d'Oliveira
Bello Junior.

Director-gerente: Rodrigo Peixoto.

CONSELHO FISCAL

Presidente: Conde da Guarda.

Manuel Joaquim Alves Diniz, Antonio Serrão Franco,
Annibal Vaz, Fernando d'Oliveira Bello.